

Capítulo 11 - FRANCESCA TIRLONI

Eram realmente muito poucas as notícias sobre Francesca, e ainda mais difícil foi tentar reconstruir sua caminhada terrena que, aliás, foi interrompida muito cedo, justamente numa idade em que as pessoas geralmente começam a sua aventura, e a dela foi culminada por um longo calvário cheio de tribulações e sofrimentos. A grande dificuldade em encontrar material e histórias inerentes a ela, se deve ao fato de que hoje em dia, infelizmente, não vive mais nenhum dos que a conheceram pessoalmente. Até mesmo os seus próprios filhos, os quais todos já partiram para a vida eterna há mais de uma década, eram crianças pequenas na altura do seu desaparecimento. Portanto, eles mantinham de sua mãe recordações apenas ouvidas das narrativas de vários parentes.

Apesar de ter tido uma existência tão curta e dolorosa, Francesca desempenhou na nossa família uma presença de fundamental importância, graças a um pequeno pedaço de papel que, para nossa grande sorte, chegou até os dias de hoje. A alfabetização de Francesca, algo longe de ser óbvio na época, tornou possível para ela, quase na chegada da morte, reunir suas últimas forças para imprimir indelevelmente em papel todos os seus pensamentos, e fazê-los chegar à posteridade como uma denúncia contra seu pai, o tremendo patriarca Alessandro Tirloni.

Esta queixa, de fato muito forte, se evidenciou muito em detalhes que trouxe para a nossa compreensão não só a crueldade e maldade paterna, desmascarando-o em toda a sua crueldade, sem possibilidade de redenção, mas também revelou precisamente a realidade da grande riqueza material acumulada pelo nosso ancestral chefe de família

Posso dizer que, provavelmente, minha maior paixão e atração para a história de nossa família, foi alimentada principalmente pela leitura, mesmo durante a minha pré-adolescência, dessa velha carta que tinha despertado em mim a curiosidade pela figura do nosso fundador. Lembro-me que logo depois que a li, passei a fazer um pedido real de esclarecimentos ao meu avô Giuseppe (Peppino) Tirloni, bombardeando-o de perguntas, até muito desconfortáveis, para as quais o meu avô não se tinha negado a responder, e de fato respondeu tão completamente quanto ele pôde, usando sua memória brilhante.

Uma figura tão importante como a infeliz Francesca não merecia, sem dúvida, cair no esquecimento. Encontrar a sua história foi realmente uma empresa difícil, porque não se poderia até mesmo colocar as esperanças na busca de quaisquer documentos, já que a vida de Francesca foi muito simples e ocorreu quase que totalmente dentro de casa.

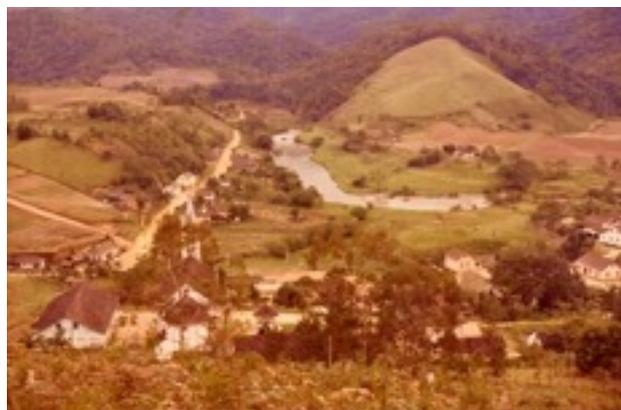
Uma ajuda muito grande, no entanto, veio da Tia Olga Grava, nora de Francesca, e única sobrevivente até a data atual, que fez parte da pequena família gerada por Francesca. Tia Olga, obviamente, nunca conheceu a sogra. E o fato de seu sogro, com quem, pelo contrário, ela viveu por vários anos ser um homem de poucas palavras e pouco inclinado a histórias, não facilitou as coisas. As memórias de tia Olga são autênticas pérolas, ainda mais valiosas, porque foram difíceis de serem encontradas, enquan-

to se tratava de fragmentos de história, resgatados nas névoas do tempo, as quais estariam destinadas a desaparecer para sempre. Tia Olga, apesar de seus 84 anos, e das enfermidades inevitáveis que a terceira idade, por vezes, traz consigo, não se subtraiu às nossas perguntas e concordou em entregar essas pérolas raras da história de Francesca. A ela vai os nossos mais sinceros agradecimentos!

Junto com a tia Olga, quero agradecer especialmente ao mais velho de seus netos, o jovem primo Frederic (Freddy) Retureau, que tendo sido contatado, imediatamente abraçou a nossa causa, e imediatamente se disponibilizou para atuar como intermediário e tradutor entre nós e a tia Olga. A bondade do primo Freddy realmente me impressionou muito, porque hoje em dia não é fácil encontrar jovens (ele é só um pouco mais velho do que eu) com uma paixão por essas velhas Histórias que levam à necessidade de remexer nas velhas gavetas em busca de fotos antigas e amareladas, e de recolher histórias melancólicas, às vezes muito tristes e feias. Ainda mais que este pedido veio, não de uma pessoa conhecida, mas de um primo distante, residente na Italiana, que até um minuto antes, era um parente desconhecido.

A Freddy tenho o prazer de estender meus agradecimentos pessoais e sinceros!

Francesca nasceu em Porto Franco (hoje Botuverá) na casa da família Tirloni, na margem direita do Rio Itajaí-Mirim.



Porto Franco: vista da vila e especialmente de casa Tirloni (fotografias, e 60 em 2009)

Sua data de nascimento era um mistério que perdurou por muito tempo, porque quando se decidiu escrever esta história, ninguém, até mesmo os parentes mais velhos, ainda vivos, lembravam exatamente quando essa parente tinha vindo à luz. A única coisa que foi transmitida - meu avô disse-me o ano exato de nascimento desta tia, mas eu simplesmente não me lembro - foi que ela tinha vindo a falecer muito jovem, alguns meses depois de ter escrito sua famosa carta (ou seja, em 1920), e quando seus filhos ainda estavam na infância, e portanto teria falecido em uma idade entre 20 e 24 anos. Podemos fazer uma hipótese de que ela nasceu entre 1896 e 1900, e foi, portanto, uma dos últimos filhos de Alessandro e de Elisabetta.

No início de nossa pesquisa, no inverno de 2009, dirigimo-nos para a Paróquia de Covo com a intenção de dar um pouco mais de segurança à figura de Francesca e, a partir do único fato certo (o período em que ela morreu) foi para buscar o seu nome no registro do funeral. Descobrimos que Francesca tinha morrido aos 26 anos e, por isso, entre os 12 irmãos Tirloni, era um pouco mais velha do que tínhamos imaginado. A sua data de nascimento era mais cedo do que se acreditava, e deve ter ocorrido num período entre 1893 e 1894.

Somente na primavera de 2012, a pesquisa generosa e paciente realizada pelo primo Luiz Augusto Tridapalli Archer, neto de Rosa Tirloni Tridapalli (uma das irmãs mais velhas de Francesca) o qual se juntou a nós e aos nossos esforços, nos deu uma ajuda realmente inesperada e excepcional, descobrindo o primeiro documento que fala dela, que é a sua certidão de batismo. Pela leitura desse registro, descobriu-se que Francesca chegou ao mundo no dia **30 de outubro de 1893**, e que era, portanto, a nona filha de Alessandro e Elisabetta.

No momento de seu nascimento, seu pai Alessandro tinha quase 41 anos e sua mãe Elisabetta tinha 37. Joana, e a irmã mais velha tinha 13 anos. Francesca, na sua infância, começava a olhar para o pequeno mundo em que a família vivia, com outros

olhos. Provavelmente esta irmã Joana foi vista por Francesca mais como uma segunda mãe do que como uma irmã, para lhe confiar e compartilhar momentos de incertezas.

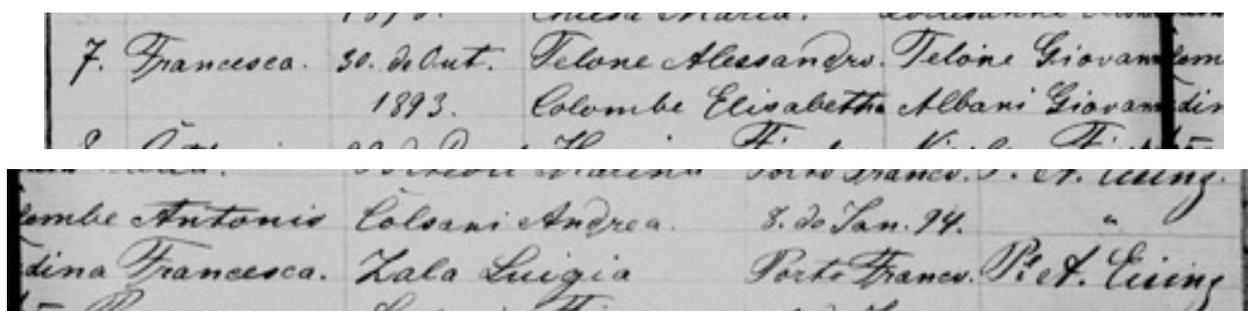
A Família Tirloni, com o nascimento de Francesca, entrou na lista das famílias numerosas do passado. Não era ainda um número recorde ter 9 filhos, mas de qualquer modo era um número que ocorria em muitas famílias daquele tempo, e isso leva a imaginar que depois dela, nesta casa, iriam ocorrer gestações posteriores.

A recém-nascida recebeu um nome familiar: o nome da avó Francesca Tardini (cuja exata transcrição do nome ainda está envolta em algumas dúvidas) Talvez esse nome dado pode muito bem estar ligado ao fato de que essa avó ainda estava viva, pois de acordo com relatórios no seu documento de imigração, no momento do nascimento, ela devia estar com 59 anos.

A este respeito, uma coisa que me intriga é o fato de que este nome de sua avó foi dado apenas à sexta filha, e nem mesmo à segunda, como seria de esperar da tradição que deseja que os primeiríssimos filhos recebessem o nome de seus avós, como um sinal de honra e respeito.

O fato de que, em vez disso, se decidiu dar esse nome à menina, pode-se supor que esta avó, na verdade, tinha acabado de morrer, e o gesto foi feito apenas para transmitir o nome da falecida. Por outro lado, é preciso lembrar que a questão surgiu da leitura do atestado de óbito da mãe de Francesca, em que parece que esta avó materna ainda estava viva, embora ela fosse muito velha. Infelizmente, esta questão provavelmente continue assim, porque não temos qualquer material para analisar e estudar.

Francesca foi batizada no dia 08 de janeiro em Porto Franco, capela dedicada a São José, e foram padrinhos os senhores Andrea Colzani e Luigia Zala.



Certificado de Batismo de Francesca Tirloni (fotografia - ano 2012)

Da leitura desta certidão surge também alguma estranheza quanto ao nome do avô materno, que é citado pelo nome de Antonio, em vez de Calisto. Em todos os certificados analisados, esta é a terceira vez que este nome aparece de forma diferente, e somos realmente incapazes de explicar o porquê.

11.2 - Infância e Adolescência

Na época de seu nascimento, a pequena vila de Porto Franco tinha cerca de 17 anos, e certamente começava a definir a sua infra-estrutura de vila e já não era mais uma vila de ruas primitivas e improvisadas. Certamente a família já estava perfeitamente organizada, e todos os negócios de seu pai Alessandro estavam completamente iniciados e geridos pelos vários membros da família de Francesca.

Valem também para Francesca todas as considerações feitas anteriormente a respeito dos irmãos e irmãs: todas as crianças passavam pelos mesmos problemas neonatais, e também para o fato de que chegassem ao final do primeiro ano de vida deve ter sido absolutamente uma questão de percurso! Pode-se pensar que neste canto remoto da floresta brasileira não havia problemas com o frio (que caracteriza os longos invernos da Europa). Mas nossa antiga família do Brasil lembrava exatamente como há muitos anos - ao contrário de agora, onde isso já praticamente não acontece mais - durante o inverno passava a ocorrer a geada! Ela certamente não era como na Itália. O frio durava muito pouco, e a neve nunca existiu. Mas penso que absolutamente ninguém estava equipado para lidar com a menor queda da temperatura. Certamente estes primeiros anos foram muito difíceis para todos, e especialmente para as crianças!

É certo que durante a sua infância foi sua amiguinha de brinquedos a sua irmã Vitória, que era mais velha do que ela um pouco mais de um ano. Mas considerada a realidade da família em que Francesca veio ao mundo, o tempo dos jogos e brincadeiras não era mais do que um conceito abstrato e de pura fantasia. Mas certamente há razões para acreditar que sua infância foi mais bonita e menos complicada do que a dos seus primeiros irmãos e irmãs.

O pai Alessandro, a esta altura, tendia a não mais arriscar sua vida, cortando as plantas no mato. e passava mais tempo dirigindo o trabalho na serraria e no controle do empório. Mas certamente suas roupas de pai, cujo cabelo agora era já bastante grisalho, estavam sempre sujas pelo trabalho. Os irmãos, apesar de serem pouco mais do que mocinhos, saiam de casa todas as manhãs com serras e machados para passar o dia cortando as árvores para a serraria, em conjunto com outros trabalhadores contratados por seu pai. A mãe Elisabetta, junto com suas filhas mais velhas, estava sempre ocupada atrás do balcão da loja, ou para dar hospedagem, alimento e abrigo para vários empregados do pai, como também para os viajantes.

Francesca, antes mesmo de ter um papel ativo neste laborioso microcosmo, certamente compreendeu desde cedo que em breve também para ela haveria muito trabalho a fazer. Se ela não participava diretamente em todos estes dias de riscos e trabalhos, certamente não era uma espectadora completamente passiva desta vida movimentada, trabalhosa e perigosa, guiada energética e decididamente pela mão de seu enérgico pai.

A única coisa certa é que também ela, assim como todos os moradores de Porto Franco, precisavam trabalhar duro para sobreviver aos vários perigos das matas que circundavam a aldeia em que viviam, e à medida que ela cresceu, Francesca começou a

tornar-se consciente da realidade em que vivia e também das coisas que, hoje em dia, podem parecer absolutamente absurdas (por serem tão perigosas) mas que para ela tornavam-se normais em sua vida de todos os dias.

A grande quantidade de trabalho que assinalei há pouco, é algo absolutamente normal, porque em toda parte, nas realidades rurais do mundo, todos trabalham muito, e a única diferença era a profissão que alguém exercia. A infância como a conhecemos nós, hoje, era um conceito impossível até mesmo para se pensar. No entanto, no Brasil, também existiam riscos que eram muito superiores aos da realidade Européia, onde eram quase inexistentes.

Para começar, Francesca via sua casa cercada por espelhos para evitar encontros desagradáveis com cobras venenosas (que eram normais em Porto Franco) De tempos em tempos, via seu pai e seus irmãos mais velhos, ao longo do rio, com as balsas de madeira, levando-as para a cidade de Brusque, e retornar somente após várias dias, quando sua mãe e as irmãs já estavam em espera ansiosa.

Certamente Francesca, mesmo que fosse apenas uma criança, percebia a apreensão que reinava na casa quando os homens ficavam fora por dias inteiros, e à medida que ela crescia, começa a entender os perigos que enfrentavam nessas viagens, que para ela eram quase desconhecidas e misteriosas.

Essas coisas descritas eram típicas da realidade do mundo em que ela vivia, mas estar atenta à presença de cobras ou aos risco de afogamento no rio, não eram as coisas mais perigosas com que Francesca vivia. Quando à noite, se retirava na sua casa para descansar, era preciso pensar que todos os ouvidos estavam sempre em alerta para ouvir qualquer som "estranho" que pudesse sugerir um ataque de algum animal selvagem, ou pior, dos Bugres selvagens. Então, também aqueles poucos momentos de paz noturna terminavam, e os mais velhos tinham que tomar imediatamente providências para proteger a vida dos filhos pequenos e indefesos.

Quando não eram os indígenas os primeiro a atacar, eram o próprio pai e os irmãos que passavam a noite montando guarda apenas para evitar serem surpreendidos pelos ataques dos selvagens. Em suma, o silêncio era um bem raro, e crescer e tornar-se grande, era muito difícil!

Com todo o trabalho que a família Tirloni tinha, Francesca certamente não podia esperar obter a atenção que, hoje em dia, os pais oferecem a seus filhos menores. Ela era cuidada e controlada principalmente por suas irmãs, e o tempo para brincar era muito pouco. Muito em breve ela teria começado a dar a sua pequena contribuição para o grande trabalho da família.

Eis que agora a pequena Francesca estava ocupada com sua mãe e suas irmãs na gestão do complexo império "econômica" nascido da vontade obstinada de seu pai Alessandro, sustentado e mantido devido à atividade árdua e incansável da mãe Elisabetta e de seu "exército" obediente das filhas. Eu não tenho nenhuma ideia do que poderia ser o volume de negócios e quantas pessoas gravitavam em torno desse microcos-

mo econômico, mas acho que para as mulheres da época da casa Tirloni, tempo para descansar, havia muito pouco!

Então, quando se recolhia para dormir, nada mais fácil de acontecer do que o sono da pequena Francesca ser interrompido pelos ataques dos Bugres selvagens. Ou se conseguia repousar, era porque estava ciente de que seu pai e os irmãos estavam a postos para guardar a segurança. Podemos apenas imaginar o terror que a pequena Francesca sentia quando, em situações como essa, talvez ouvia gritos, ou pior ainda, tiros de espingarda!

Quem sabe o que acontecia na casa, nessas longas noites, quando os homens montavam guarda, e todas as filhas se encontravam com sua mãe, e rezavam alguma oração, ou então ficavam em suas camas e mantinham as suas preocupações para si mesmas? Tudo isto para não falar das preocupações que surgiam quando as pessoas da família tomavam o caminho do rio para transportar a madeira até a cidade. As preocupações dos que permaneciam em casa aguardando o seu retorno não devia ser muito diferente ou mais sereno. Certamente, as oportunidades de fazer orações e os pedidos de intercessão não eram poucas!

Obviamente, Francesca nunca participou pessoalmente destes confrontos e missões punitivas contra dos índios que os pioneiros, exaustos, chegaram a fazer com a intenção clara e precisa de assustá-los, mas também de matar os índios no maior número possível. Mas quem sabe se alguma vez não lhe coube de encontrar e ser envolvida nos ataques que os nativos Bugres faziam de surpresa como contra-ataque. Eu me pergunto o que ela achava dos confrontos sangrentos, nos quais sobreviviam apenas vencedores. Infelizmente nunca saberemos!

A realidade de Porto Franco em que cresceu Francesca era apenas uma parcela da Província de Bérghamo transplantada para a América do Sul. Mesmo os costumes e as tradições da comunidade se conservaram perfeitamente inalterados. Todos falavam o dialeto bergamasco e o prato de todas as famílias era um prato de polenta. Francesca, na sua primeira infância, pronunciou palavras em dialeto Bergamasco, a linguagem que, aliás, ela usou por toda a vida.

Para Francesca, como para a maioria de seus irmãos e irmãs, não havia muito tempo para se dedicar ao estudo, mas aprendeu (não sabemos de quem, provavelmente de alguém que colocou à disposição um pouco do tempo para ensinar) pelo menos a ler e, como se costumava dizer, "a fazer as contas". Talvez também aprendeu uma escrita elementar, mas há razão para acreditar que só depois - quando ela já estava na Itália - aprendeu a escrever corretamente em italiano.

Francesca tinha cerca de um ano e meio, quando nasceu seu irmão Eliseu, e acabava de completar três anos, quando nasceu o irmão Ângelo, e 5 anos e meio quando nasceu a Antonia, a última irmã. Tinha um pouco mais de sete anos ao participar do casamento de sua irmã mais velha, Joana, e tinha mais um ano, quando ficou tia pela primeira vez. Agora, no entanto, naquele momento, sua infância despreocupada tinha sido

substituída por um longo tempo com trabalhos a tempo inteiro, e Francesca já estava definitivamente uma pequena mulher da casa.

Nos próximos anos, Francesca viu sair de casa as outras duas irmãs: Rosa e Albina que se casam, respectivamente em 1904 e 1907. Em seguida, também vê o irmão, João, iniciando um relacionamento com uma garota chamada Narcisa, que vivia na vila de Nova Trento. Agora o núcleo familiar de Francesca começou a abrir-se, e cada um de seus irmãos começaram a seguir o seu caminho.

Como dissemos, não chegaram até nós relatos da adolescência de Francesca. Nós não temos notícias relacionadas com sua história desse período de sua vida, durante seus anos vividos no Brasil. (E para ser honesto, nós não temos de sua vida senão informações fragmentárias, também indiretas). Infelizmente não há nada que revele o seu caráter, não sabemos como deve ter enfrentado o pai terrível e despótico, não temos ideia se ela aceitava seus desejos e ideias (como no futuro faria a irmã mais nova, Vitória), ou se, pelo contrário, teve a oportunidade de manifestar diferenças e confrontos.

Como todos os membros mais jovens da família Tirloni, Francesca também certamente deve ter sido uma grande trabalhadora, assim como seu incansável pai e mãe, porque, infelizmente, não teve muita escolha ...

11.3 - A nova vida na Itália

Também para Francesca, a vida estava prestes a mudar radicalmente, quando era uma adolescente de 15 anos, no famoso ano de 1909. Ano que podemos definir como "um ponto de reviravolta" para toda a família Tirloni.

Infelizmente, como sempre se disse, não sabemos como realmente aconteceram estes fatos, e como a família Tirloni (mas especialmente seu pai Alessandro, que tinha o poder de decisão na casa) chegou a essa decisão.

Apesar de seu caráter duríssimo que bem revelava uma falta quase total de sentimentos, seu pai Alessandro provavelmente se ressentia de um pouco de "nostalgia" para com o seu país de origem. Como já foi dito muitas vezes, todos os emigrantes de Porto Franco eram muito apegados à pátria mãe, a Itália, e a vida dessa comunidade era marcada por uma forma de viver exatamente como era na Itália. Mesmo o isolamento da colônia do "Mundo desenvolvido" da cidade de Brusque, isso facilitou muito a manutenção da identidade e dos hábitos que permaneceram enraizados até mesmo em nossos dias.

Os pais de Francesca eram um casal de mais de 50 anos (naquele tempo já considerados idosos) com nostalgia da Itália, e perceberam que agora os filhos eram grandes e começaram a se casar e a criar as suas vidas neste mundo novo. Eles dois começaram a pensar que seriam forçados a passar a vida inteira no Brasil, e nunca mais ver o país que lhes deu nascimento. Se estas considerações forem combinadas aos aspectos jurídicos e econômicos das taxas a pagar por estas terras, que antes eram livres, com mais o fato de que a conduta de seu pai Alessandro andava - como tem sido dito muitas vezes - nos limites da legalidade (e tinha sido, por isto, muitas vezes chamado pela polícia, que já tinha até encomendado um repatriamento forçado)... podemos entender que o pensamento de voltar para a Itália estava se tornando mais premente e certamente fazia passar noites sem dormir, até mesmo para o pai Alessandro.

Ninguém sabe ao certo o que realmente levou o chefe da família a tomar a decisão final, não sabemos qual de todos os aspectos mencionados acima prevaleceu em sua mente, mas temos que acreditar que, quando confrontado com uma decisão tão difícil, até mesmo o pai Alessandro, acostumado a lidar com todo problema de peito aberto e sem hesitação, fez uma pausa para refletir e ponderar, mas afinal tomou a sua segunda grande decisão: **voltar para a Itália!**

Francesca já era grande o suficiente para entender o que significava uma escolha deste tipo, e que tinha conseqüências sobre ela. Mas não sabemos como ela e seus irmãos enfrentaram esta decisão. Não sabemos se ela deparou com um escolha irrevogavelmente tomada, ou se os filhos foram envolvidos desde o início nas reflexões do pai. É bom pensar em uma cena típica de "reunião de família", em que todos os familiares (sua esposa, todos os 12 filhos, três genros e - por que não - mesmo os netos) se reuniram em torno da mesa para ouvir as ideias de seu pai. É bom pensar que todos, ao ouvirem uma semelhante proposta puderam expressar seus mais variados pontos de vista (Além disso, tendo em conta a grande variedade de idades e afetos/interesses das pessoas envolvidos) a se unirem para uma escolha certa. Mas sabendo do temperamento do

patriarca Alessandro, nada é mais fácil de se imaginar que Francesca e seus irmãos puderam falar muito pouco, e puderam influir bem pouco na escolha final.

Não sabemos nem mesmo se aos membros da família foi dada a liberdade de escolher os seus destinos. Certamente, sua mãe Elisabetta seria forçada a acompanhar o marido pelo dever de casada, mas eu acho que a ideia de voltar para a Itália, afinal, não lhe desagradava completamente. Os filhos mais jovens (Francesca, Eliseu, Ângelo e Antonia) eram praticamente obrigados a seguir os seus pais, para a Itália. As filhas casadas e genros certamente foram deixados livres para decidir em seu nome. Mas o que aconteceu a 5 irmãos ainda não casados?

Boas regras de vida familiar estabeleciam que as filhas solteiras permanecessem com seus pais, pois nesse momento seria impróprio romper com a família: as moças sérias saíam de casa ou casadas ou freiras. Não lhes era autorizado fazerem-se aventureiras! Nós não sabemos se as irmãs Ângela e Vitoria estavam envolvidas com namorados, em Porto Franco, com quem pudessem casar. Só sabemos que elas voltaram para a Itália, juntamente com os pais e irmãos mais novos.

As filhas casadas e os três genros fizeram uma escolha mais óbvia de permanecer no Brasil. Suas vidas já tinham tomado uma rota bem definida e não estavam dispostos a mudar. Mas o que estava sendo dito aos irmãos João, Vittorio e Emanuele? Podiam escolher o seu próprio destino, ou foram obrigados a obedecer a vontade do Pai?

É mais do que óbvio que o pai Alessandro queria que seus três filhos já crescidos voltassem com ele para a Itália para trabalhar a terra que havia comprado. Caso contrário, não faria sentido comprar uma empresa para ceder o trabalho a terceiros. Os três filhos representavam uma força de trabalho absolutamente necessário para os projetos do pai Alessandro, e por isso não estava absolutamente disposto a perdê-los.

O velho pai fez as coisas por bem, e Francesca o vê sair para a Itália, acompanhado pelo irmão mais velho, João, à procura de uma fazenda para comprar, que fosse adequada para as necessidades da família.

Este fato deve ter causado certamente um forte impacto sobre a adolescente Francesca, que estava acostumada a ouvir as histórias terríveis que os antigos de Porto Franco (e até mesmo seus próprios pais) contavam sobre a experiência de viajar de navio, como migrantes pobres. Mas também pode ser que ela ouvia as histórias das novas famílias que regularmente vinham do velho mundo para povoar a colônia. Também os recém-chegados confirmavam os contos dos velhos, porque uma viagem de emigrantes estava sempre em condições realmente terríveis. Era portanto inevitável para todos a ideia de associar uma viagem marítima com o pesadelo de jornadas de esperança para os migrantes pobres, que talvez eram exterminados por doença ou epidemias que eclodiam no navio, devido à falta absoluta de higiene, e de alimentos muitas vezes estragados.

Certamente agora a família sabia que seu pai Alessandro e o irmão João não iriam viajar mais na terceira classe. Pelo menos as condições de higiene seriam melhores, de modo que eles podiam imaginar tratamentos melhores viajando de segunda classe, em-

bora nenhum deles sabia o que iriam experimentar pessoalmente, para que eles pudessem estar certos de como uma empresa de viagens levava em consideração os passageiros, para que estes tivessem confiança. Uma coisa era certa, no entanto, que o medo de doenças ou de incorrer em infortúnios era sempre muito grande.



Em primeira e segunda classe (fotografia - início do século XX)

Devemos também pensar que, provavelmente, durante o tempo da viagem para a Itália do pai e do irmão, não chegou nenhuma notícia deles para Porto Franco. Então permanecia sempre a incógnita que naqueles tempos acompanhava cada viagem, uma vez que o risco sempre estava às portas. A ideia de algum problema (ou pior, algum infortúnio), que pudesse ter pego os dois viajantes nunca tinha sido posta à parte. Quem sabe o que Francesca pensava e sentia todo esse tempo ...

Quando, finalmente, depois de pelo menos 4 meses de silêncio e dúvida, o seu pai e irmão mais velho vieram de volta para Porto Franco, pelo menos esta preocupação desapareceu, para dar lugar à curiosidade provável que veio com as histórias contadas por seu pai e o seu irmão, de que fizeram a experiência de uma viagem confortável, e as impressões recebidas da Itália no início do século XX. (Totalmente diferentes do que Alessandro tinha deixado 30 anos antes), Provavelmente o pai Alessandro e o irmão João não tinham muito que dizer, e a tensão na casa era palpável, porque a família inteira teve que lidar com um outro grande problema que havia surgido na Itália, desconhecido de toda a família: a rebelião de João!

Este irmão tinha de fato comunicado ao pai, enquanto estava na Itália, a sua decisão de ficar no Brasil para se casar com sua namorada Narcisa, e pode-se imaginar que esta notícia para o idoso pai foi como uma facada no coração. Infelizmente, não sabemos exatamente como estes eventos ocorreram e não sabemos como a família recebeu a notícia, quando os dois retornaram a Porto Franco, mas certamente não pode ter sido um momento fácil. É de se esperar que pelo menos alguém da família tenha entendido Jo-

ão, e tenha feito a seu defesa, tentando acalmar a ira do idoso Alessandro, que entristecido com essa deserção de seu filho mais velho, sem dúvida ficou furioso e intratável.

Nós não sabemos exatamente quanto tempo decorreu entre o retorno a Porto Franco do chefe da família e a partida definitiva de toda a família. Mas há motivos para crer que, pelo menos, deve ter sido um mês ou mais, uma vez que, além da preparação de todas as coisas para levar para a Itália, o pai teve de lidar com a regularização de todos os aspectos burocráticos, a venda e a distribuição das várias terras e propriedades para os filhos que permaneceram no Brasil. Para Francesca este foi um tempo de preparação para o desligamento de seu mundo.

Nós gostamos de pensar que nestes momentos Francesca continuava a atender aos trabalhos e a todos os seus deveres, mas era capaz de reservar algum tempo para si mesma. Talvez, pelo menos à noite, terminados os seus dias trabalhosos, seria capaz de passar o tempo com o seu povo, seus amigos na vila, suas irmãs e cunhados, dos quais esta para se separar, e de seus sobrinhos. Este era o momento em que se evocavam as memórias mais agradáveis e inesquecíveis, mas também, e especialmente, quando, sem medo, afirmava-se claramente tudo o que se sentia, mas que por modéstia ou deferência nunca se atrevia a dizer ...

Nós gostamos de pensar que ela pôde usar esse tempo para dizer adeus a todos eles, mas também para lançar um olhar de modo diferente para o mundo em que viveu até agora: sua casa e os cenários que havia visto todos os dias desde o acordar até à noite antes da hora de dormir, a lembrança da igreja em que ela ia para a missa, o rio com as muitas apreensões quando havia visto os irmãos que estavam se preparando para percorrê-lo com as pilhas de madeira, bem como os vários lugares aos quais estava ligada, porque eram carregados de memórias, e talvez até os jogos da infância e dos momentos de lazer com amigos.

Nós não sabemos se, no momento, Francesca que era um adolescente, começava a olhar o mundo com olhos diferentes, e não mais como uma criança. Talvez algum amigo que estimava particularmente (aquele garoto que ela sempre esperava encontrar, mas não teve a coragem de confiar os seus sentimentos), ou até mesmo um namorado. (O que, é claro, teve que manter escondido por causa da vergonha daqueles tempos). Se assim ocorreu, para ela deve ter sido ainda mais doloroso esse tempo de desapego forçado.

Sabe-se que em casos como este, o tempo corre muito rápido e logo vem o dia da partida. Francesca tinha quase 16 anos e estava prestes a mudar radicalmente de vida, deixando todas as certezas, as normalidades para com as quais estava habituada, a fim de enfrentar uma aventura em um mundo desconhecido, apenas imaginado pelos contos feitos pelos mais velhos que falavam de pobreza e sacrifício. Obviamente, nesta nova aventura ela não estava sozinha e não era uma deserdada (como ocorreu com seus pais, quando um pouco mais velhos do que ela, tinham emigrado para o Brasil). Mas ao contrário, era uma garota descendente de um homem rico, que tudo levava a pensar que

agora a estrada era cômoda e em descida. Certamente, porém, não foi fácil para ela dar este passo.

Muitas vezes me pergunto como esses rapazes passaram as últimas 24 horas em seu mundo, como o terão visto, e o que eles terão feito... Eu particularmente sou muitas vezes levado a pensar no que eles sentiram na última manhã, quando acordaram em sua cama, quando passaram pela última vez o limiar de sua grande casa junto ao rio, e como viram as pessoas que vieram para cumprimentá-los. Certamente a jovem Francesca teria olhado em volta e cuidadosamente teria concentrado seus olhos como que para capturar pela última vez aquelas imagens tantas vezes vistas de Porto Franco e do seu povo ...

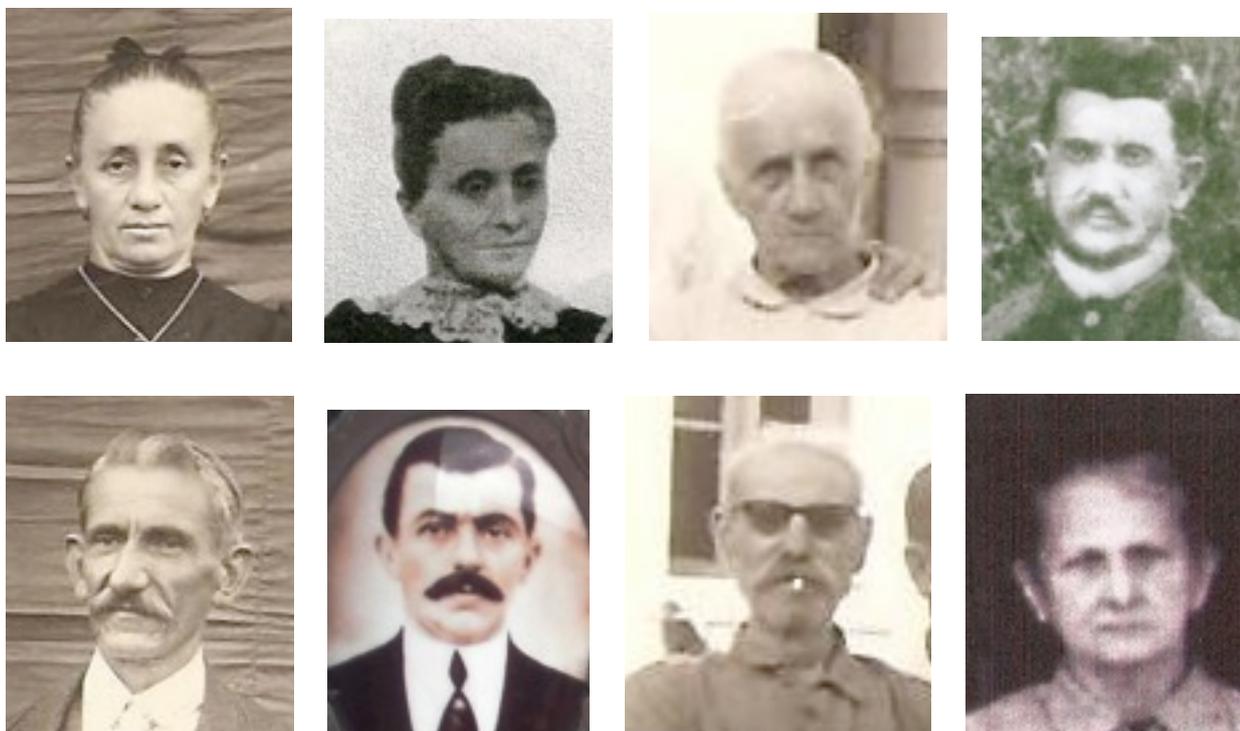
No momento da partida, certamente Francesca percebeu que não mais iria ver o seu povo, e nunca mais iria ver o seu mundo em que nasceu e foi criada, e certamente chorou muito no momento da separação das irmãs, dos irmãos e dos sobrinhos.

Certamente sofreu muito ao se despedir dos amigos de Porto Franco, e talvez de algumas pessoas da vila com as quais tinha alguma afeição especial, talvez alguns parentes por quem era apaixonada (irmãos da mãe Elisabetta, talvez, também o pai de Alessandro, sempre supondo que este último tivesse vivido em Porto Franco). Como disse, não sabemos se os pais de Elisabetta e avós de Francesca, ainda estavam vivos. Também não sabemos se eles estavam no Brasil ou teriam retornado para a Itália junto com a família. Mas em todo caso, a jovem Francesca sabia - como todos - que o abraço que ela estava dando para o seu povo era um abraço para sempre. A saudação que estava sendo dada era de fato um "*Adeus*" e não apenas um "*até logo*". Era uma saudação de quem sabia que nunca mais iriam se ver.

Nós não temos relatos detalhados deste momento, por isso não sabemos exatamente como foi este momento da despedida, mas nós gostamos de pensar que pelo menos em tal "despedida", todos estavam presentes, juntamente com amigos e conhecidos da vila:

1. - Joana, sua irmã mais velha, tinha 29 anos, e 8 anos antes contraiu um bom casamento com João Morelli, que tinha 35 anos de idade. Os dois tinham quatro filhos: Luiz tinha 7 anos, Maria tinha cerca de 5 anos, Anna que tinha 3 anos, e José com apenas 1 ano.
2. - Rosa, a segunda irmã, tinha 27 anos, e 5 anos antes tinha contraído casamento com Carlos Tridapalli, um neotrentino de 35 anos. Não sabemos exatamente quantos filhos tinha neste momento o casal, além de Luis, o mais velho, de três anos, e a segunda filha Amélia de um ano.
3. - Albina, a terceira filha de 25 anos, casada há cerca de 2 anos com José André Maestri, que tinha 26 anos de idade. Este casal tinha uma filha recém-nascida chamada Maria
4. - João, o irmão mais velho, como já foi dito, de 23 anos, e estava perto do casamento com a namorada da mesma idade, uma neotrentina chamada Narcisa Geselle

5. - Vittorio, o segundo irmão, estava entre aqueles que permaneceram no Brasil, ficando mais três anos para concluir os estudos, e ir juntar-se depois à família após os estudos. Provavelmente foram-lhe confiados os últimos pensamentos de Francesca e de seus irmãos, para com todos os amigos e conhecidos que permaneceram no Brasil.



Os irmãos Tirloni que permaneceram no Brasil (fotografias, de vários anos): Joana, Rosa, Albina e João, e os cunhados: João Morelli, Carlos Tridapalli, José Maestri e Narciza Geselle

Estes são os familiares que permaneceram e, além destes, estão os outros parentes (Irmãos da Elisabetta e suas famílias, os antigos "companheiros" de aventuras do pai, isto é, os pioneiros que juntamente com Alessandro chegaram por primeiro a Porto Franco, como por exemplo, o velho casal Morelli e Maestri (que se tornaram sogros das filhas mais velhas de Alessandro). Mas ali estavam também todos os amigos e amigas de seus irmãos e irmãs, que provavelmente se reuniram para saudar os parentes, e entre eles, certamente, havia também a namorada que o irmão Emanuele deixou no Brasil.

Certamente correram lágrimas. Acima de tudo se pode imaginar que a mãe Elisabetta, uma mulher delicada e suave, sofreu muito ao se separar das filhas e dos netos, mas não é impossível que um homem frio como o pai Alessandro e seus irmãos mais velhos, tenham cedido às emoções.

Chegou o momento da separação final. Enquanto todos ficaram parados a cumprimentar o grupo de 9 pessoas, estes finalmente viraram as costas para Porto Franco, começaram a viagem para a Itália. Gradualmente suas figuras desapareceram para sempre, e também Francesca, que talvez olhava para trás pela última vez, via as faces dos amigos e familiares que se tornavam cada vez menores até que desapareceram. À medi-

da que iam indo, mesmo a pequena aldeia de Porto Franco e as colinas tão conhecidas, logo desapareceram engolidas pela vegetação.

As condições em que a família viajou eram boas. O pai Alessandro tinha os recursos financeiros para fazer com que todos viajassem em primeira classe. Mas dado o grande número de passageiros, pode-se presumir que o patriarca tenha optado por fazer a família viajar numa classe mais econômica, no entanto sempre na digna segunda classe.



Vida a bordo na classe econômica (fotografias - início do século XX)

Agora, podemos acreditar que a mãe Elisabetta, depois de muitos anos de trabalho duro e cansativo, podia descansar e desfrutar da "vitória social", que seu status lhe oferecia. Era um senhora de meia-idade (53 anos), pertencente à burguesia rica que viajava com o marido e vários filhos.

Não importava que suas mãos, por certo tão calejadas, revelassem os anos de duro trabalho e as fadigas às quais foi obrigada a acostumar-se. Já não faziam mal nem sequer as humilhações infligidas pelo tremendo caráter do marido, e já não queimavam mais o coração todas aquelas vezes que, por obediência conjugal, tinha que ouvir, abaixar os olhos e engolir em seco, como também os maus tratos sempre perpetrados pelo marido. Ela saiu-se muito bem no seu papel de mulher e de mãe, enquanto seguiu e sempre ajudou o marido em sua aventura, garantindo-lhe uma numerosa prole da qual

sempre tomou conta, e que agora podia definir-se, com pleno direito, como sendo uma mulher rica. Isto era com certeza, muito mais do quanto sonhou como jovem emigrante, e desta vez era ela quem podia gozar a viagem da vitória, circundada de seus troféus: os seus filhos.

Para os jovens, esta era a primeira viagem de suas vidas, e por isso certamente era estimulante e cheia de emoções, especialmente para os mais pequenos. Certamente era também interessante para os maiores por causa de ser incomum, e agora todos podiam entender a diferença entre as histórias que contavam os antigos emigrantes sobre as condições bestiais de suas viagens, e as belezas que os mesmos navios podiam oferecer às pessoas mais afortunadas.

A vida de todos os dias, durante mais de um mês, mudou totalmente, e assumiu uma dimensão realmente estranha: podia-se descansar ou explorar essas máquinas nunca antes vistas, chamadas navios. Pode ser que as condições adversas do mar tenham provocado maus momentos de enjôos, ou pior ainda, de medo, mas uma vez passada a tempestade, tudo voltava a ser de novo fascinante. Podemos pensar que mesmo os jovens irmãos Tirloni giravam pelo navio olhando para os detalhes que chamavam atenção, ou entretendo-se com outros jovens companheiros de viagem. Podemos imaginar os jovens debruçados sobre o para-peito do navio, a fixar o olhar no infinito do mar, tudo um novo mundo absolutamente inimaginável!

Talvez o único da família a não desfrutar plenamente desta viagem era o irmão Emanuele. Todos os membros da família, com exceção talvez de seu pai Alessandro, provavelmente ainda irado pela falta de seu filho mais velho, João, terão curtido ao máximo este momento único de descanso e relaxamento em suas vidas. Pode-se acreditar que o irmão Emanuele foi o que mais frequentemente virou o olhar para a popa do navio, a observar a trilha deixada pelo navio, uma trilha que levava de volta o pensamento para o Brasil ...

Não deve ter sido fácil para ele, jovem obediente e bem-humorado, deixar sua namorada para seguir os desejos da família. Eu me pergunto como ele devia se sentir... Talvez como um traidor! Infelizmente não temos nenhuma notícia deste fato.

Provavelmente a viagem deve ter fascinado muito Francesca, mas ao contrário de seus irmãos do sexo masculino, provavelmente ela teria sido proibida de ir fazer a descoberta do "monstro mecânico" que era o navio, contrariamente aos irmãos do sexo masculino, certamente muito mais livres. Porque ela sendo uma senhorita não podia se mover longe de sua mãe e das outras irmãs. Esperamos, pelo menos, que aos poucos tenha chegado a passear pelo navio, talvez com a cumplicidade das irmãs (que certamente teriam sido curiosas como ela), para "escapar" do controle dos pais, e para poder ter um pouco mais de liberdade, que naqueles tempos não podia ser dada para uma menina. Certamente não passeou sozinha, mas provavelmente com alguma irmã, ou com algum irmão mais novo, com a desculpa de fazer-lhe companhia.

Infelizmente para toda a família, esta viagem ficaria marcada por uma trágica memória indelével. De fato, durante essa longa jornada, a jovem Francesca assistiu doença, o agravamento, e finalmente a morte do penúltimo irmão, Ângelo.

Como já foi mencionado, não se sabe exatamente o que aconteceu com Ângelo, e nem sequer se tem a certeza de que o funeral do jovem foi celebrado de acordo com o direito do mar. (Com o corpo envolto por um pano branco atirado para dentro da água) ou – como nos transmitiu a tia Josefina Martinelli, esposa de Eliseu Tirloni, irmão de Francesca - o corpo de Ângelo teria sido escondido por alguns dias e a morte só foi revelada na chegada em Gênova. O certo, porém, é que aquilo que aconteceu a essa menina de 16 anos, deve ter sido uma experiência chocante!



Sepultamento no mar (foto - ano 1911)

Se esta segunda hipótese fosse verdadeira, isso significaria que Ângelo morreu sem o conforto religioso que poderia ser administrado por um padre que estivesse no navio. Mas não pode ser excluído o fato de que a presença de um sacerdote não era a prática em cada navio, e com isso o capitão exerceria a função de dar uma bênção para os eventuais mortos. Obviamente eu não estou absolutamente certo disso, mas parece estranho que a grande devoção católica do passado não incluía algo muito específico para casos semelhantes.

Nesse caso se abriria um cenário absurdo, no qual todos os membros da família deveriam, por alguns dias, fingir o sofrimento com o destino de Ângelo, quando na realidade eles só queriam chorar a sua tristeza. Eu realmente não consigo imaginar a cena de uma mãe obrigada a manter as lágrimas e soluços para não levantar suspeitas...

Chegada na Itália, a jovem Francesca foi morar em uma vila situada na baixada Bergamasca (não muito longe do santuário de Caravaggio, tão caro a Bérghamo, e também ao Brasil, aqui lembrado por um santuário construído especialmente para esse cul-

to, perto de Porto Franco.), na vila chamada Covo, na fazenda Battagliona, com sua família. E assim começou sua nova aventura na Itália.



Fazenda Battagliona: vista da casa onde viveram os Tirloni e vista do quintal (fotografias - ano 2002)

Como já foi mencionado anteriormente, os primeiros tempos na Itália devem ter sido muito difíceis, especialmente para os jovens, com os longos meses de frio, aos quais ninguém estava acostumado, mas acima de tudo a neve, nunca antes vista, que durante muito tempo cobria a terra com o seu manto de gelo. Penso que todos, durante o primeiro inverno longo passado na Itália, amaldiçoaram a decisão de voltar a esta terra de clima tão inóspito!



Cidade de Covo: vista aérea com indicação da posição da fazenda Battagliona (Google - ano 2011)

O problema do clima meteorológico diferente não foi, contudo, a única coisa à qual Francesca e seus irmãos custaram para se acostumar. Principalmente no início de suas vidas em Covo, os Tirloni estavam na boca de todos, tanto pelo fato de que eram

uma nova família, mas também especialmente pelo fato de que eles eram os "ricos americanos". Mas havia algo muito mais surpreendente que imediatamente se tornou evidente para todos aqueles que primeiro os conheceram, e que certamente impeliu esses Covesi a espalhar a notícia entre os outros habitantes desta antiga vila da baixada Bergamasca. Os rapazes, pelo modo como apareceram na comunidade, foram muito ridicularizados pelos Covesi, por usarem calças xadrez e cores muito chamativas como era típico em todos os países "quentes"! Se pensarmos que, naquele tempo, para o homem só era permitido o uso de roupas escuras, os jovens Tirloni devem ter parecido muito excêntricos. Certamente alguém que se encontrava com eles ficava atônito ao vê-los, como se fossem Marcianos, ou pior ainda, como palhaços de circo. Logo a notícia se espalhou rapidamente, e eram muitos os curiosos que propositadamente procuravam se encontrar com esses "americanos" e, claro, para zombar deles.

Certamente isso deve ter pesado muito em Francesca que estava em plena adolescência, um período da vida em si mesmo complicado, porque a mocinha vive os distúrbios devidos à transição da infância para a idade adulta, quando há mais necessidade de encontrar sua própria identidade, suas certezas, e por isso era vital especialmente se sentir aceito pela comunidade. Francesca era muito "frágil", e pouco pôde fazer contra o escárnio dos Covesi, senão tentar evitá-los o mais possível. Com o tempo, porém, todos eles começaram a ajustar-se à moda local e este problema foi superado.

No início de 1911, Francesca participou do casamento de sua irmã Ângela, a maior das irmãs que foram para a Itália. Se pensarmos sobre o quão rápido essa irmã mais velha quatro anos do que Francesca encontrou um namorado e estava envolta num casamento, é fácil entender como o problema de ser aceito na comunidade deve ter passado de forma indolor, em um curto espaço de tempo. Logo o espanto da novidade (ter essa família estranha em Covo) diminuiu, e se tornou uma rotina, e os filhos do rico "siùr Americà" (o rico americano, como foi rebatizado o velho pai Alessandro) foram rapidamente aceitos porque todos eles perceberam que eram pessoas boas e honestas!



A irmã Ângela Tirloni e o cunhado Agostino Nava (fotografias - ano 1912)

No ano seguinte Francesca viu chegar do Brasil o irmão Vittorio, que tinha voltado para junto da família, uma vez terminados seus estudos. A chegada de Vittorio foi um momento de festa, e certamente todos perguntaram por notícias dos parentes e amigos

que já não eram vistos há três anos, e Vittorio certamente teve seu trabalho para contar as notícias e fornecer as informações sobre tudo o que havia acontecido nesses anos.

Provavelmente, para comemorar a sua chegada, foi chamado um fotógrafo para realizar o famoso retrato da família, a primeira evidência fotográfica que temos de nossos avós, e Francesca é uma das pessoas fotografadas, aliás, a sua primeira foto!

Durante muito tempo não fomos capazes de associar um nome com certeza a este rosto, que foi muitas vezes confundida com sua irmã mais velha, Ângela. Graças às diversas fotografias encontradas de ambas, foi finalmente possível atribuir um nome certo para cada uma das irmãs Tirloni, e já não havia qualquer dúvida de que a menina retratada era Francesca.



Francesca Tirloni (particularmente fotografia - ano 1912)

Francesca tinha 18 anos e parecia ser uma moça muito doce. Estava vestida tão elegante, usando um vestido longo e escuro, (como era a prática daqueles tempos), sobre o qual aparecia o cinto claro, grande e chamativo, com uma fivela grande, também clara. O vestido era de gola alta e não deixava ver alguma camiseta. Apenas no pescoço,

que parecia fechado com um pequeno grampo, podia-se ver um colar em forma de laço branco, mas que poderia ser parte do vestido em si mesmo.

A cintura fina e os ombros de pequeno porte - se colocados em comparação com o face - nos faz pensar em uma menina muito pequena, de estatura mediana, mas ligeiramente superior às suas irmãs retratadas com ela. Uma vez que a altura média das pessoas certamente não estava no nível de hoje, pode-se supor, no entanto, que Francesca tinha pelo menos cerca de 160 centímetros, pois a sua altura era ligeiramente menor do que os irmãos Vittorio e Eliseu, que estão retratados com ela. A única coisa que nós nunca poderemos saber para julgar adequadamente a sua altura é se Francesca usava calçados de salto alto. Eu admito que não tenho ideia se as mocinhas da vila os usavam.

Francesca tinha o cabelo escuro, longo e volumoso, e seu cabelo era realmente estranho se analisado com os padrões de hoje, mas talvez na época era considerada "na moda", e deve-se admitir que era particularmente semelhante àquela de sua irmã Vitória, com ela retratada.

Seu rosto era bastante redondo e cheio, mais do que todos os outros membros de sua família, mas seus traços eram finos e delicados. Não certamente como o queixo forte de sua mãe, mas também seu queixo não era afinado e evasivo como o do seu pai e dos irmãos. Pode-se dizer que era uma mistura agradável das características físicas de seus pais, e no geral, eu acho que era considerada como uma menina talvez um pouco magra, mas não era feia, embora talvez fosse menos cheia do que o ideal de uma mulher um pouco mais "encorpada" (que também era considerado sinônimo de boa saúde).

É preciso admitir que suas sobrancelhas, apenas aparentes, combinavam com o olhos pequenos, e o seu olhar com uma seriedade aparente, nos mostra uma menina quase melancólica, sugerindo um caráter submisso e resignado. Talvez espontaneamente Francesca descansou a mão esquerda no ombro de seu pai, mas não sei se o seu foi um gesto espontâneo ou algo sugerido pelo fotógrafo, mas ela foi a única de todos os irmãos, a manter um contato físico com seus pais, e isso sugere um comportamento de intimidade com eles.

Logo depois de pousar para este retrato, Francesca subitamente foi acometida por um infortúnio horrível, em 10 de Abril 1912. Para Francesca era um dia de trabalho, como muitos outros, em que era despertada como sempre, bem cedo, e começava a trabalhar como todos os dias. Mas assim que ela saiu para trabalhar, ouviu um grito de terror de sua irmã mais nova, Antonia (ou de alguém que no auge do desespero chegava para avisar o ocorrido), grito que destruiu essa normalidade, grito de alguém que se precipitava para o lado nordeste da fazenda, onde naquele tempo corria um riacho, (hoje aterrado) onde a mãe costumava se dirigir para lavar a roupa. Ali viu a irmãzinha Antônia e os outros familiares que acorreram antes dela, que observam desesperados e impotentes o corpo sem vida de sua mãe, dentro do riacho, de barriga para baixo, rodeando na leve correnteza. Uma das cenas mais horríveis que uma pessoa pode assistir.



La mamma di Francesca: Elisabetta Colombi Tirloni (fotografia – anno 1912)

Nós não sabemos exatamente como foram esses trágicos momentos. Provavelmente alguns dos homens teria dado o que fazer no meio do desespero e das lágrimas de todos, para recuperar o corpo sem vida da mãe, e devolvê-lo para a piedade da família. Talvez o mesmo pai Alessandro teria se lançado na água fria do riacho, ou teria incitado os filhos a retirá-la, e na margem, teria coberto o corpo molhado de sua esposa, uma vez que tinha sido retirado das águas e, em seguida, apertando-a contra si mesmo, com os olhos voltados para o céu, teria perguntado: "... Mas por quê? ..."

Provavelmente a mãe Elisabetta foi tomada por um mal súbito, enquanto estava inclinada sobre o canal e lavava a roupa, e o ataque teria sido tão fulminante que a pobre mulher caiu na água já morta. Mas não é impossível que acidentalmente tenha caído na vala, e as roupas pesadas que se usava naqueles tempos, embebidas em água, imediatamente transformaram-se numa armadilha mortal e cruel.

Olhando o atestado de morte encontrado nos arquivos da paróquia de Covo, Elisabetta completou sua árdua jornada aos 56 anos completos, dos quais 34 foram vividos junto de um homem que certamente lhe deu menos afeto e atenção do que merecia. O caso foi formalizado como morte por causa natural (no registro paroquial se lê: “*morbo repentino corrupta*”). "Morta por doença repentina").



Fazenda Battagliona: Vista da área onde antes havia o canal em que Elisabetta Colombi morreu afogada (fotos - 2002 e 1997)

Uma coisa importante aconteceu nos primeiros anos de Francesca vividos na Itália: a sua alfabetização completa. Falando deste assunto, deve ser dito que na casa Tirloni houve uma grande disparidade entre os níveis de educação de muitos irmãos. Sabemos que Joana e Albina sabiam ler, mas não sei ao certo se elas sabiam escrever. Rosa e João mantinham as contas de seu trabalho mútuo, então se pode imaginar que sabiam ler, escrever e fazer contas. Sabemos que Vittorio estudou na faculdade, e sabemos que Ângela, Francesca, e Eliseu sabiam escrever de uma forma decente. Sabemos que Emanuele nunca foi à escola, mas era capaz de ler, e só sabia fazer a sua assinatura. Nós não sabemos que destino tocou os outros irmãos, mas pode-se supor que todos sabiam pelo menos ler.

Inevitavelmente, por causa dos muitos anos vividos no Brasil, todos os componentes da família teriam sofrido um "abastardamento" de sua fraseologia com palavras bergamascas, utilizadas no Brasil. Por exemplo, sabe-se que o pai Alessandro usa o termo "safado" para indicar uma pessoa não confiável, um enganador, ou até mesmo um criminoso. Este é um termo que não veio absolutamente da tradição Bergamasca, mas, pelo contrário, tem uma derivação típica das colônias portuguesas na América Latina, e ainda é usada hoje.

O apoio para a alfabetização foi dada à família por uma personagem que se pode definir como "especial", "lunática" ou até mesmo "excêntrica": a velha senhora Luigia Valaguzzi (1863 - 1947), mais conhecida como "a Bigia Valagusa" ou "a Bigia de Cof", que se tornaria imediatamente parte da nossa família e sobre essa personagem deve-se abrir um parêntese.

Ela era uma parteira antiga que, por razões envoltas em mistério, perdeu o direito de exercer a profissão. (Seu pai era uma pessoa "desconfortável", e por isso ela tinha sido exposta ao ridículo). Ocorreu que provavelmente desde a aurora do fascismo - ou mesmo antes - havia sido revogada a liberdade da profissão de parteira. Luigia era uma mulher de cultura inquestionável e foi ela que ensinou alguns jovens da família a ler e escrever.

A Bigia era famosa principalmente porque era uma "curandeira" poderosa (dita com voz Bergamasca: "la settimina" ou "la segnuna"), Sua capacidade e seu conhecimento dos remédios naturais eram indiscutíveis, e sua aparência, deliberadamente desleixada ao extremo, fez dela uma pessoa que poderia muito bem ser comparada com as "bruxas" de histórias vernáculas.

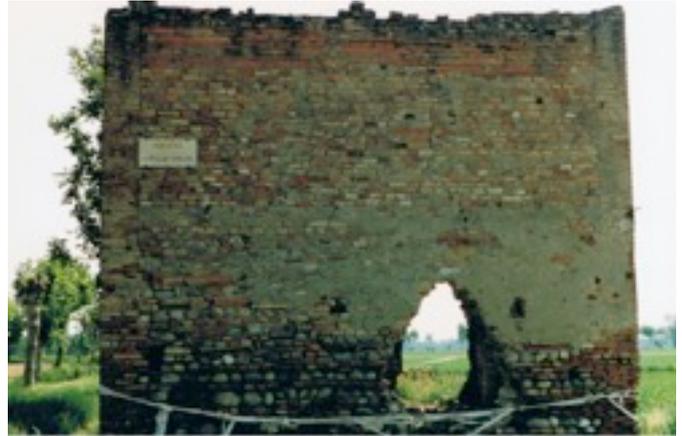
Vestida com saias mais longas e desgastadas, uma por cima da outra, e sempre com o cabelo envolto em gorro colorido e bizarro. Diz-se que nunca tomava banho, e na casa em que vivia - hoje reduzida a algumas ruínas, era chamada de Cascina Itália - estava bem patente o pouco cuidado que fazia sua senhora.

Como toda curandeira, também Bigia foi cercada por uma aura de mistério sobrenatural que alimentava ainda mais a sua reputação como uma "bruxa," e naqueles tempos, as pessoas, principalmente por causa da falta de cultura, eram muito inclinadas a acreditar nestas magias e feitiços, até porque havia mais curandeiros do que médicos.

Provavelmente era muito mais temida do que respeitada, mas ela era uma pessoa muito boa que apenas tentava ajudar - à sua maneira - as pessoas em dificuldades, e nunca recusava seus serviços para aqueles que pediam a ajuda. Mesmo agora, os velhos de Covo dizem que uma família que, por medo dela, a tinha expulsado de forma rude, ela lançou-lhes uma maldição, dizendo: "Agora vocês me expulsam. Vai chegar o dia em que vocês vão me procurar". A profecia sei cumpriu, e quando a família se encontrou num caso grave de doença, foram chamar a Bigia que imediatamente entrou na casa para ajudar a pessoa doente.

Com mais de oitenta anos, a Bigia começou a decair sob o peso de seus anos e sua negligência. Ela foi levada para o hospital (contra a sua vontade), e ali a primeira coisa que os enfermeiros fizeram foi lavá-la, depois de décadas, sem banhos, o que, aliás, não foi fácil, porque se dizia que sua saia estava completamente grudada à pele, e não se poderia retirá-la. A Bigia não queria limpar-se e continuou dizendo: "Se vocês me lavarem vão me fazer morrer!" Também desta vez a sua profecia se tornou realidade. e na manhã seguinte - o dia da véspera de Natal - a Bigia foi encontrada morta em sua cama de hospital.

Depois do funeral, foi enterrada no cemitério de Covo, e ainda hoje, em seu túmulo nunca faltam flores frescas... Mas ninguém vê quem as deposita!



Enterro de Luigia Valaguzzi e as ruínas de sua casa (foto - 1997)

Há muitas histórias em nossa casa que tem a Bigia como protagonista. A nossa família gostava da velha bizarra e inquietante, e ela retribuía à nossa família com sincero afeto e dicas úteis e sortilégios destinados a aliviar muitos sofrimentos das pessoas e dos animais da estrebaria, mas também ajudando em coisas diferentes como, de fato, na alfabetização.

11.4 - A curta vida conjugal

Tudo o que foi dito até este ponto foi apenas o fruto de meras suposições ou de crônicas de eventos narrados, nas quais participou também Francesca. Para ser honesto, até o tempo da fotografia, nada foi relatado nas crônicas ou histórias de família especificamente ligadas à Francesca. Nenhuma história até agora a vê como uma protagonista. Ironicamente essa mocinha poderia até ter nunca existido ou teria sido perdida na memória dos parentes mais velhos. Lembro do meu avô Peppino Tirloni que contou tê-la conhecido em sua infância, mas tinha muito poucas e nebulosas memórias desta tia, por causa de sua morte prematura, quando ele era uma criança pequena.

Felizmente, neste momento, para reconstruir a sua vida realmente muito curta, veio em ajuda o resgate da preciosa ajuda da correspondência preservada em Brasil. A primeira notícia que é relatada na carta mais antiga que chegou até o presente, foi datada de 01 de dezembro de 1914. Desta carta descobrimos que a correspondência não era sempre portadora da boas e serenas notícias, mas, por outro lado, em todas as cartas encontradas podemos ver como estas eram um instrumento de desabafo dos filhos oprimidos pelo jugo despótico do velho pai Alessandro. Esta primeira carta foi escrita por sua irmã Ângela e seu marido Agostino Nava, para a irmã Rosa, residente em Nova Trento no Brasil. Não está completa, mas é realmente interessante porque ao ler esta carta conhecemos uma série de notícias importantes no que diz respeito à vida familiar.

A carta revela que:

6. - Alessandro havia se tornado cada vez mais mesquinho, até mesmo piorando o seu caráter duro, a tal ponto que os filhos do Brasil teriam dificuldade de o reconhecer
7. - Ângela ainda não havia recebido sua parte do dote que o pai tinha concedido (por intercessão da mãe).
8. - Eliseu, no ano novo, iria partir para o serviço militar, apesar os esforços feitos por seu pai para mantê-lo em casa.
9. - Francesca queria se casar, mas o pai não concordava com o casamento, porque queria mantê-la em casa para ajudar a família.

Foi muito bom ler esta passagem na carta de sua irmã Ângela, que escreve apenas textualmente: "*Agora devo dizer-lhe que nossa irmã Francesca, quer se casar mas o pai não quer, porque vai embora o nosso Irmão Eliseu e [como Francesca e seu namorado] estão namorando, estão muito zangados [porque eles não podem se casar].*" Francesca acabava de completar 21 anos, e percebemos mesmo que ela pensava em iniciar uma vida junto com seu namorado. Isso significa que os dois jovens já se freqüentavam um tempo suficientemente longo, o que quer dizer que o processo de integração entre os jovens "Americanos" e os moradores do lugar não foi apenas de sucesso, mas também deu frutos generosos!

Mas quem era o namorado de Francesca? Ele era o jovem Agostino Pesenti, nascido aos **28 de março de 1890** (então três anos e meio mais velho do que Francesca) mesmo na vila de Covo, filho de João Pesenti e Eufrosia Cucchi.

A data de nascimento de Agostino esteve envolta em mistério por um longo tempo, aqui na Itália, e foi revelado apenas recentemente graças à meticulosa investigação implementada pelos cônjuges Anna Maria Calegari e Rinaldo Monella (ilustres cidadãos de Covo e aficionados da história local) para o seu livro "Combatentes Covesi - dos 5 dias de Milão à II Guerra Mundial ", que trouxe à luz os papéis do serviço militar, os quais nos permitiram conhecer os nomes de seus pais. No entanto, esta data de nascimento foi posta em dúvida, graças à intervenção e ao interesse do primo francês Freddy, que enviou-nos uma fotografia de sua lápide do túmulo em solo francês, em que sua data de nascimento é datada de alguns dias antes do que está escrito no documento militar, que é 02 de março de 1890.

Infelizmente até agora ainda não se encontrou sua certidão de batismo, pois este documento poderia ser útil para determinar a veracidade destas duas datas. No entanto, esta dúvida não cria problemas, mesmo se não há veracidade histórica.

As notícias da família Pesenti são realmente escassas e nebulosas, e até mesmo a tia Olga não poderia fornecer respostas satisfatórias. O fato de que Agostino mudou-se para a França, não fez mais do que criar mais distanciamento com a sua família. Por isso também a mesma tia Olga foi incapaz de conhecer muito mais a família Pesenti, porque, exceto os poucos parentes que foram para a França para encontrar seu sogro, nunca viu ou conheceu alguém dessa família.

Tia Olga diz que seu sogro nasceu em uma família de agricultores e tinha dois irmãos e três irmãs: Andrea, Gino, Rosa e outras duas irmãs que nunca conheceu e que, infelizmente, não lembra o nome. Consultando os primos de Soresina chegou-se a saber que Agostino tinha também uma irmã freira chamada Irmã Joana e, talvez, esta foi uma das duas irmãs que nunca viajaram para a França para encontrar o seu irmão Agostino, e por isso eram desconhecidos da tia Olga. Irmã Joana pertencia à ordem do Bom Pastor e não à ordem das Irmãs Canossianas (muito ativas e presentes em Covo) ordem na qual haviam entrado todas as nossas outras parentes mais velhas que tinham feito os votos no mesmo período.

Seu irmão Gino se sabe ao certo que morreu em 1995 com uma idade de pouco mais de 80 anos, e então se pode deduzir que ele nasceu nos primeiros 10 anos do século XX. (A partir disto nota-se a diferença de idade entre ele e seu irmão Agostino: 20 anos). No que diz respeito à Irmã Joana, sabe-se que ela também deve ter morrido, pelo menos na década de 80, e por isso ela deve ser considerada como uma dos últimos filhos, porque também nasceu, assim como seu irmão Gino, no início dos anos 900. Graças sempre à pesquisa dos cônjuges Monella, temos a folha da matrícula militar de seu irmão André, a partir da qual nós achamos que este irmão era apenas mais jovem do que Agostino.

João, pai de Agostino, tinha morrido durante a Primeira Guerra Mundial (mais conhecida como a Grande Guerra), mas não se especifica nem a sua idade, nem a causa de sua morte. Considerando que deve ter nascido nos anos 60 dos meados do 900 - supomos que ele tinha cerca de 25 anos quando do nascimento de seu filho Agostino, mas

não estamos totalmente certos de ser o primeiro nascido - talvez fosse já demasiado velho para ser chamado para a guerra, pois de fato, no momento da primeira guerra deve certamente ter tido uma idade de cerca de 50 anos.

A mãe Eufrosia - nome muito estranho e incomum, provavelmente era chamada de "Rosa" - ao contrário de seu marido, deve ter tido vida longa porque todos transmitem que ela tinha chegado até uma alta velhice. Não temos outras notícias a não ser estas, mas nós temos uma fotografia que a retrata juntamente com sua neta Elisabetta, que era então uma adolescente nos anos 1933-1935. Pode-se supor que também ela nasceu no final dos anos 60 dos anos 800, e chegou a faltar pelo menos nos anos 30, ou mesmo na próxima década, provavelmente com a idade de 70 anos.

Com base na informação fornecida por tia Olga e na base das poucas informações esparsas encontradas pelos primos de Soresina, pode-se, então, fazer um resumo de reconstrução da família Pesenti, que provavelmente era composta da seguinte forma:

10. • O dono da casa, **João Pesenti** (meados dos anos 60 – 1916/1918)
11. • A esposa **Eufrosia Cucchi** (final dos anos 60 – fim dos anos 30)
12. • 6 filhos:
 - **Agostino** (1890/03/28 - 1969/06/28)
Casado com Francesca Tirloni (1893/10/30 - 1920/04/22)
e sua segunda esposa, Pierina Busato (-??)
 - **Andrea** (1895/06/15 -?)
Casado com ? (-???)
 - **Rosa** (-??)
Casada com ?... Vaccari (-??)
 - ?? (A irmã)...
Casada com ?, viveu em Fontenella, e um de seus filhos abriu uma loja de papelaria, e sua nora era a parteira da vila.
 - **Giulia** (-??), que fez os votos como a irmã Joana. Foi professora e passou por muitos mosteiros. Passou longos períodos na casa de seu irmão Gino, que ficou viúvo muito jovem com 3 filhos.
 - **Gino** ('10s - 1995)
Casado ?? (-???)

Da família Pesenti, como vimos, muito pouco se sabe. No entanto, alguns dados sobre Agostino são insuficientes para tirar alguma simples conclusão: sempre da folha da matrícula militar sabemos que Agostino, quando se apresentou para o serviço militar foi indicado como sendo capaz de ler e escrever, de tal modo que, no final do serviço militar, foi condecorado com a patente de Cabo Maior (ou seja, o papel maior entre os soldados das tropas, logo abaixo da patente de sargento). Se não fosse mais do que bravo em leitura e escrita nunca poderia aspirar a um grau tal como este! Essa coisa não é de todo óbvia para um jovem da vila que era agricultor (como está escrito em sua matrícula) e era principalmente um dos primeiro filhos de uma família grande. Pode-se pre-

sumir que, embora a sua era uma família de agricultores que não devia ser totalmente pobre, mas que tinha, pelo menos, a possibilidade de se dar ao luxo de pagar a educação primária para todos os seus filhos, sinal, portanto, de que não eram inteiramente avessos à cultura!

Agostino se apresentou para fazer a revista para servir como militar em meados de março de 1910, e sua folha de matrícula revela que tinha 166 centímetros de altura, tinha uma caixa torácica de 90 cm – portanto não era um jovem magro e abatido - e tinha olhos e cabelos castanhos (como eram praticamente todos os moradores do lugar). Lendo a folha matricular descobre-se que ele tinha os dentes "saudáveis", o que não era tão comum, mesmo entre os jovens.

X *Espresso*

MINISTERO DELLA GUERRA
(E. 01)

ESEERCITO PERMANENTE (1)

72 *P* *Espresso*

MILIZIA (2)

N. di matricola ~~5544~~ del distretto di *Milano* (23)

FOGLIO MATRICOLARE E CARATTERISTICO

di *Pesenti Agostino* di *Giussano*
 e di *Crocchi Napoleone* con il *2 marzo* 1908
 circolante di *Crocchi* che ha estratto il n. *251* nella lista della classe *18 90* quale
 iscritto nel nome di *Espresso* mandataria di *Romano*
 circolante di *Crocchi*

Contrassegni personali, matrimoni e vedovanze	
Altezza metri <i>1,66</i> Capelli <i>color castano</i> <i>forma liscia</i> Naso Mento Occhi <i>castano</i> Orecchie <i>castano</i> Dentiatura <i>Espresso</i> Anzianità con _____ di _____ del _____ corpo d'armata del di _____	Tatuato n. <i>0,50</i> Segni particolari Freno Basso Sopracciglia Fuso Arte o professione <i>coltivazione</i> Se all'atto dell'arruolamento espone <i>avere che</i>

(1) Arruolamento, servizi, promozioni ed altre variazioni matricolari	DATA
SOLDATO di leva <i>1°</i> Categoria classe <i>18 90</i>	
Distretto di <i>Milano</i> e lasciato in congedo illimitato	<i>6 11 Marzo 1910</i>
Assunto alla <i>servizi</i> e <i>quinto</i>	<i>1 20 Ottobre 1910</i>
Valo nel <i>7° Regg. Artiglieria da Fortezza</i>	<i>6 12 Dicembre 1910</i>
Caporale in detta	<i>6 30 Aprile 1911</i>
Valo nel <i>2° Regg. Artiglieria da Fortezza</i> (unito con <i>353 del 7° M. del 1910</i>)	<i>6 31 Agosto 1911</i>
Caporale <i>Maggiore</i> in detta	<i>6 30 Ottobre 1911</i>
Caporale <i>in servizio ai moschetti del 2° Livello</i>	
<i>21 dicembre 1911 (Anno 511)</i>	<i>6 1° Gennaio 1912</i>

(1) Nella copia si indica il corpo.
 (2) Milita
 (3) Parzialmente (4) aggiunga il passaggio all'una o all'altra milizia mantenendo le parole «Esercito permanente» e
 (5) Nella copia si aggiunga: Copia del...
 (6) Indicare, a seconda del caso, il grado dell'arruolato o il grado di istruzione (letteraria) oppure: non espone l'arruolato o il grado di istruzione e lo disposizione del Prepondere in scuola (dimenticare) oppure: non espone l'arruolato o il grado di istruzione e lo disposizione nella (P e P) sezione della scuola (dimenticare).
 (7) Per coloro che contrassegno matrimonio prima di giungere alla loro caserma le parole che espone e modifica: «prima di giungere alla caserma».

Residenza all'atto dell'arruolamento

Folha da Matrícula e características do Cabo major Agostino Pesenti, página 1 (a digitalização original - ano 2011)

Pela leitura deste precioso documento se chegou a descobrir que Agostino, no dia 30 de outubro de 1910, ou seja, após sete meses da revista militar, foi chamado ao serviço militar no 7º Regimento de Artilharia de Fortaleza, destacado para Alessandria, no Piemonte, e depois de apenas cinco meses passados como soldado, foi imediatamente

elevado à categoria de cabo, e foi elevado a Cabo Maior apenas depois de um ano de sua chamada às armas, em 31 de outubro de 1911. Foi liberado em licença militar aos 05 de fevereiro de 1913 (ou seja, depois de 2 anos e 4 meses de serviço militar), com muitos elogios por bom comportamento, lealdade e honra. Foi chamado novamente depois de um ano e meio, em 8 de agosto de 1914, e foi mandado em licença ilimitada depois de pouco mais de três meses, aos 15 de novembro de 1914.

Nós não sabemos como Francesca e Agostino começaram o namoro, pois sendo vizinhos pode-se imaginar que se viram pela primeira vez em ocasião de uma festa religiosa na vila, ou talvez num domingo qualquer durante a missa. Nós não sabemos onde Agostino viveu. Mas nós sabemos que a fazenda Battagliona, onde Francesca vivia, estava localizada bem fora da vila, por isso é muito improvável que os dois se encontraram numa condição fortuita, em um dia normal. É mais provável de terem se visto precisamente pela primeira vez em uma ocasião mais "oficial" e, provavelmente, no período entre a licença do serviço militar e do novo chamado de Agostino às armas.

Eu digo que os dois jovens começaram a namorar nesse momento da licença, porque a carta da irmã Antonia que menciona o desejo de Francesca e Agostino se casar, foi datada no final do ano de 1914, então pode-se supor que eles teriam se envolvido em namoro pelo menos um ano antes. No entanto, pode ser que a sua história tenha começado mesmo antes de Agostino partir como soldado, e portanto o namoro teria durado mais de 4 anos.

Voltando aos dias em que a carta foi escrita, a situação em que Francesca e Agostino viviam, - foi quando a Europa começava a ensangüentar-se pela primeira guerra que estava nos primeiros passos, mas ainda não havia atingido a Itália, - a vida deles não era cor de rosa: queriam se casar (talvez porque também Agostino começava a temer que esta guerra se degenerasse e ele novamente fosse chamado às armas, mas por algo muito pior do que pelo adestramento militar), mas o velho pai Alessandro não queria dar o seu consentimento!

A mãe de Francesca havia morrido há dois anos e meio, e começava a projetar-se também a possibilidade de que o irmão mais novo se tornasse soldado e iria ficar longe de casa por um longo tempo. Então o velho Alessandro não queria perder o serviço doméstico e o trabalho realizado por Francesca.

Nós não sabemos se o jovem Agostino era bem visto pelo futuro sogro. Certamente não vinha de uma família rica, mas eu não acho que isto fosse um problema de modo insuperável, pois se via que o velho Alessandro tinha sempre consentido com uma variedade de uniões dos seus filhos. Via-se que através da análise de sua prole, havia os que se tinham casado com pessoas ricas como também com pessoas de origens humildes. Obviamente, se os pretendentes fossem ricos era muito melhor, mas isso não era importante!

O verdadeiro problema para o velho pai de Francesca era outro: o dote... Sabemos com certeza, pois o meu avô Peppino lembrava muito bem, e ele me contava sempre de

novo que para o velho Alessandro, privar-se de seu dinheiro, especialmente para uma concessão dote, era uma verdadeira sentença de morte, e vivia aterrorizado por aqueles que naquele tempo eram chamados de “caçadores de dotes”: jovens solteiros que não gostavam de trabalhar e que conquistavam as filhas de famílias ricas para, em seguida, tornar a vida bela e confortável sobre os ombros de sogros.

O velho Alessandro não deve ter feito nada para esconder este seu medo que o levou a agir de uma forma tremenda contra qualquer um que chegasse perto de suas filhas, tudo para ver se eles eram pessoas sérias, ou eram justamente as pessoas em quem não podia confiar. Como disse, a coisa era tão bem conhecida em Covo que uma manhã, fora da casa da fazenda Battagiona foi encontrado pendurado um bilhete depreciativo que dizia:

*Al siur Americà
che l'ga le fiole de maridà
ghe metarom na sentinela
perchè nùsù ghe le porte vià*

=

Ao senhor americano
Que tem as filhas para casar
Colocaremos uma sentinela
Para que ninguém as leve embora:

Provavelmente Agostino, no início de sua história com Francesca, deve ter passado imediatamente por um questionamento pesado feito pelo futuro sogro, mas deve ter obtido sucesso brilhante pois obteve a permissão para namorar com Francesca. Mas agora era botar a mão no dinheiro.... então as coisas mudaram!

Pela partida como soldado do jovem irmão Eliseu, começavam a faltar dois importantes braços no trabalho do campo, e não era certamente o momento - para o velho Alessandro - de falar do dote. Os dois jovens foram namorados por um longo tempo, e ainda poderiam muito bem ir em frente por mais um tempo, na espera de que a situação melhorasse...

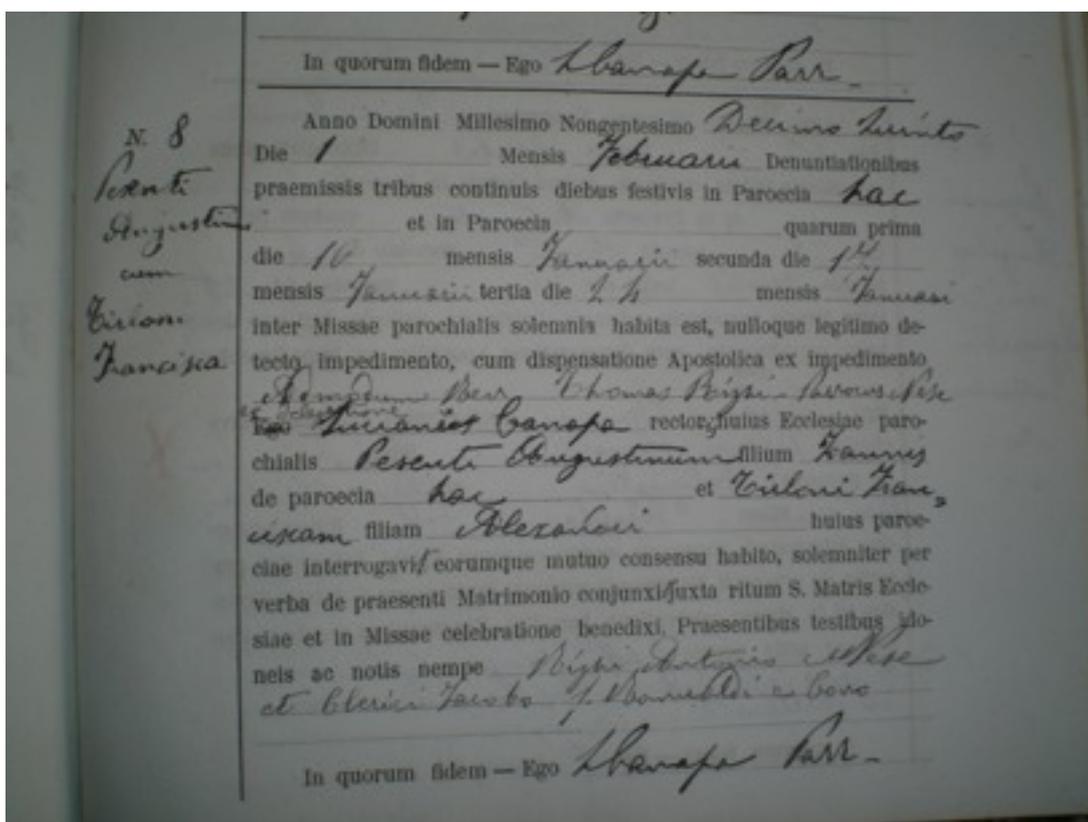
O fato de sua irmã Ângela escrever que sua irmã Francesca e o futuro cunhado "*estavam muito zangados*" por não poderem casar, deixa bem claro que este argumento não foi tratado com calma e tranquilidade, mas, ao contrário, como sempre acontecia quando se discutia com o tremendo Alessandro, o assunto era tratado como uma "batalha" real, frente à teimosia paterna. Não sabemos se os vários irmãos tomaram parte ativa nessas discussões (talvez tentando fazer raciocinar o velho e terrível pai), mas pode-se acreditar que foram Francesca e Agostino que ouviram a sua quota de explosões do mal-humorado pai!

Há razões para acreditar que Francesca tenha chorado várias vezes de raiva contra seu pai.... Infelizmente, não sabemos em detalhes como os fatos aconteceram, mas seja como for, o resultado final foi que, apesar da saída do Eliseu, o velho Alessandro deu o seu consentimento para o casamento. Examinando o registro do ano do matrimônio,

sabe-se que a primeira publicação nos livros da paróquia foi feita no dia 10 de janeiro de 1915. Isto significa que na casa Tirloni deve ter havido uma batalha dura, de alta pressão e persistência, para fazer com que se rendesse o teimoso e obstinado dono da casa.

Seria bom pensar que, talvez, este tivesse sido um "presente de Natal" da parte do velho pai. Mas conhecendo o caráter do patriarca Alessandro, a capitulação parece impossível, e é mais provável que houve uma batalha como descrito acima, em que os jovens estavam furiosos contra o patriarca. De fato, conhecendo o velho Alessandro, podemos supor que ele só concordou depois de conseguir um desconto no dote de casamento a ser dado à sua filha. Pode parecer absurdo, mas não é totalmente impossível que o dono da casa tenha usado a sua capacidade sagaz de usar sem escrúpulos esta situação em seu favor!

Francesca e Agostino, ao custo de muita raiva, puderam coroar seu sonho de amor e, finalmente, se casaram no dia 1º de fevereiro de 1915, na igreja Paroquial de Covo. Eles tinham respectivamente 21 e 24 anos.



Certidão de casamento Francesca Tirloni e Agostino Pesenti (fotografia - ano 2009)

Como se lê na certidão de casamento, encontrada nos registros paroquiais de Covo, foram testemunhas do casamento os senhores Antônio Righi e Giacomo Clerici, mas não sabemos quem eram estas duas pessoas. Talvez elas eram parentes de Agostino, mas mais provavelmente eles eram amigos. Infelizmente não foram feitas (ou não chegaram até nós) fotos deste casamento, até mesmo um retrato típico que os casais (ricos)

costumavam fazer após o casamento, e infelizmente, não temos sequer uma foto dos noivos juntos. O casal teve três filhos:

1) uma menina que morreu ao nascer em 1916

2) **Bruno** (1918/03/01 / 1997/01/29)

Casado com Olga Grava (nascida em 1928/09/11)

3) **Elisabetta** chamada de "Lisa" (1919/12/26 / 1997/12/01)

Casou-se com seu primo Antonio Alessandro Tirloni (21-03-1922 / 14-07-1996)

O primeiro filho que morreu ao nascer tinha sido esquecido há muito tempo, e foi graças à tia Olga que esta pequena criatura ressurgiu do esquecimento do tempo. Não sabemos se a criança já estava morto antes de vir ao mundo (talvez como resultado de complicações incorridas no primeiro parto de Francesca) ou se ela morreu nos primeiros dias ou momentos de vida. Não sabemos nem sequer que nome os pais escolheram para esta criatura infeliz e inocente. Uma morte de recém-nascido era muito comum, e certamente não criava o desespero que poderia acontecer hoje a um casal. Certamente também Francesca e Agostino não ficaram muito preocupados ou com medo em face deste evento que ocorreu no final da primeira gravidez de Francesca, mas certamente também não devem ter ficado indiferentes ao acontecimento.

Olhando para as datas de nascimento dos três filhos percebe-se que estão bem distribuídos ao longo do tempo, de modo que realmente se pode acreditar que Francesca não teve outras gestações - talvez abortadas - além das mencionadas aqui.

Os nomes escolhidos para as duas crianças são muito especiais. Para a filha foi escolhido o nome de sua avó materna, a mãe de Francesca, que morreu afogada no canal da fazenda Battagliona, apenas 7 anos antes, e para o primeiro filho foi escolhido um nome que caiu completamente fora do âmbito de ambas as famílias, o que era muito estranho, muito incomum para aqueles tempos. A tradição exigia que um filho primogênito herdasse o nome do avô paterno (então, João) e teria sido ainda mais lógico, especialmente no caso da família Pesenti, cujo chefe da família havia falecido a menos de 2 anos. Provavelmente, o nome "Bruno" poderia ser encontrado em qualquer familiar de Agostino, mas nós não o sabemos.

Apenas três meses depois do casamento, 25 de maio de 1915, com sua esposa, que tinha apenas começado a sua primeira gravidez, Agostino foi chamado novamente para o exército, mas desta vez, não era para os exercícios militares: foi enviado para a frente de batalha durante a Segunda Guerra!

Arrolamento, servizi, promozioni ed altre variazioni materiali	DATA
Cale nel 1° Regg. Artig. da Fortezza e marciante in rangate d'armate	L. 5. Febbraio 1915
Veniva dichiarazione di aver tenuto licenzia della 2.ª av. servite con fedeltà ed onore	
Cale nel 2° Regg. Artiglieria da Fortezza. Alasme Sani Velle. In reclutamento e mobilitazione 1915	L. 1. Luglio 1915
Osservato alle armi per effetto dell'art. 2.º del Reg. 1914 e quante	L. 2. Agosto 1915
Marciante in rangate d'armate	L. 15. Settembre 1915
Cale trasfere 3° Cale in appilazione art. 63 R. D. 11. 1915 legge Decisione consiglio ten. R. Sottogovernatore di Cremona in data 5-11-1915	
Richiamato alle armi per mobilitazione col R. Decreto 22 Maggio 1915 (Circolare N. 370 Giornale Militare) e _____ giunto _____	
Cale nel Distretto di Corrid per purgazione di corso	L. 25. Maggio 1915
Cale nel Distretto di reclutamento di Salorno 230 Patt. M. C.	L. 17. Agosto 1915
Cale nel 90° Regg. Fanti (Circ. Min. 11630 del 9. 5. 15)	L. 2. Luglio 1915
	L. 15. Agosto 1915
 L'Ufficio di Matricola [Signature]	
LASCIATO A DISPOSIZIONE delle Dab. G. Ausaldo e Comp. continuando ad essere effettivo al DEPOSITO Palazzina Genova a senso del N. 8 e 10 della Cir. N. 528 del Giorn. Mil. 1916	
TRASFERITO al Distretto Militare di [redacted] effetto del R. D. 11. 1915 del 5-5-1915 N. 10 Cir. 1915	15 Aprile 1917
 L'Ufficio di Matricola [Signature] RELATORE [Signature]	

Folha de matrícula e características do Cabo Major Agostino Pesenti, página 2 (a digitalização original - ano 2011)

Realmente preciso dizer que Agostino foi infeliz, porque logo que a guerra irrompeu, ele foi um dos primeiros a ser colocado em mobilização, e em seguida, chamado para servir à Pátria. Não se pode dizer que isso foi devido a um problema de mestre, porque o meu bisavô Emanuele, o irmão de Francesca, foi convocado com Agostino, e ainda conseguiu escapar da guerra por dois anos. O motivo da instantânea chamada de Agostino reside no fato de que ele não era um soldado raso, mas um Cabo Maior, portanto, a sua presença nas unidades militares não era mais necessária nas fases iniciais.

Foi enviado para o distrito militar de Como, onde chegou em 17 de Junho para "equalização de força", como está declarado em sua matrícula militar, ou seja, a repartição dos homens entre os departamentos (provavelmente no distrito de Bergamo já havia vários outros cabos, enquanto que em Como havia poucos, e por isso é que Agostino foi

para ali enviado). Em seguida, a 8 de Setembro foi enviado para Salerno (e aqui recebeu a notícia de que o bebê que foi dado à luz por sua esposa estava morto) e, finalmente, destinado ao 90º Regimento de Infantaria com sede em Gênova, onde ele chegou aos 15 junho de 1916. Sua história militar termina aos 15 de abril de 1917, quando foi deixado oficialmente à disposição das usinas siderúrgicas e fundições navais Ansaldo Sampierdarena (um subúrbio de Gênova), mas como se lê na íntegra: "Continua a ser efetivo da Infantaria de Gênova", e permaneceria aqui até o fim da Grande Guerra, 4 de novembro de 1918.

Uma coisa que é realmente muito estranha, e que a tia Olga diz que seu sogro, homem de poucas palavras e sem vontade de falar de si mesmo, disse que durante o tempo de guerra sempre foi seu trabalho lidar como cuidador de cavalos. o que nos deixa um pouco confusos, porque parece estranho que um Cabo Major fosse deixado para cuidar dos cavalos ...

Absolutamente não quero ir contra a tia Olga, mas eu acho que essa história deve ser lida em uma outra chave: Agostino foi indicado para cuidar das estrebarias, mas em uma função mais "burocrática" e "organizativa" do termo. Ele provavelmente tinha que controlar esse bem ainda tão valioso para o exército que eram os animais, tinha que verificar a organização dos estábulos, que tudo estivesse em ordem, que os adidos aos animais desenvolvessem muito bem as suas tarefas, e que os cavalos fossem bem cuidados! Talvez eu esteja errado, mas eu não acho que era tarefa de um Cabo Maior cuidar "fisicamente" dos cavalos, escová-los, dar-lhes algo para comer e manter os estábulos limpos e arrumados!

A coisa teria acontecido, se Agostino fosse capaz de trabalhar como ferreiro. Neste caso então certamente a sua arte teria sido imediatamente colocada à disposição do exército para que ele fizesse o trabalho físico. (E talvez a sua graduação viria como uma recompensa por seu bom trabalho), mas nunca foi transmitido, ou se ouviu falar desta capacidade de ferreiro, porque se assim fosse, certamente teria sido um ferreiro em vez de um agricultor, por toda a sua vida!

Não temos certeza porque não há uma data, mas é quase certo que nesse período, enquanto Agostino estava na guerra, e sua jovem noiva Francesca, sozinha em Covo, ela foi para um fotógrafo para tirar uma foto. No mesmo dia, retratou-se em duas fotografias, e sorte nossa que ambas chegaram até os dias de hoje. Essas fotografias são a última imagem que temos de Francesca, ela nunca teria tirado mais fotos! Uma fotografia apresenta-a de corpo inteiro, enquanto a outro é um busto.

Eu digo que as fotos foram tiradas no mesmo dia devido ao fato de que não só o penteado, as jóias, as características físicas de Francesca são idênticas, mas até mesmo porque o vestido que ela usou era exatamente o mesmo em ambas as fotos. A igualdade do vestido por si só não deve nos enganar, porque naquele tempo as pessoas tinham pouquíssimas roupas, e acima de tudo, essas roupas eram cuidadosamente preservadas porque elas tinham que durar por muitos anos (talvez, até mesmo, serem passadas de mãe para filha). Nada a ver com o tempo de hoje. Quando se tinha que fazer alguma

coisa importante, ou formal, (como posar para uma foto) poderia facilmente acontecer que, mesmo anos depois, uma pessoa vestia a mesma roupa: o "*vestido de festa*"!



Francesca Tirloni (fotografia - meados de 10)

A primeira fotografia, de corpo inteiro, é uma verdadeira maravilha: existem todos os estilos perfeitamente das fotografias do início do século XX. Primeiro, entendemos que o fotógrafo, embora profissional, não era um famoso. Ele tinha "estudado" e aprendeu com os mestres mais famosos de fotografia, e tentou, com seus meios simples,

colocar em prática toda a sua técnica e os seus ensinamentos para fazer uma fotografia, tanto quanto possível, em termos de valor.

Temos primeiro que pensar que naquele momento uma fotografia não era considerada coisa comum, como podemos ver hoje (ou até apenas 50 anos atrás). Pode-se dizer que até os anos 30 a fotografia não tinha um significado e um valor indiferentes. Era considerada quase sagrada (e também porque o custo de uma fotografia não era algo para todos).

A importância de uma fotografia era tal que, para começar, o termo usado para indicar uma pose tomada pelo fotógrafo não era "ser fotografado", mas "ser retratado". Ainda estava em uso este termo derivado da pintura e da fotografia. Exatamente como a pintura era considerada sob todos os aspectos como uma forma de arte, então, conseqüentemente, o fotógrafo era um artista, na frente do qual, era preciso ser colaborativo, e especialmente, em postura grave.

Qualquer pessoa, mesmo as pessoas humildes do campo, quando estavam na frente da câmara, elas sabiam que tinham que fazer "uma pose" para tirar "*al litrat*" (o retrato)- como se dizia em dialeto deturpado do termo "retrato". – ficava-se talvez por muito tempo de pé, ereto e imóvel, em frente da máquina, tomando uma expressão resoluta e determinada. Em suma: a fotografia era um assunto sério!

Dado que uma fotografia também tinha custos consideráveis, as pessoas poderiam dar-se ao luxo de ser fotografados apenas um punhado de vezes em sua vida, e nessas raras ocasiões tinha que aparecer da forma melhor. É neste momento que se apresenta ao fotógrafo com o melhor de sua elegância, bem cuidada e se coloca na frente da objetivo com a ideia de fazer as melhores indicações do fotógrafo, na esperança de chegar a um bom resultado, porque uma foto era feita para durar, e se a postura era estranha, se a expressão não estivesse satisfatória, se o cabelo e as roupas fossem desconformes.... Estava perdida uma oportunidade, e a sua imagem era transmitida para sempre ruim!

Olhando para a fotografia, é claro desde o início que o fotógrafo a ser abordado por Francesca não era um artista famoso (Francesca não poderia pagar) ou, pelo contrário, era uma pessoa tão honesta que deu a Francesca a oportunidade de não gastar muito dinheiro para uma foto, e por isso a retrata ao ar livre, e não dentro de um estúdio profissional. Assim, por exemplo, evitando as despesas adicionais do "aluguel" do estúdio de fotografia, e do pó de magnésio que era essencial para tirar fotos em baixa luz (que foi o precursor do flash de hoje).

Francesca foi, portanto, fotografada à luz do sol, sobre os seixos no chão da terra batida, e tendo por trás um grande pano pintado para servir como pano de fundo. É colocada perto de uma mesa de vime em que é colocado um vaso com uma planta pequena, tudo isto servia como uma "decoração" para completar a cena da câmara, e dar uma imagem de uma elegância bastante bucólica.

Francesca estava de pé, com a mão direita em punho, descansando em cima da mesa, enquanto que a mão esquerda estava escondida atrás das costas em uma pose muito antinatural. Esta postura, certamente sugerida pelo fotógrafo, foi projetada para a

arte direta de comunicar uma mensagem clara, de que, aliás, não posso deixar de admitir. Talvez era mesmo de moda daqueles tempos fazer-se fotografar assim, Talvez se julgava que era elegante, porém admito que não consigo ler a mensagem subliminar, sobretudo a mão esquerda atrás das costas. Parece mais uma posição marcial do que outra coisa, mais própria de um soldado ou de um camareiro, antes que de uma jovem que devia transmitir elegância e beleza.

Diga-se, porém, que Francesca com a sua figura chegou a encher de graça e tranquilidade a fotografia, mérito de sua figura delicada e de seu olhar doce. Deve-se dizer que Francesca era uma mulher querida, de uma beleza cândida, absolutamente não vistosa, e muito delicada.

O seu olhar doce, quase frágil e indefesso, transmite de imediato um senso de paz a quem a observa. Não deve ter sido uma moça que intimidasse por sua segurança ou superioridade, mas também não uma moça “cheguei”. Imagino que ela inspirava respeito, gentileza e educação em quem a encontrasse. Uma moça com a qual era preciso comportar-se como um cavalheiro.

Seu vestido, que agora pode ser chamado de estilo do século XIX, mas que no momento estava no auge da moda, era longo até os pés, e era cercado com uma cintura alta. Assim, é evidente que Francesca ainda era muito fina, embora pelos ombros pode-se ver que não era mais a garota magra, retratada alguns anos antes com seus pais. Agora se tinha fortalecido o suficiente para tomar medidas de uma mulher.

Tanto o vestido como a blusa coladíssima que vestia eram, obviamente, escuros, como era normal naqueles tempos, mas tinham motivos que embelezavam e davam a Francesca uma elegância inegável. Os cabelos longos, com a divisão ao lado, estão dispostos com cuidado meticuloso, e o estilo de cabelo era muito semelhante ao observado na foto que ela havia feito apenas alguns anos antes, um sinal de que Francesca, no entanto, estava determinada a manter esse preciso tipo de penteado.

Deve ser dito que, usando esse vestido lindo, bem organizado, e em pose, Francesca realmente parece grande: para os cânones do tempo pode ser considerada uma mulher bonita e invejável, mas tenha-se em mente que a esta altura, os cânones de beleza feminina indicavam a preferência de mulheres um pouco mais gordas, o que era também sinônimo de boa saúde e prosperidade. Vamos dizer que, talvez, Francesca estava dentro dos padrões de beleza, padrões que teriam saído de moda em tempos mais modernos daqueles em que ela viveu.



Ultima fotografia di Francesca Tirloni (fotografia - metà anni 10)

A segunda fotografia, de maior corpo, foi impressa em tamanho de quadro (ao contrário da primeira que estava dentro do formato fotográfico clássico), e ainda está em quadro e exibida em Soresina, na casa de Nicoletta Tirloni, uma de suas netas.

Esse quadro nos permite focalizar nossa atenção sobre a face de Francesca, um rosto muito doce que, pelo menos nesta ocasião, exibe um sorriso imperceptível ou, pelo menos, não está inteiramente colocada com aquela gravidade muito obrigatória, a ponto de fazê-lo parecer quase resignada e melancólica como em fotografias anteriores. Nesta fotografia Francesca aparece predominantemente com toda sua serenidade de que era capaz. Essa foto, na minha opinião, é realmente bela: a melhor que Francesca entregou para a posteridade!

Nesta foto se pode ver um detalhe curioso: o vestido foi definitivamente redesenhado, mas foi feito com base no original! Percebemos, não apenas pela falta de profundidade, mas sobretudo pela menor precisão. O modelo é idêntico, mas faltando alguns detalhes, como o broche na garganta e os motivos ornamentais que partiam de seus ombros e do peito.

Para esta foto valem todos os comentários feitos antes, com a única diferença de que neste fotografia, à exceção de que Francesca evitou a seriedade e a compostura, e procurou esboçar justamente esse delicado e, acima de tudo, medido sorriso (que faz quase eco ao mais famoso e enigmático sorriso de memória Leonardiana), se pode ver o que devia ser a verdadeira alma de Francesca.

Deve ter sido uma garota de natureza muito doce e serena, no total contraste do que era o caráter do personagem de seu pai Alessandro. Não pode ser comparada com a mãe Elisabetta porque esta última - retratada em idade maior, após muitos anos de trabalho duro ao lado do marido terrível - deu-nos uma imagem de si mesma muito mais "terrestre" da boa mulher da casa, mas que era uma trabalhadora incansável e que fez a sua armadura para resistir ao assédio. Francesca não pode ser comparada com algumas de suas irmãs, bem conhecidas por serem mulheres fortes, que comandavam e até geriam o orçamento de suas famílias. Observando esta fotografia de Francesca, pode-se imaginá-la mais angelical, quieta, calma, quase "mística".

Parece impossível imaginá-la como ela era apenas alguns anos antes, quando tinha que enfrentar os perigos do mato brasileiro e os Bugres selvagens. Ainda mais é difícil imaginá-la numa família lutando com a terrível ira do pai, e com todo o trabalho frenético e infinito que havia para fazer no microcosmo colocado de pé por seu pai enquanto ele estava no Brasil, e é muito triste imaginá-la na Battagliona sofrendo de fome e privação por causa do deus dinheiro tão amado por seu pai.

É uma pena que não tenham chegado até aos nossos dias as memórias dela, de sua pessoa e de sua maneira de ser. Mas felizmente vieram até nós estas fotografias (e não há razão para acreditar que ela tenha feito muitas outras, mas talvez estas três que temos sejam de fato todas as fotografias tiradas em sua vida) que permitiram-nos olhá-la diretamente nos olhos, para inferir algumas hipóteses.

A minha é apenas uma suposição, mas não está completamente excluída a possibilidade de que Francesca decidiu tirar estas suas fotos para fazer com que o seu Agostino as tivesse com ele, durante a guerra. Uma fotografia que serviria como uma maneira de lhe fazer companhia enquanto estava em meio aos horrores da guerra, (que felizmente lhe foram evitados). Esta era uma forma típica que era usada na época, e sempre a moda queria que os homens enviassem a sua fotografia com uniforme da frente de guerra. Infelizmente não foi o que aconteceu, porque não a temos. (Ou não chegaram até nós fotografias do Cabo Maior, Agostino Pesenti).

É muito lamentável que não tenha chegado até os dias de hoje uma fotografia de Agostino que o retratasse durante seus anos de juventude. Eu me lembro com certeza absoluta de que uma vez, na fazenda Peschiere de Soresina, na cozinha onde eles vivi-

am, tia Lisa estava segurando uma pequena fotografia de seus pais, ambos retratados como jovens (a fotografia de sua mãe Francesca foi logo acima analisada). Eu ainda me lembro muito bem que eu apenas adolescente, perguntei intrigado à tia quem eram os dois jovens cavalheiros retratados nas fotografias, e ela comentou: "são meu pai e minha mãe". Eu fiquei espantado com o fato de que, geralmente, eu costumava ver que as pessoas, especialmente de uma certa idade, tinham fotografias em casa de seus pais, já mortos, e geralmente essas fotos antigas retratavam pessoas idosas. Enquanto, neste caso, eram dois jovens.

Eu pedi uma explicação desta fato à tia Lisa e ela disse que sua mãe havia morrido jovem, alguns meses após seu nascimento. O tio Sandro (seu marido) e minha avó Cesarina (que estava presente comigo em Soresina) tinha então começado a me contar a triste história de Francesca, e foi nesta ocasião que a tia Lisa e o tio Sandro mostraram-me a triste carta escrita por Francesca, pouco antes de sua morte, e posso dizer que a partir de então irrompeu a paixão de conhecer toda a história da nossa família!

11.5 – O longo e sofrido calvário de Francesca

Como se pode ver pelo que foi escrito até agora, nós realmente podemos dizer que estes cônjuges, nos primeiros anos de sua história, passaram pouco tempo juntos e, infelizmente, nunca tiveram tempo para recuperar o tempo perdido, porque o destino começou a levar para o pior a vida da pobre Francesca.

Não se transmitiram nos relatos de nossa tradição familiar, precedentes eventos de doenças que tivessem como protagonista a Francesca. Nunca se ouviu comentários que dissessem que ela "*sempre foi fraca*", "*estava sempre doente*". A única coisa que foi apurado é que era uma menina muito fina, mas todos eram uma vez magros, e não implicava necessariamente que Francesca tivesse tido sempre a saúde particularmente frágil ou propensa a doenças.

Não pode ser imputada a sua doença mesmo a alguma epidemia pestilenta, porque a conhecida "gripe espanhola" - famosa por ter sido a maior forma de pandemia da história humana, que gerou mais vítimas em todo o mundo do que a "peste negra" do século XVI, e a própria Grande Guerra – chegaria na Itália apenas um ano e meio depois. Pode-se crer que, em vez, ela simplesmente foi muito sem sorte.

Tentando lançar luzes sobre esta história, aliás muito triste, que agora vamos narrar, não é tarefa fácil, pois infelizmente, também neste caso, as testemunhas oculares já não estão conosco faz tempo, e portanto, na época da doença de Francesca eram praticamente crianças, (também porque já faz quase um século) e não poderiam compreender em sua plenitude o que estava acontecendo ao seu redor.

Até o meu avô Peppino, que sempre foi uma memória histórica autêntica da nossa família, porque vivia muito próximo dos parentes e era um apaixonado pela história de toda a família, no momento do fim trágico destes fatos, ainda não tinha completado 4 anos, e ao longo de sua vida nunca tinha sido capaz de reconstruir, com uma visão clara, tudo o que aconteceu. E eu me lembro que esta era, na verdade, uma das poucas histórias da família que ele me contava de maneira muito vaga e aproximativa, e totalmente desprovida de detalhes particulares ou coligados. Algo muito estranho para o meu avô, que em vez tinha uma memória incrível!

Para apoiar os meus pressupostos e minha reconstrução dessa história, baseio-me em algumas cartas antigas encontradas no Brasil (aquela preciosíssima escrita pela própria Francesca, e uma outra escrita por sua irmã Ângela no final de 1917). Baseio-me ainda sobre um documento (a folha matricular no exército do filho Bruno) e sobre algumas histórias ouvidas por nossos velhos, entre os quais se destaca a tia Olga, que eu admito, como sendo a memória mais fiável.

Infelizmente, há muitas discrepâncias entre as narrativas, os documentos e as cartas, por isso reconstruir fielmente nos dias de hoje o que aconteceu há 100 anos é praticamente impossível ou extremamente complicado, então não posso certamente garantir toda a veracidade do que vou escrever.

Tudo começou como a Francesca mesma escreveu em sua única e famosa carta do início do ano 1917 (isto é, quando o casal estava casado há apenas dois anos). En-

quanto Agostino tinha sido convocado para o exército há alguns meses e estava localizado em Gênova, envolvido em guerra, Francesca, que estava sozinha em Covo, começou a não se sentir bem. Talvez se pensasse inicialmente que seria um mal-estar devido à estação (na verdade, estavam plenamente no meio do inverno), e talvez fosse uma gripe um pouco mais forte do comum e que, no entanto, era uma doença que naquele tempo já era considerada como muito perigosa, mesmo para uma jovem como ela, que tinha apenas 23 anos. Mas o problema foi que os sintomas não deram nenhum sinal de passar.

Infelizmente, não sabemos exatamente o que aconteceu com Francesca. Ninguém sabe dizer como começou a sua doença e quais foram exatamente os sintomas que se manifestaram. Não sabemos, por exemplo, se Francesca tinha inicialmente sentido dores generalizadas ou localizadas, ou febres bastante estranhas. Não sabemos se os sintomas eram contínuos ou intermitentes, e não sabemos se a partir do início foi forçada a ficar de cama, ou se ela poderia igualmente cuidar de si mesma. Não sabemos mesmo exatamente quais órgãos foram possivelmente envolvidos na doença de Francesca, e não se sabe se foram problemas digestivos, respiratórios, circulatórios, musculares, esqueléticos, neurológicos, ou outros.

A única memória que a tia Olga tinha desses fatos é que o médico queria que Francesca continuasse jejuando, mas isso não implica que ela tivesse problemas digestivos. Poderia muito bem ter um problema com o sangue, ou uma infecção que, não comendo - de acordo com o médico - a purificaria. Mas o jejum férreo imposto pelo médico causou muito mais mal do que bem, tanto que o comentário feito por tia Olga, talvez transmitido por Agostino, ou pelo marido Bruno (não sabemos de quem a tia Olga tomou conhecimento desta história) foi que se continuasse o jejum "*Morreria de fome!*" Temos que tatear no escuro e ter este fato de uma forma mais geral: devemos imaginar Francesca "doente", mas sem qualquer outra indicação apropriada!

Provavelmente, no início daquilo que viria a se tornar para ela um autêntico e longo calvário, Francesca pensava que poderia curar-se com remédios naturais que a experiência de pessoas do campo adotavam, mas quando ela viu que não produzia nenhuma melhora, certamente fez chamar um médico, ou pessoalmente ela foi a ele. (Embora haja razões para acreditar que antes teria ido à famosa "Bigia de Coff", a bizarra e curandeira misteriosa que apenas alguns anos antes havia ensinado a escrever a todos os seus irmãos e irmãs).

No entanto, os fatos caminharam, e nenhum dos simples médicos da campanha a quem Francesca acorreu, conseguiram fazer um diagnóstico correto e especialmente curar sua doença. Neste ponto, após vários meses sem nenhuma melhora, dada a sua impotência, os médicos recomendam a internação de Francesca no hospital em Bérghamo.

A decisão de ir para o hospital, hoje, pode parecer a coisa racionalmente lógica, óbvia e de implementar, mas naquele tempo não era assim. O conceito de hospital era muito diferente de como o conhecemos hoje. Agora o hospital é absolutamente o lugar

onde há mais equipamentos, mais médicos, mais possibilidades de conhecimento e, portanto, mais possibilidades de recuperação. Naqueles tempos o hospital era o primeiro lugar por excelência de doenças, no qual se entrava com uma doença, e no final também se era atacado por outros males presentes na estrutura. Não havia conhecimentos ao nível de hoje, e no início do século XX a medicina era ainda um mistério, as drogas eram quase desconhecidas e os pacientes eram apenas cobaias de laboratório.

As pessoas então tentavam manter-se o quanto possível mais longe possível do hospital. Apenas acorriam nos casos mais graves e desesperados. Só de ouvir pronunciar o nome "hospital" imediatamente surgiam imagens sombrias e assustadoras de sofrimento, especialmente de antecâmara da morte. Eis porque especialmente os ricos tentavam ser tratados em casa chamando especialistas e personalidades à sua cabeceira.

Não se sabe exatamente o que fez Francesca encontrar a coragem para aventurar-se em um hospital. Ela provavelmente não poderia se dar ao luxo de chamar um especialista em sua casa, porque, obviamente, esse procedimento era muito caro, e certamente decidiu manter esta opção como um "último recurso". Ela então se fez forte e entrou no hospital... Nós podemos imaginar como ela se sentia, tão jovem, sozinha, doente há algum tempo, com o seu marido afastado por causa de guerra... Deve ter sido um momento muito difícil para ela. Provavelmente teria escrito para o seu marido para contar-lhe a situação e pedir seu conselho, e então teria começado a rezar para receber respostas o mais rápido possível. Esperamos que, pelo menos, tenha encontrado ajuda, apoio, compreensão e compaixão em sua família!

A hospitalização em Bérgamo teve a duração de dois meses, mas até ali nenhum médico pôde resolver seus problemas. Depois de todo o medo e os riscos passados, Francesca voltou para sua casa sem ter recebido qualquer benefício ou melhoria. O único consolo era não ter piorado, e não ter contraído outras doenças presentes no hospital.

Foi-lhe sugerido de procurar um especialista que estava localizado em Gênova, mas infelizmente sem especificar que tipo de especialista, e nem sequer há informações de seu nome, e por isso não podemos inferir a sua patologia). Nesse ponto veio em nossa ajuda a memória da tia Olga que nos ajudou a melhor contextualizar o processo dos eventos até agora narrados. Informou-nos a Tia Olga que enquanto seu sogro Agostino era um soldado durante a guerra, alugou um pequeno apartamento perto do quartel para fazer com que Francesca chegasse perto dele e ser capaz de melhor controlar a situação, evitando assim que ela ficasse sozinha.

A história coincide totalmente com o que Francesca escreveu em sua carta e com os relatados na folha de matrícula de Agostino. Francesca em seu relato por carta à irmã brasileira escreveu sobre sua própria provação, que depois de estar dois meses no hospital em Bérgamo, foi a Gênova para consultar um especialista. Ao mesmo tempo, conhecemos a partir da folha de matrícula que Agostino estava alocado em Gênova desde meados do ano anterior, e aos 15 de Abril de 1917, quatro meses depois do início da do-

ença Francesca, foi dispensado do serviço militar e disponibilizado aos estaleiros Ansaldo.

Tudo parece se encaixar, e o relato da tia fornece um detalhe muito belo que nunca poderíamos imaginar: Agostino, informado (talvez por sua mulher) da existência de um especialista em Gênova onde ele estava, decidiu de fazer sua esposa chegar junto ao mar - talvez com a esperança de que uma mudança climática poderia trazer algum benefício - então alugou um apartamento para ela viver, mas não se limitou apenas a isto.

Percebendo que sua esposa precisava de assistência, tentou explicar a situação a seus superiores militares e obter a dispensa do serviço militar (pelo menos neste momento a sorte esteve do seu lado). Foi trabalhar no Ansaldo, no entanto não teria que voltar para o quartel para a noite. Então, terminado o seu dia de trabalho podia voltar para casa, para junto de sua esposa doente. Ao mesmo tempo, a mulher, graças também à ajuda constante de seu marido, pôde tomar os seus cuidados, sem ter que viver em hospital. Agostino foi um homem muito corajoso e um marido exemplar!

Francesca na carta que ela escreveu pouco mais de dois anos depois, também disse quanto gastou em cuidados médicos recebidos em Gênova: 11 liras por dia. A conta pode ser feita facilmente: Francesca para este tempo de tratamento gastou um total de cerca de 1.300 Liras, E também estes gastos não serviram absolutamente para nada!

Era uma cifra muito alta, certamente não ao alcance de todos os bolsos... Agostino certamente não olhou para o custo para curar a sua jovem e infeliz mulher, mas para fazer isso certamente teve que empenhar toda a poupança que meticulosamente conseguira pôr de lado nos últimos anos.

Devemos lembrar que no momento em que esses eventos ocorreram, ainda não tinha se verificado em toda a sua força a grande crise econômica devido à guerra, mas para ter a certeza do que estamos dizendo, devemos saber exatamente o momento em que Francesca fez esse tratamento. Apenas para dar uma ideia do poder de compra de mil liras, temos que pensar que em 1914, antes da guerra, com mil liras se poderia comprar um carro, e em 1920, depois de uma desvalorização de 42% durante a guerra, e 82% depois dela, então com 1000 liras se podia apenas comprar uma moto (sempre considerados um luxo, um bem para poucos).

Neste ponto, entramos na parte mais difícil da reconstrução histórica dos acontecimentos. De acordo com uma carta escrita aos 4 de novembro de 1917 pela irmã Ângela à irmã Rosa que morava no Brasil, ficou claro que todos os homens da casa tinham ido para a frente de guerra (os irmãos Vittorio e Emanuele partiriam um dia após esta carta) e o velho pai Alessandro, pela falta completa da força de trabalho pela falta dos filhos, decidiu alugar a fazenda Battagliona para a família Colzani, e mudou-se com todas as mulheres para uma casa localizada mesmo no centro da vila, atrás da igreja.



Fazenda onde a família Tirloni se retirou para viver durante a Grande Guerra, Via da República No. 3 (Google - ano 2011)

Uma vez que até as filhas casadas agora estavam em casa sozinhas, porque os seus maridos estavam na guerra, o velho Alessandro decidiu reunir todas, para ficarem juntos e "unir forças" em uma tentativa de lidar com esse momento difícil e preocupante. Esta é, talvez, a única vez em que as crônicas de família, como também as cartas encontradas no Brasil, falam do velho pai Alessandro em um tom suave e humano e com compreensão!

Além das notícias do que estava acontecendo na família e as dificuldades e medos que todos estavam passando, a irmã Ângela, nesta carta, mostrou brevemente para sua irmã brasileira o estado de saúde de todos os membros da família. Esta era uma prática normal, quase obrigatória em correspondências, começando primeiro a garantir a saúde dos familiares.

Neste caso, Ângela não se limitou - como sempre fazia - a um comentário geral, que incluía todos, mas referindo-se a Francesca fez uma referência específica. De fato escreveu em seu texto: "Enquanto a irmã Francesca vai bem [assim como] o seu marido". Provavelmente escreveu assim sobre sua irmã Francesca porque já fazia quase um ano que havia começado a ficar doente, e com certeza os parentes do Brasil já tinham conhecimento da doença de Francesca e por isso era necessário tranquilizá-los falando especificamente sobre ela. Mas não sei se era verdade o que foi escrito. Pode ter sido relatado, como mencionado acima, de propósito para não preocupar muito os irmãos distantes, ou pode ter sido que, realmente, depois do tratamento em Gênova, Francesca teria ficado um pouco melhor.

Considerando-se que esteja correta a interpretação no que se lê na carta de Ângela, e que o velho pai havia chamado para viver consigo todas as mulheres da família (fato de que se lembrava o meu avô Peppino, embora de forma bastante nebulosa, porque no momento em que esses fatos aconteceram era apenas uma criança pequena) deve-se supor que Francesca, no início de 1918, finalmente deixou Gênova e voltou para Covo. Agora, para ajudá-la havia a sua família, e de fato neste momento Francesca tinha uma necessidade especial de ajuda, pois de Gênova não retornou sozinha, mas de fato grávida!

Se esta hipótese dessa reunificação familiar fosse verdadeira, conforme já mencionado, o velho pai Alessandro, depois de passar uma vida toda para realizar façanhas épicas e corajosas, tendo dirigido muitos homens e trabalhadores de ambos os lados do oceano, encontrava-se agora, aos 65 anos, o único a ter que gerir e cuidar de um exército de mulheres e crianças. Podemos facilmente imaginar como esta coisa não era realmente do gosto do velho Alessandro, que passou a se sentir como na prisão, e tornou a vida impossível para todas essas 12 pessoas que viviam ao seu lado!

Em casa, portanto passaram a conviver com o velho patriarca:

- A nora Lúcia (esposa do filho Vittorio) e seus filhos: Augusta de 2 anos e Alessandro que nasceu neste ano.
- Ângela e sua filha Narcisa de 6 anos (a maior de seus netos italianos)
- A nora Rosa (esposa de Emanuele) e seus filhos Ângelo de 5 anos e José de 2 anos
- Vitória, o braço direito de seu pai, ainda solteira
- Francesca, que estava prestes a dar à luz o seu filho Bruno
- Antonia, a filha mais nova, que ainda era solteira

Foi neste contexto de grande família patriarcal que se reuniram para atender, em comum, às dificuldades geradas pela guerra. Francesca no dia 1 de março de 1918, completou sua segunda gravidez e deu à luz seu segundo filho: Bruno.

Uma criança do sexo masculino era o mais desejado por cada casal (tanto é que o desejo típico que se fazia a um casal de recém-casados era: "Felicidades e filhos homens!"), Isto porque representava uma continuidade e perpetuação de seu nome no futuro, mas também representava uma verdadeira ajuda no trabalho: dois braços fortes ajudariam seu pai no trabalho duro nos campos, e um dia tomaria o seu lugar na gestão daquilo que os velhos deixavam como herança.

Se adicionarmos a isso o fato de que Francesca estava doente há mais de um ano, e então teria encontrado muitas dificuldades com a gravidez e, especialmente no momento do parto, pode-se facilmente compreender como teria sido grande a sua alegria ao ver a criatura que levava em seu ventre que era um menino! Felizmente a criança nasceu saudável e, desta vez, ao contrário do que aconteceu em 1916, chegou a sobreviver.

Certamente Francesca, tão logo se recuperou do parto, teria escrito ao marido (que ainda era um soldado em Gênova, e certamente não teria podido retornar para casa) para avisá-lo de que a criança havia nascido saudável e que todos estavam bem.



Os adultos da família durante a Grande Guerra. Na ordem de posição se vêem:
Patriarca Alessandro Tirloni
As filhas Ângela Tirloni Nava, Vitoria Tirloni, Francesca Tirloni Pesenti, Antonia Tirloni
as noras Lucia Cucchi (esposa de Vitorio Tirloni), Rosa Morosini (mulher de Emanuele Tirloni)

A guerra terminou aos 04 de novembro de 1918 e, aos poucos, todos os homens da família voltaram para a Covo. Nós não sabemos quando Agostino foi licenciado porque em sua folha de matrícula não consta a data, mas há razão para acreditar que foi um dos primeiros a ter a "exoneração militar", talvez por causa de sua situação familiar, aliás bem conhecida por seus superiores que já haviam dado a dispensa de obrigações militares, tornando-o disponível para a metalúrgica Ansaldo.

Francesca retornou para sua casa com seu filho, e Agostino chegou logo depois, provavelmente nos primeiros dias de 1919, e pôde, portanto, finalmente conhecer seu filho!

Doravante Agostino não iria se separar mais de sua esposa, a vida continuava a fluir, como sempre. No entanto, Francesca ainda não se sentia bem. Provavelmente a gravidez piorou sua situação já delicada e infelizmente para ela não existia paz. Tinha sempre necessidade de cuidados médicos constantes, mas as despesas incorridas e muito pesadas durante sua estada em Gênova, deve ter esgotado inexoravelmente a poupança desta jovem família. Não sabemos se agora ela pediu ajuda para o velho Alessandro Tirloni. Sabemos com certeza – pois é ela mesma que escreveu – que a família Pesenti não se furtava em prestar auxílio e dava ao jovem casal todo o seu suporte, tanto para a ajuda de cada dia, como especialmente ajuda econômica!

Nós não sabemos nada sobre a possível ajuda que lhe foi dada pela sua família Tirloni. Há de se acreditar, no entanto, que teria sido muito pouco - se não for zero - porque em sua carta, Francesca não teceu absolutamente nenhuma palavra de agradecimento para qualquer membro da família Tirloni, e esta suposição foi também confirmada pela velha tia Olga, que nunca ouviu falar de qualquer história a respeito da assistência recebida de sua família Tirloni

Admito que esta coisa sempre me incomodou muito. Como podiam ser tão insensíveis a todo o grito de ajuda de sua irmã Francesca? Como eles podiam ser tão cegos diante de suas grandes dificuldades?

Eu vou ser honesto na minha opinião. Desde o primeiro momento em que eu ouvi esta história realmente triste, eu comecei a pensar sobre isso, e no meu coração eu sempre alimentei a esperança de que pelo menos para as necessidades diárias da família, as suas irmãs e cunhadas tenham tomado conta das dificuldades de Francesca. Eu espero que não tenham ajudado economicamente a Francesca apenas por causa de um veto rigoroso do velho pai Alessandro, que na época comandava com mão de ferro todos os membros da família. Em suma, espero sinceramente em meu coração que os irmãos Tirloni não tenham podido ajudar, mesmo que eles tivessem querido fazê-lo!

Felizmente, a velha mãe de Agostino, a avó Eufrosia, deve ter sido uma boa mulher, muito bem-disposta para ajudar a nora em dificuldades. Certamente deu a sua aprovação e especialmente exortou toda a sua família para ajudar tanto quanto possível a este casal jovem em dificuldade.

Francesca pôde então continuar o tratamento médico (mas não temos notícias precisas do que fazia agora), mas, infelizmente, o seu agravamento continuava lento e implacável, apesar de qualquer medicamento, e a doença começou a consumi-la mais e mais.

Eu não sou um médico, e ninguém sabe exatamente de que sofria Francesca. Então eu não posso ter certeza do que eu tenho a dizer, mas talvez para agravar ainda mais a saúde de Francesca interveio aquilo que, a partir de outro ponto de vista, seria uma agradável surpresa: o casal descobriu na primavera daquele ano que Francesca esperava um outro bebê!

Esta era, obviamente, uma grande notícia que fazia jus a uma homenagem aos dois cônjuges, mas talvez, por causa do estado de saúde de Francesca, já muito enfra-

quecida por dois anos de doença e cuidados médicos, pode ter sido um acontecimento que afetou inexoravelmente e para sempre o destino de Francesca.

Enquanto aconteciam estes fatos, isso é, quase cem anos atrás, a cultura das pessoas no que se relacionava à saúde, à medicina e, acima de tudo, à contracepção eram quase um mistério, e por isso, neste momento, surgem realmente muitas perguntas, e fazer uma reflexão certamente não é fácil. Primeiro de tudo: a família de Francesca tinha pleno conhecimento do que estava acontecendo? Entendiam que esta jovem senhora estava gravemente doente ou tinham absoluta certeza de que, sendo tão jovem, ela certamente poderia se recuperar? Se davam conta de que a gravidez poderia afetar seriamente a sua saúde?

Apesar de a medicina oficial não ter sido capaz de chegar a compreender do que Francesca estava sofrendo e como curá-la (ou pelo menos, foi isto que foi transmitido), deve-se dizer que, naquela época, eram muito mais acostumados à morte, mesmo em uma idade muito jovem. Praticamente em todas as famílias havia pessoas que, embora jovens e talvez em pleno vigor, de repente, caíam doentes e logo em seguida morriam. Por isto, de um lado se poderia pensar que a possibilidade de que Francesca pudesse em breve vir a faltar, era certamente bem conhecida de todos, mesmo de Francesca. Mas o fato de que Francesca arrastou sua doença por dois anos, e tinha passado uma gravidez sem morrer durante o parto (coisa que naquele tempo ocorria com grande frequência) talvez tivesse começado a incutir em sua família a ideia de que a doença de Francesca, embora fosse muito séria, não seria fatal. Então realmente poderia ter acontecido que, com o passar do tempo, a tensão, o medo e a preocupação de todos (talvez até mesmo da Francesca) tivessem se atenuado e seu estado de doença se tenha tornado algo bastante óbvio.

Eu também cheguei a pensar que a ciência médica, ao contrário do que foi transmitido, sabia muito bem o que estava acontecendo com Francesca (mas não disseram qualquer coisa para manter tranqüila a ela mesma e a toda sua família). Mas talvez simplesmente não existiam medicamentos disponíveis para combater a sua doença. Também pode ser que os médicos nem sequer se expuseram a desencorajar uma gravidez.

Talvez a minha ideia seja totalmente errada, talvez fosse tudo totalmente diferente, e Francesca, por medo de não ser capaz de permanecer viva por um longo tempo, e especialmente na certeza de que suas condições iriam se deteriorar significativamente, enquanto ela ainda era capaz, tenha recolhido as suas últimas forças destinando-as a um gesto extremo de amor, e realmente queria dar vida a outra criatura, talvez na esperança de que fosse uma menina que poderia cuidar de seu amado Agostino quando ele iria se tornar velho. Se assim ocorreu, pode-se dizer que Francesca foi uma mártir da família!

No entanto, seja como for, a gravidez de Francesca prosseguia de modo correto, mas a saúde continuava sua queda inexorável, porque o mal que a devorava (seja lá o que fosse) continuava a sua lenta erosão. Francesca tinha agora já uma barrigona de sete meses quando, no outono de 1919, comemorava o seu último Aniversário: 26 anos.

Quando o ano começou a chegar ao fim, Francesca, sempre mais fraca e necessitada, entrou no último mês de gravidez. Nós podemos Imaginar que neste momento tanto ela como também Agostino começaram a ficar bastante preocupados porque todos, sem dúvida, se deram conta de que o esforço de um parto, especialmente para uma pessoa cujo corpo estava esgotado por quase 3 anos de doença, e debilitado por todo o tratamento médico recebido, poderia até mesmo ser fatal para a jovem.

Mesmo deste período existe uma carta encontrada em Nova Trento e escrita em 16 de dezembro por seu irmão mais novo Eliseu. É uma carta muito simples em que o irmão que escapou dos horrores da guerra, graças a boa sorte que, aliás, permitiu que todos os irmãos Tirloni voltassem para casa sãos e salvos, ele escreveu para a irmã Rosa do Brasil. Por si só, esta carta não tinha nada de especial para ser mencionada neste capítulo, exceto para o fato de que ali se lê uma coisa realmente estranha, quase absurda (considerado o fato que sabemos do que estava acontecendo na casa Pesenti). A estranheza desta carta reside no início, nas primeiras palavras de abertura onde se lê textualmente: "*Querida irmã e cunhado, estou enviando esta carta para notificar que gozo de boa saúde, eu e toda a família ...*". Como isso é possível? Francesca estava doente por quase três anos, estava vivendo seus últimos meses de sua vida, e seu irmão Eliseu escreveu que na família estavam todos bem? Como é possível?

Há várias interpretações, mas nenhuma certeza. Era uma prática daqueles tempos começar uma correspondência falando sobre a sua saúde e a de outros. Era especialmente uma prática começar desejando aos leitores boa saúde (ou, eventualmente, falando dos problemas de saúde) declarando estar com boa saúde, bem como aqueles que viviam próximos a ele. Em seguida continuava-se pedindo a confirmação da saúde de quem lia a carta, e talvez demonstrando a sua alegria com o fato de que as cartas já recebidas tinham vindo para fazer saber que quem havia lido estava bem.

A não ser em grandes problemas familiares, este modo de iniciar uma carta tornou-se um verdadeiro "clichê", e sempre começava-se por dizer "estou bem" ou "estamos todos bem", e se prosseguia desejando: "Eu espero que você esteja bem". Às vezes, no entanto, também estava-se disposto a mentir descaradamente, mas para o bem dos leitores. Este poderia ser o caso típico dessa carta de Eliseu: a sua irmã mais velha, Rosa, vivia distante no Brasil, talvez fazia tempo que lia as cartas que falavam da preocupante saúde da Francesca, mas para não preocupá-la ainda mais, Eliseu escreveu que sua irmã estava bem, mas sem se estender muito sobre esse fato.

Realmente há razão para acreditar que a chave de leitura pode ser uma das duas que acabei de mencionar acima, ou ainda se pode imaginar que quando Eliseu escreveu "A família toda" se referia apenas à parte da família que vivia na Battagliona com o velho pai Alessandro. Como Francesca vivia fora da casa, não foi incluída entre eles. No entanto, deve ser interpretado como absolutamente impossível que Eliseu não havia notado que sua irmã estava doente tão seriamente!

No dia depois do Natal, Francesca começou a ter dores de parto, e certamente a preço de um grande esforço, deu à luz uma menina que foi chamada como a avó mater-

na, que morreu horrivelmente apenas 7 anos antes: Elisabetta. Acreditamos que esse nascimento foi realmente um momento de extrema dificuldade e medo para todos. Há razão para acreditar que a parteira não tenha certamente agido com tranquilidade e se pode imaginar que, no caso de um parto tão perigoso, talvez, tenha sido chamada, para cuidar da parturiente ou supervisionar e auxiliar em todas as ações também a muito conhecida Bigia de Coff, a curandeira famosa, cujo "poder" secreto sempre foi temido, mas também respeitado.

Felizmente, o bebê nasceu saudável e Francesca conseguiu mais uma vez não sucumbir ao grande esforço do parto, e pôde, então, apertar contra si mesma a sua menina. O fato de que nasceu uma mulher deve ter sido visto como um sinal auspicioso: naquele tempo, enquanto os homens foram vistos por todos como a esperança de passar o seu nome para o futuro, e especialmente no meio rural, como assistência física no trabalho duro da terra, já uma criança do sexo feminino era vista como um ajuda doméstica essencial e o cuidado dos pais quando eles se tornassem velhos e, portanto, nas suas necessidades.

Francesca era uma jovem mulher, agora doente, sofrida por uma gravidez. Sua vida não era fácil. Certamente ela não via um futuro cor de rosas. A sua ideia provavelmente era de que agora ela não conseguiria melhorar e, certamente, não viveria por muito tempo. Assim o fato de que tinha uma filha que logo poderia dar uma força doméstica na família era reconfortante. Um dia em que Francesca não estivesse mais no mundo, esta criança seria certamente capaz de ajudar seu pai na velhice. Estes provavelmente eram os pensamentos que tinha Francesca enquanto acariciava o bebê recém-nascido. Mas infelizmente, como sabemos, não aconteceu assim, e não iria acontecer nada disso.

Como disse, eu não tenho certeza da hipótese que eu estou fazendo, mas provavelmente a partir deste momento, talvez como resultado do esforço forte devido ao parto, a situação precária da saúde de Francesca começava agravar-se ainda mais rápida e mais severamente. A jovem estava sempre apoiada pela família do marido (também do ponto de vista econômico) mas a sua constante necessidade de remédios colocava em crise também as disponibilidades econômicas da família Pesenti, que a um certo momento já não podia mais ajudar a enferma.

Agostino e Francesca se encontravam sem dinheiro, e os remédios eram adiados, senão mesmo suspensos. Francesca começava a piorar cada vez mais, de modo visível, e passava a ter cada vez mais dificuldades de mover uma perna (não sabemos qual). Em pouco tempo este membro perdeu completamente a mobilidade, ficando completamente inanimado. Esta paralisia prosseguia sempre mais e atingiu também a musculatura das costas, que portanto não a sustentava mais. Era obrigada a levar um busto metálico, e para conseguir se mover era obrigada a usar as muletas.

Neste ponto vemos que a situação era muito preocupante e a doença de Francesca era visível em sua gravidade por qualquer pessoa. Provavelmente, os médicos disseram que eram necessários remédios, e mais contínuos. Mas em casa dinheiro já não havia

mais, e a família Pesenti neste momento não podia mais ajudar. Empurrados pela necessidade real de Francesca, tentaram novamente entrar em contato com o rico pai Alessandro.

Há razão para acreditar que, nesses anos de doença, Francesca já havia tentado pedir ajuda financeira a seu pai. Talvez ela não se atreveu a pedir expressamente que lhe desse algum dinheiro (sabendo como ele estava ligado ao dinheiro e bem sabendo como era seu mau caráter). Talvez ela tinha esperanças de que ele, de sua vontade, iria lhe oferecer. Mas nestes quase três anos, do bolso do velho pai nunca havia saído um centavo para ela. Nos últimos anos, o pai viu casarem-se todas as suas filhas, e ele já teve que desembolsar dinheiro para todos os dotes das filhas, e isto teria sido considerado por ele, mesquinho como era, como uma verdadeira sangria. Agora Francesca era casada, e ele havia pago a taxa de dote prevista em acordo pré-nupcial, por isso, neste momento, sua filha devia ser sustentada pelo marido, nos momentos bons e ruins, e ele não tinha mais nenhuma obrigação "da lei" nos seus relacionamentos com ela.

Francesca, na esperança de ser curada, havia gasto muito dinheiro nestes anos, sem obter qualquer resultado bom. Isso foi usado pelo velho e terrível Alessandro como um exemplo para dizer que os medicamentos não servem para curar, só servem para tornar alguém pobre ... Realmente um absurdo!

Agora, de fato, Francesca estava reduzida a uma má situação. Podemos imaginá-la arrastando sua perna atrofiada, fazendo um esforço para ficar de pé com as muletas, e com o rosto desfigurado pela dor que um busto de metal causava, se voltou suplicante e quase em lágrimas ao velho pai, que ainda estava forte e em pleno vigor, apesar de ter já 67 anos. Francesca provavelmente tentou várias vezes convencer seu pai para ajudá-la, pois realmente não podia acreditar que seu Papai, que a havia colocado no mundo e agora via sua situação realmente horrível, se recusasse a ajudá-la ... Como um pai pode fazer isso?

É claro que se ainda estivesse viva a sua pobre mãe, certamente as coisas não iriam ocorrer dessa forma, pois a querida mãe Elisabetta lutaria com toda a sua força (como foi dito que ela já havia feito em outras ocasiões) para demover o teimoso marido de suas loucas opiniões. Talvez ela falaria com todos os irmãos para convencê-los a tomar uma posição comum contra o seu pai, mas infelizmente a pobre mãe tinha falecido e Francesca e Agostino viam-se contra o absurdo de um velho homem que era muito rico, talvez o mais rico de todos em Covo, que com todo o seu dinheiro poderia levar sua filha para os melhores centros e os melhores médicos, mas que, ao contrário, continuava a perpetrar a sua lúcida loucura.

Nós não sabemos se Francesca tentou procurar ajuda junto de seus irmãos e se, acima de tudo, estes a ajudaram. Alguns deles viviam em casa com o pai e a ele estavam sujeitos, e não tinham seu dinheiro pessoal. As irmãs casadas talvez tivessem mais liberdade de ação (especialmente se pensarmos em Antonia que, alguns meses atrás, se tinha tornado esposa de um homem muito rico). Pode-se crer que os irmãos não foram capazes de fazer muita coisa, porque o velho Alessandro os impedia categoricamente ...

Eu realmente gostaria de saber como ocorreram exatamente esses fatos, porque eu teria gostado de poder fazer justiça para aqueles que a mereciam. Não posso porém acreditar que nenhum dos 10 irmãos que tinha Francesca, teria se movido em sua ajuda ... Seria um absurdo. Seriam todos egoístas e sem coração?

Eu lembrava erradamente que Agostino, durante o último ano de vida de Francesca, apenas para atender à compra urgente de medicamentos que sua esposa tinha em grande necessidade, que ele tinha sido forçado a emigrar para a França. Mas esta coisa foi categoricamente negada pela velha tia Olga que, em vez, conta que seu sogro preferiu ficar em Covo o tempo todo para ajudar a pobre mulher moribunda com o melhor que podia. Também porque depois a jovem Francesca, como vimos, chegou ao ponto de não ser mais auto-suficiente. Ela precisava de cuidados constantes, até para sair da cama ou vestir-se, e com as muletas e uma perna paralisada, esta pobre mulher não podia certamente nem cuidar da casa, nem prestar atenção à recém-nascida (sem esquecer que em casa havia também o filho mais velho, Bruno, que ainda não tinha dois anos, e ele também precisava de cuidados) Eis que, portanto, a presença de Agostino perto de sua Francesca era nada menos do que essencial!

Provavelmente Francesca e Agostino, mas talvez também os vários irmãos Tirlo- ni, experimentaram fazer uma última tentativa para quebrar o coração de pedra do velho e insensível Alessandro. Mas mesmo em face de uma tal situação desesperada e desola- dora, capaz de mover a piedade de qualquer um, o velho Alessandro permaneceu imper- turbável e não se comoveu minimamente. Justamente o pai, a quem Francesca se dirigiu apenas 8 anos antes, quando eles posaram para o famoso retrato, a única dentre todas as pessoas fotografadas que fez um contacto, oferecendo um gesto de afeto (pousando a mão no ombro do pai,) ele balançava a cabeça e repetia o seu frio e peremptório: "NÃO"! Muitas vezes me pergunto, como ele poderia ser tão cruel!

A pobre Francesca, amedrontada com sua sorte que era inevitável e muito próxi- ma, rasgada pela preocupação com seus filhos recém-nascidos, mas também destruída psicologicamente pela crueldade do pai que se recusou a pagar seu tratamento, reuniu suas últimas forças para escrever uma carta desesperada para o Brasil:

Covo, 24-02-1920

Caríssima irmã e cunhado.

Com muita dor, preciso fazer-te conhecer as minhas tristíssimas condições de sa- úde.

Faz 36 meses que estou doente a ponto de não poder servir-me a mim mesma, em nada.

Procurei todos os meios para tentar recuperar a minha saúde. Procurei em casa, e por dois meses, no hospital de Bérgamo. Aconselharam-me a recorrer a um especia- lista em Gênova, e estive lá por quatro meses no hospital, com as despesas de 11 liras por dia. Agora estou em casa, piorando de dia para dia.

Uma coisa que agrava a minha longa e sofrida doença é o “nosso pai” com aquele egoísmo do dinheiro! Acredite-me [porque eu o digo] como num juramente meu e em nome de meus dois queridos filhinhos: nosso pai não me ofereceria nem sequer um copo d’água, porque custaria cinco centésimos de lira.

Sabes o que acontece? Além daquilo [que Francesca já escreveu até agora] há o fato de que nosso pai já fez o testamento, e nós o sabemos como foi feito: para nós, filhas, ele concedeu 5.000 liras, enquanto que, em vez, aos filhos concedeu mais de 60.000 liras cada um. Vês qual é a proporção? E não se pode lhe dizer absolutamente nada. Ele continua com aquele mau caráter.

Termino com a esperança de que com a tua próxima [carta que escreverás para a Itália] quererás dizer algumas coisas ao nosso pai a meu respeito, porque agora estou precisando muito de socorro.

Ao ver o quanto meu marido e minha família fizeram por mim, quanto e quanto dinheiro gastaram por mim, e o nosso pai que possui muito mais do que a família Pesenti, nunca colaborou nem sequer com uma pequena importância para me ajudar. Nunca, nunca, nunca!

Muitas vezes eu te escrevi, mas nunca obtive uma resposta diretamente para mim.

Saudações infinitas para ti e toda tua família. Saúda em meu nome também aos nossos irmãos, e informa-os a respeito das minhas tristíssimas condições de saúde.

Termino porque já não posso aguentar, ó minha cara irmã, pois estou desfalecida, e as forças físicas vão desaparecendo cada dia mais. Tenho uma perna morta e devo me sustentar com as muletas e suportar o colete metálico, dia e noite.

Infinitas saudações. Sou tua irmã amada,

Francisca

Ciao Ciao

Esta carta não precisa de comentários! É o desabafo de uma jovem triste mulher exausta pelas injustiças perpetradas por seu pai, em nome do deus dinheiro. Uma vez que pagou o dote, a filha pertencia inteiramente a seu marido, como se fosse um mercador, e ele não tinha obrigação de qualquer tipo com ela, e além disso ele se sentia muito tranquilo com a sua consciência ... Com esta carta, endereçada à sua irmã Rosa de Nova Trento, preservada por ela e que sobreviveu até os dias atuais, a figura do velho Alessandro está sempre exposta e entregue ao julgamento da posteridade em toda a sua crueldade real!

Rosa era a irmã que recebeu todas as antigas cartas (escritas por parentes da Itália) das quais se tem conhecimento e todas essas cartas têm um valor histórico - para além do simbólico - que realmente poderiam ser descritas como tendo um valor inestimável. Digo isso porque essas cartas antigas, em sua simplicidade direta, nos dizem - dizendo melhor - elas nos REVELAM a vida real de cada dia que acontecia com a nossa família, quase um século atrás, o que nos leva ao conhecimento de todos, e não apenas de alguns problemas graves que nossos antepassados tiveram de suportar ao custo de muito esforço.

Como sempre acontece, geralmente o tempo cura as feridas, apaga os rancores, os ressentimentos são esquecidos, os erros são minimizados, mas acima de tudo, as feiúras tendem a ser eliminadas ou, pelo menos, tendem a ser filtradas e diluídas. As histórias, originalmente contadas por aqueles que viveram na pele como descrito na distância de anos, inevitavelmente tendem a perder mais e mais detalhes que as enriqueciam (e isto devido ao fato de que são transmitidas por via oral), e correm o risco de serem alteradas e falsificadas, mas a maioria desses males tendem a ser envoltos em uma névoa, tornando-os cada vez menos credíveis, como se fossem falsos mitos. O que nasceu como verdade histórica depois de tanto tempo, tende a se tornar uma lenda "a ganhar com o benefício da dúvida", como se fosse falso, porque inevitavelmente se presume que tenha sido altamente distorcido, ou como dizem hoje em dia: "teria sido romanceada".

Por exemplo, se não tivesse existido nenhuma fotografia autêntica ou filmes, eu acho que nunca se poderia acreditar nas barbaridades que foram constantemente perpetradas nos campos de extermínio nazistas, porque isso transcende também à compreensão humana. Da mesma forma, todos nós sempre ouvimos de nossos avós que o nosso patriarca Alessandro Tirloni era ganancioso e terrível. Mas tudo permaneceu oculto, em uma aura de lenda, da qual não se entendia a verdadeira magnitude, e chegou à fronteira entre realidade e ficção, com um resultado de fazer-nos rir, porque trazia à mente a imagem do idoso mal-humorado, avarento e despótico, um pouco louco, mas ao final das contas um tanto simpático, do tipo do Tio Patinhas da Disney ou de Don Arpagone de Avaro de Molière, que, eventualmente, sempre chegam ao final feliz.

Eu me lembro que quando eu ouvia as histórias que meu avô Peppino contava deste seu célebre avô, todos nós ríamos e quase chegávamos a admirá-lo, ao imaginá-lo em sua loucura, uma pessoa da qual se poderia vangloriar, ou até como alguém de ideias exemplares.

A opinião de qualquer um sempre foi aquela, nunca nada foi desmascarado até que fomos autorizados a ler essas cartas preciosas. Foi assim que a realidade dos fatos veio aos olhos em toda sua gravidade, e o nosso sorriso quase presunçoso deu lugar a muitos pensamentos e reflexões sérias sobre tudo o que sempre ouvimos e aprendemos, porque o ancestral apareceu absolutamente sem máscaras, mas em toda a sua lúcida maldade.

Nós não sabemos o que aconteceu na família, imediatamente após esta carta. Não sabemos como se comportaram os irmãos do Brasil e da Itália. Não sabemos se o velho Alessandro se moveu de suas crenças absurdas, mas já não havia tempo de fazer nada, e Francesca precisou ir ao encontro de seu destino. As forças a abandonaram completamente, e ela passou os últimos meses de sua vida confinada à cama, sem vida, sempre assistida por seu fiel marido Agostino.

Como se pode ver, nada foi poupado à pobre Francesca, que depois de ter lutado duramente por três anos contra um mal que a consumiu completamente, agora estava na necessidade de tudo (e se pode entender muito bem como isso foi tremendo para uma

mulher, com a modéstia daquele tempo), indefesa em um leito no qual praticamente esperava que a morte viesse. Sua agonia foi muito longa e dolorosa. Apagava-se pouco a pouco, como uma vela que se consome. Certamente neste último período sua família acorreu para junto de sua cabeceira para fazer a extrema visita, e provavelmente, entre eles estavam o velho pai Alessandro. Mas não sabemos se Francesca sempre permaneceu consciente, ou se talvez nos últimos momentos sua mente se apagou, evitando assim que ela sofresse de dores e de seus sofrimentos emocionais.

Não sabemos se este foi o momento em que recebeu as confissões de todos, se confiou os seus últimos pensamentos para seus filhos pequenos e até mesmo perdoou as deficiências de alguém. Nós não sabemos se o terrível pai, pelo menos agora que a via morrendo em uma cama, se emocionou, entendeu os seus erros e lhe pediu perdão. Não sabemos se o velho despótico se sentou à sua cabeceira, e talvez em um momento de fraqueza, seu rosto ficou molhado de lágrimas, e baixou a sua cabeça sobre a filha, que ele quis condenar a uma morte prematura.

A última visita que Francesca recebeu foi do pároco, Don Luigi Canepa, que a havia casado há apenas cinco anos, e que recentemente havia batizado sua filha recém nascida. Ele veio agora para atendê-la em confissão e para dar-lhe o máximo de conforto religioso, depois do que, na manhã do dia **22 de abril de 1920**, Francesca parou para sempre de sofrer, e atingiu a vida eterna com apenas 26 anos.

Como de costume, o funeral foi feito dois dias depois, e seus restos mortais foram enterrados no cemitério de Covo. Infelizmente, o seu túmulo não existe mais já há muitos anos. De todos os 12 irmãos Tirloni - com exceção de seu irmão Ângelo que morreu no mar, retornando das Américas, do qual não sabemos do lugar de seu enterro - Francesca foi a única cujo túmulo não sobreviveu até os dias atuais. Pessoalmente nunca o vi, eu nunca vi fotos de seu túmulo (coisa que naqueles tempos se usava fazer) e eu nunca ouvi falar de alguém que se lembrasse. A mesma tia Elisabetta de Soresina, filha de Francesca, disse que o corpo de sua mãe havia sido exumado há muitos anos. Provavelmente no final da concessão do terreno, o contrato não foi renovado, e os seus restos mortais foram colocados em ossário e, finalmente, colocados numa cova comum. Hoje em dia, geralmente, para nichos de sepultamento, a concessão é de cerca de 35 anos, mas pode ser que naquele tempo a duração dos contratos era diferente, de modo que pode ser que nos anos 60, a sua tumba já não existia. É uma pena!

Não sabemos se no momento da partida de Francesca foi feito também o tradicional santinho de lembrança, porque era uma tradição que, provavelmente, em 1920, não estava em pleno uso. Provavelmente só teria sido introduzido a partir dos anos imediatamente seguintes, ou se tivesse sido feito, esta lembrança não chegou até os dias de hoje.

Mesmo na época atual, no final de 2012, vieram dos primos franceses informações bonitas e afortunadas. Sobre o meu pedido de fotografias de Agostino e Francesca, o primo Freddy fez uma busca em todos os parentes franceses e encontrou uma bela fo-

to que provavelmente é a mesma que mencionei anteriormente, e que pode ser vista na cozinha de Tia Elisabetta de Soresina.

Esta é definitivamente uma fotomontagem em que a foto de Francesca, apenas acima analisada, foi colocada ao lado de uma foto de Agostino, já na idade adulta. Esta conclusão vem pelo fato de que o rosto de Agostino não é exatamente o de um jovem de 30 anos de idade, mas já começava a dar os sinais de envelhecimento, mas o resultado, em seu conjunto, ainda é muito bonito e bem feito. A coisa realmente bela que pode ser deduzida da descoberta feita na França é especialmente o fato de que Agostino decidiu tomar essa foto, com sendo a sua, para toda a sua vida.



Foto de Agostino Pesenti e Francesca Tirloni (fotografia - anos 10 e 30 anos)

De acordo com o nosso conhecimento, esta foto é a mais antiga de Agostino. Ela nos apresenta a imagem de um homem cujo rosto já estava visivelmente marcado por rugas profundas, tanto na frente como no pescoço, mas especialmente em torno dos olhos. Seu cabelo estava começando a ser já muito escasso, e em grande parte deixava a descoberto a sua frente. Tinha ainda bigodes longos, moda que estava totalmente em desuso, tinha o cabelo e o bigode ainda totalmente negros.

O terno está visivelmente desenhado, talvez apenas sua camisa e gravatas são as originais, usadas por ele no momento da foto, porque o fechamento da camisa se encaixa perfeitamente com os sinais e a direção de rugas de seu pescoço. A prática de redesenhar o paletó era rotineira no passado, isso foi feito para "modernizar" ou, em alguns casos, diretamente para "embelezar" as roupas usadas pelos sujeitos fotografados.

A menos que Agostino tivesse realmente envelhecido prematuramente (algo possível por causa de todas as desgraças que lhe aconteceram), podemos supor que nesta fotografia Agostino tinha pelo menos 40 anos, mas isso nos leva a outra observação: sobre a fotografia aparece evidente a inscrição "foto Trevisani Orzinuovi". Esta era a assinatura do fotógrafo encarregado de fazer a união dessas duas fotos. Mas se é verdade que Agostino tinha cerca de 40 anos de idade quando se fez retratar, era impossível que ele se encontrasse em Orzinuovi (vila a oeste de Brescia, não muito longe Covo e Sorecina). Isso significa que algum dos membros de sua família, talvez mesmo a Tia Elisabetta, levou para o fotógrafo as duas fotos dos pais, e pediu-lhe para juntá-los num único retrato. Uma cópia desta bela fotografia foi então enviada para Agostino, a qual ele sempre manteve consigo.

11.6 - A longa vida de Agostino

No momento da morte da infeliz Francesca, Agostino há poucos dias havia completado 30 anos. Nos dias de hoje, quando um homem tem essa idade não é identificado com o termo "homem", mas ainda com o termo "jovem". Hoje em dia um jovem de 30 anos, especialmente se estudou, é uma pessoa que há alguns anos enfrenta o mundo do trabalho, concluiu recentemente os períodos de aprendizagem e, finalmente, começou a ver materializar os frutos de seus esforços. Pode começar a moldar o seu futuro, planejar, pensar em formar uma família, em suma, é o início da vida levada a sério.

No tempo de Agostino não era assim. Um homem de 30 anos estava na metade de sua força produtiva. Ele havia trabalhado por quase 20 anos, ele já tinha uma riqueza de experiência substancial. Qualquer que tenha sido o campo no qual ele se havia dedicado, já estava casado pelo menos 5 anos ou mais e, em seguida, tinha uma família já bem encaminhada com pelo menos 3 ou 4 filhos, e ele sabia que teria o mesmo número na década seguinte. Em resumo, um homem de trinta anos, nos inícios dos anos 20, tinha na frente de si tudo muito bem claro, e sua vida já estava totalmente resolvida e bem baseada sobre trilhos firmes.

Agostino, porém, não estava sozinho. Tinha duas crianças pequenas para cuidar: Bruno que tinha 2 anos e Elisabetta que tinha apenas quatro meses, e não tinha mais dinheiro, porque enquanto procurou tratar a sua esposa da melhor maneira que podia, praticamente esgotou toda a sua poupança. Agostino, em todos esses anos de calvário de sua esposa, nunca se omitiu, e sempre enfrentou todas as dificuldades que desfilaram à sua frente, demonstrando ser um marido atencioso e muito cuidadoso. Deve ter amado muito sua esposa, pois todos os sacrifícios que ele fez foram por si mesmos. Agora, no entanto, devia praticamente começar tudo de novo com grande dificuldade!

Não deve ter sido muito fácil para ele. Admito que não posso mesmo colocar-me na sua situação. Eu posso apenas vagamente imaginar como ele se sentia. A sensação de vazio deixado pela Francesca que, mesmo que ela tinha sido obrigada a estar na cama e tinha precisão de praticamente tudo, sua presença enchia sua vida e os seus pensamentos. Certamente nutria um sentimento de ira contra aquele sogro avarento e ruim, que tinha decidido deixar morrer sua própria filha, sangue de seu sangue, preferindo o dinheiro a ela. Agostino com certeza alimentava um sentimento de gratidão por sua mãe e sua família que o ajudaram muito, para com a qual ele certamente se sentia muito grato por terem ajudado como podiam a fazer frente às grandes despesas. Certamente foram estas, mas também muitas outras emoções e pensamentos que Agostino experimentou nesses primeiros momentos depois da morte da esposa.

Tendo apenas superado os dias sucessivos ao funeral, seus nervos susceptíveis teriam sucumbido. Depois de todos estes anos de preocupações, lutas, problemas, pensamentos, esperanças e orações, agora, quando as crianças finalmente dormiam, ele teria se encontrado em sua casa terrivelmente silenciosa. Todas as tarefas a que era obrigado a enfrentar durante a doença da esposa, deixavam espaço ao silêncio. Todos os frascos de medicamentos, as gazes, as ataduras, o busto de metal, as muletas, tudo ainda estava presente. Na casa ainda era fortemente sentido o cheiro acre de álcool e das drogas, mas sobretudo reinava agora um sombrio silêncio. Todos esses objetos eram estranhamente imóveis e inúteis, mas eles pareciam misteriosamente animados como se fossem fantasmas. Ficavam ali quase a observá-lo como um aviso para lembrá-lo a cada momento de algo que agora não havia mais.

Tudo tinha acabado.... e tudo devia recomeçar de alguma forma.

Naqueles tempos eram muito mais acostumados à morte. Muitas vezes acontecia que jovens mulheres morriam durante o parto, ou por complicações relacionadas com a

gravidez. A sociedade rural estava "acostumada" a ver os homens, mesmo com mais idade do que Agostino, que haviam ficado viúvos e que de alguma forma recomeçavam uma família, porque uma mulher em casa era necessária não só para cuidar da casa, mas especialmente para cuidar de crianças órfãs. Até mesmo as próprias mulheres que ficavam viúvas em uma idade jovem, e com crianças pequenas, estavam acostumadas a se casar novamente para garantir a força de trabalho em casa e comida para seus filhos.

Agostino, no entanto, como foi mencionado, teve de sua parte uma dificuldade muito grande, pois ele gastou tudo e ficou sem dinheiro. Tinha de lidar com as necessidades diárias, ou como costumamos dizer "devia trabalhar para comer", e não podia permitir-se que lhe ocorressem novos problemas, caso contrário devia retornar a pedir ajuda para sua família que já muito tinha ajudado ao longo dos anos de doença de Francesca.

Ele o conseguiu ao custo de grandes sacrifícios. Realmente, chegou a reconstruir a sua vida e garantir um futuro para seus filhos. O preço a pagar era muito alto, mas ele sempre enfrentou tudo de cabeça erguida, com determinação, e acima de tudo, com uma abnegação de uma vida verdadeiramente exemplar. Como já foi visto na história bastante completa da nossa família, também no seu caso aconteceu que quando um representante da família morria prematuramente, o cônjuge sobrevivia durante muitos anos (quase como a perpetuar tanto tempo quanto possível a memória). Assim seria também para Agostino, que viveu uma vida longa, e viveu mais do que sua amada Francesca por quase 50 anos.

Nós não sabemos exatamente o que aconteceu nos primeiros meses após a morte de jovem esposa Francesca, mas estes devem ter sido os momentos absolutamente mais difíceis para ele, porque ele precisava reorganizar toda a sua vida, e de todos os seus dias. A primeira referência útil que encontramos, e da qual podemos tirar alguma suposição, encontra-se em uma carta que sua cunhada Ângela Tirloni Nava escreveu para o Brasil, para irmã Rosa Tirloni Tridapalli, em 24 de fevereiro de 1921, ou seja, 10 meses após o morte de Francesca. Nesta carta, imediatamente após a abertura, Ângela diz: *"Eu penso que vocês sabem a respeito da nossa pobre irmã Francesca. Não pensem mal, pois a sua família está indo muito bem e não precisa de ninguém, seus filhos são muito bons, e a menina ainda está aos cuidados de uma enfermeira"*.

Esta simples passagem é muito interessante e ajuda-nos a tirar algumas conclusões genéricas do tempo, mas também, e acima de tudo, do caso específico. Antes de tudo, parece quase incrível quanto tempo demoravam para receber as notícias, de tal modo que, a uma distância de até 10 meses após a morte de Francesca, a irmã italiana Ângela comentava apenas *"sinto que vocês sabem"*, algo que hoje parece óbvio, mas não era assim naqueles tempos. No que diz respeito à situação particular de Agostino e seus dois filhos, o comentário que nos faz Ângela leva a intuir que a situação do jovem viúvo não deve ter sido certamente fácil e, inicialmente, deve ter realmente encontrado muita dificuldade, (já que Francesca esteve doente há vários anos e, em seguida, especi-

almente nos últimos meses, não era capaz de dedicar-se às suas funções como uma dona de casa).

Certamente os parentes do Brasil tinham se preocupado com seu cunhado e sobrinhos italianos, e tinham percebido rapidamente que Agostino teria se encontrado realmente no meio de muitas dificuldades.

Felizmente, sempre analisando estas poucas linhas, mostra-se que Agostino, após poucos meses, foi capaz de encontrar uma solução para todos os problemas e ter encontrado uma maneira de planejar e organizar todos os seus deveres e suas obrigações familiares. O detalhe de que Bruno e Elisabetta foram descritos como muito saudáveis é para ser tomado como verdade, mesmo que, como vimos, nem sempre as coisas que foram escritas correspondiam à verdade.

Nós não sabemos exatamente quem se dedicou ao pequeno Bruno que iria fazer 3 anos. Era ainda muito pequeno, e por isso ele certamente não podia mesmo seguir seu pai nos campos, nem ajudá-lo em seu trabalho. Não era, porém, nem mesmo uma criança a precisar de uma atenção constante, como a sua irmã mais nova. É de se crer que tenha sido cuidado por turnos por alguns familiares, talvez algumas tias, ou mesmo diretamente pela avó Pesenti, mas disso nós não podemos ter certeza porque esta mulher agora já era muito velha.

A bebê Elisabetta, como foi escrito, foi confiada a uma enfermeira, e esta com efeito foi talvez a melhor solução para o maior problema que Agostino precisava enfrentar como viúvo, que era a gestão de um bebê recém-nascido que ainda tinha que ser amamentado. Na época desta carta, a pequena Elisabetta tinha 14 meses, e por isso não devesse mais ser amamentada, porém devia ser sempre cuidada constantemente, e certamente Agostino não podia se dar ao luxo de fazer isso. Ele decidiu mantê-la aos cuidados da enfermeira, embora esse detalhe não é insignificante, pois tinha um custo... e Agostino não podia pagar despesas pesadas.

11.6.1 - A decisão de emigrar

Esta situação não era certamente fácil de gerenciar, e continuava por mais um ano, depois do que Agostino, em 1922, tomou uma decisão que iria mudar sua vida para sempre: **emigrar para a França!**

Nós não sabemos exatamente o motivo determinante dessa decisão. Não sabemos se foi ditado apenas pela necessidade real de dinheiro, ou se houve também motivos mais pessoais e psicológicos, tais como o desejo de "escapar" da realidade Covese das fadigas e tribulações, ou talvez, até mesmo, pelo desejo de não ver mais a família de sua

esposa, por causa de toda a raiva e dos atritos que teve com eles anteriormente, durante os anos de doença Francesca. Sua escolha pode ter sido devido a qualquer um desses fatores, ou mais provavelmente, pela a união de todos eles. Agostino tinha extrema necessidade de dinheiro, e a grande depressão econômico que afetava a Itália no pós-guerra, certamente não o ajudava. Talvez em sua mente este "ir longe de Covo" poderia ser visto como uma panacéia contra todas as más lembranças do passado que o perseguiram e, certamente, ressurgiam sempre que ele encontrava alguém da aldeia de seus sogros.

Muitas pessoas neste período pós-guerra tinham escolhido o caminho da emigração, na esperança de melhorar a sua situação econômica. Especialmente de Covo foram muitos os que optaram por emigrar para a vizinha França. Ainda ouvindo as histórias de Covesi, sabe-se que em quase todas as grandes famílias havia algum parente que havia emigrado para aquele país. Os emigrantes não escolhiam as cidades grandes (que já haviam atraído migrantes por muitos anos), mas as regiões do Sul, as áreas que ainda hoje são definidas pelo termo de "França profunda", apenas para identificar realidades rurais, feitas de campos a perder de vista, e pequenas aldeias, bem longe de cidades grandes e já cosmopolitas.

A França sempre teve um crescimento populacional muito diferente do que ocorreu na Itália. Enquanto em nosso país todas as aldeias de pequenos agricultores tendia a crescer gradualmente, e depois algumas destas aldeias tornaram-se maiores, mais importantes, e também suas áreas circundantes iam crescendo, já na França havia sempre poucas cidades de vastas dimensões para onde corriam pessoas das campanhas. Este processo de centralização das cidades à custa do campo foi, então, garantir que as aldeias agrícolas permanecessem sempre muito pequenas e os habitantes nunca as abandonassem.

Agostino provavelmente já havia ouvido muitas pessoas falarem da França. Conhecia alguns amigos ou conhecidos que estavam cansados de sofrer fome e miséria que viviam em Covo, histórias de seus parentes pobres que ficaram com a esperança de uma vida melhor. Ele também deve ter ouvido casos de famílias de migrantes cuja situação na França tinha se tornado boa, porque ali foram capazes de encontrar trabalho e fazer fortuna. Pode ser que toda essa "publicidade" chegou a persuadir Agostino.

Para Agostino certamente não deve ter sido fácil. Como não foi fácil para sua esposa emigrar do Brasil para a Itália. Sua falecida esposa era uma migrante nascida no Brasil, que como uma adolescente, junto com a maioria de sua família tinha vindo para a Itália. A Itália não era então seu país natal, e para ela, migrar não era como "ir para casa". No entanto, nas condições de migrante, Francesca não podia nem remotamente ser comparada com os de qualquer outro emigrante, e portanto nada tinha a ver com as dificuldades de Agostino.

Não era uma questão de tempo, porque Francesca tinha emigrado para a Itália com apenas 13 anos, mas era apenas uma questão de como ela foi bem sucedida por causa das condições de família. Francesca teve que deixar sua terra natal, mas emigrou com toda a sua família para uma terra que ela conhecia muito bem através dos contos das pessoas idosas, e que falavam uma língua que ela falava praticamente desde o nas-

cimento, e emigrava especialmente na segurança de um pai rico. Agostino, ao contrário, era um homem pobre, sem dinheiro, com dois filhos, e que se aventurou em uma terra quase desconhecida, na qual os habitantes falavam uma língua desconhecida para ele. As dificuldades de Agostino eram, afinal, muito mais semelhantes aos encontrados pelo sogro Alessandro Tirloni, quase 50 anos antes, quando ele tinha emigrado para o Brasil.

Comparando entre ele e seu sogro Alessandro, tinha três diferenças principais: uma contra, e duas a seu favor. A diferença a favor de Alessandro era o fato de que ele estava sozinho, não tinha laços emocionais ou laços familiares fortes que o comprometessem. Já Agostino tinha dois filhos que ficaram sem a mãe e que necessariamente deviam ser levados em conta. As diferenças eram sobretudo a favor de Agostino pelo fato de que, nos anos recentes, as comunicações e a "cultura" tinham feito grandes progressos, e para ele a França não era algo absolutamente desconhecido como a América era para Alessandro. Agostino sabia que a natureza era praticamente idêntica à que estava acostumado, e certamente tinha tido a oportunidade de falar com pessoas que já tinham ido antes do que ele, e talvez até com pessoas que haviam retornado, ou que tinham mantido correspondência com parentes que emigraram. A diferença substancial em favor de Agostino, no entanto, era a distância muito menor, e acima de tudo a ausência de uma barreira física intransponível como era o mar.

Seu sogro Alessandro, como temos sido capazes de refletir quando nós contamos sua história incrível, tornou-se praticamente um "prisioneiro" de seu próprio modo de vida, porque ele não poderia de forma alguma pensar em voltar para a Itália, no caso de dar errado (porque para embarcar em um navio precisava ter o dinheiro para comprar o bilhete). Já Agostino, se tudo desse errado, podia sempre fazer as malas e ir para Covo a pé, fazendo uma longa viagem que iria durar pelo menos dois meses, mas não era impossível conseguir. Se pensarmos sobre isso, seria o mesmo destino que 25 anos mais tarde, após a Segunda Guerra Mundial, tocou aos soldados que haviam sido presos na Sibéria, e que haviam retornado para casa a pé, fazendo uma longa viagem de 4.000 km, que durou vários anos.

Neste ponto, como se pode ver facilmente, poderia parecer que Agostino não tivesse muitas preocupações, mas em vez disso, encontrava-se com um grande problema que precisava resolver: como ele devia se comportar com seus filhos?

Bruno tinha quatro anos, e ele não era mais uma criança tão pequena. Já estava começando a ser autônomo em algumas coisas. Talvez já fosse útil para ajudar seu pai no trabalho. Como se disse, na época as crianças começavam desde cedo a serem úteis à família, e logo começavam a trabalhar. Certamente não podiam se dar ao trabalho físico, no entanto eles eram convidados a atender a algumas pequenas coisas que não exigiam a força de um homem.

Os problemas com Bruno estavam relacionados exclusivamente aos pequenos detalhes que devem ser reservados para qualquer criança de qualquer idade, como: cuidado nas doenças, na educação, no descanso adequado e na alimentação. Enquanto que para Elisabetta era tudo diferente, pois ela era realmente um problema porque tinha apenas 2 anos. Ela ainda requeria muita atenção, ela devia ser seguida de forma consis-

tente. Certamente ela não podia resistir a condições de privação e sacrifícios, e ainda por muito tempo não poderia dar o mínimo apoio para a vida de um migrante. O que poderia fazer Agostino se, por exemplo, ela ficasse doente, o que realmente era algo fácil de acontecer nessa idade? Seria um problema para ele. Enquanto estava em Covo podia sempre contar com a assistência e a ajuda de seus pais, de sua mãe, mas como poderia agir se qualquer uma dessas coisas acontecesse na França? Assim, sua filha era realmente pequena demais para ser cuidada por um homem que tinha que se matar de trabalhar!

Agostino não tinha nem coragem e nem desejo de romper completamente o contato com seus filhos. Eles eram o que restava de sua família, um sonho que ele tinha perseguido e realizado quando apenas alguns anos antes havia se apresentado ao altar com sua namorada Francesca. E agora ninguém poderia lhe pedir, que depois de todos estes anos de sacrifícios, sofrimentos e esperanças, viesse a romper completamente o contato com eles para se dedicar de corpo e alma completamente ao trabalhar em uma terra estrangeira, mantendo-se apenas no apego à memória de seus filhos. Não se podia esperar que ele vivesse totalmente sozinho nesta sua aventura.

É também muito triste ver essa situação do ponto de vista das duas crianças que já perderam a mãe, e agora deviam sentir a falta do pai, e viver como se fossem órfãos genuínos. Pobres crianças, talvez até mesmo gostariam de estar perto de seu pai, mesmo que isso significasse ter que suportar as duras condições de migrantes.

A decisão a ser tomada não era de modo algum fácil. Com certeza Agostino queria muito manter consigo seus filhos, mas precisou ceder às forças da realidade e optar pelo mais sábio: ele decidiu levar consigo apenas o filho Bruno e deixar Elisabetta aos cuidados de sua mãe. Há razões para acreditar que teria tomado esta decisão com relutância. Se Elisabetta fosse um pouco maior certamente iria levá-la consigo. Esta sua escolha mostra que Agostino não era uma pessoa impulsiva, mas mostrava mais uma vez ser um homem de bom senso, apesar de todas as coisas ruins que a vida lhe havia reservado.

Sua escolha para deixar sua filha Elisabetta na Itália também pode deixar implícita outra coisa, mas para a qual não tenho certeza. Talvez Agostino, quando decidiu emigrar para a França, pensava que esta aventura seria apenas um parêntese temporário, de curta duração, e não definitivo, assumido para passar um período de talvez alguns anos, na França, a fim de recolher algum dinheiro, e depois voltar a Covo. Talvez foi por isso que optou por esta divisão.

Mesmo no tempo presente, quase todas as pessoas que emigram pensam desde o começo de um dia poderem voltar para sua terra natal. No tempo do patriarca Alessandro Tirloni, talvez não havia essa segurança, mas pelo menos tinha a esperança remota de ser capaz de voltar a rever a sua casa natal. No tempo de Agostino, provavelmente vale o mesmo discurso. Pessoalmente eu acho que Agostino, em seu coração, pensava de poder voltar um dia para Covo, e até por isso ele tinha decidido deixar a filhinha Elisabetta na casa da mãe. Esta decisão pôde ter servido a Agostino como mais um incenti-

vo de pensar em retornar. Obviamente, porém, repito, esta é uma interpretação que não está baseada em qualquer prova.

Esta decisão de Agostino começava a dar andamento a toda a papelada necessária para a emigração. Pedir um passaporte, notificar as autoridades a data de sua partida e, em seguida, ser excluído das listas de registro municipal e listas de serviço militar. Uma vez processadas todas as formalidades e obtido passaporte para si e para o seu filho, Agostino estava pronto para ir.

Quem sabe o que Agostino pensou durante os últimos dias passados em Covo. Talvez a atração de uma vida melhor teria sido tão forte incentivo para animá-lo e dar-lhe a coragem suficiente para manter a cabeça fria.

Muitas vezes parei para pensar sobre o que estaria passando por sua mente ao migrar, como passou o último dia em sua casa. Quem sabe o que pensou na última noite passada em sua cama de sua casa, onde havia vivido até então. Talvez ele teve a oportunidade de fazer um exame de toda a sua vida passada. Talvez ele também sucumbiu ao medo ou à ansiedade diante daquilo que o esperava quando estivesse na França. Talvez eu esteja errado, mas acho que a última noite em que um migrante passa em sua casa deve ser uma noite longa e insone, e só espera poder ver a primeira luz do amanhecer, ou ouvir o galo anunciar o nascimento de um novo dia. Com certeza são tomados de uma melancolia terrível e difícil de digerir!

Quem sabe que emoções sentiu quando ele reuniu seus poucos pertences, talvez trancados em uma mala de papelão, e deixou a casa em que ele havia passado apenas alguns momentos bons, e muitos problemas, nesta casa em que apenas sete anos atrás havia entrado com sua jovem esposa. Durante esses sete anos ele havia passado mais tempo longe de casa por causa da guerra, e quando voltou, precisou cuidar de sua esposa durante a sua longa doença. Mesmo assim, ele manteve sempre a sua casa como uma fonte de suas alegrias, ali ele tinha visto virem à luz seus dois filhos, e ali ele tinha fechado os olhos de sua esposa para sempre, apenas 2 anos antes. Aquela casa era a preservação de sua história pessoal desde que ele tornou-se um homem. Era tudo o que ele tinha.

Agora, fora pela última vez de sua casa, ele via todos os amigos e a sua família que tinham vindo para saudá-lo. Quem sabe se não haveria entre aquelas pessoas também seu sogro Alessandro... Espero que pelo menos seus vários cunhados Tirloni estivessem todos presentes ...

Agostino, neste momento, teria ouvido boas palavras de todos. Com certeza ouviu repetidas vezes para ter cuidado e para dar notícias. Para ele não deve ter sido um momento fácil. Mesmo para um homem forte e corajoso como ele, que nunca tinha se omitido em face das dificuldades e provações, e que sempre enfrentou todos os desafios com coragem, (assim como seu sogro, porém com muito mais humanidade) abraçava pela última vez o seu bebê, que seria entregue à velha mãe Eufrosia, a qual lhe fez as

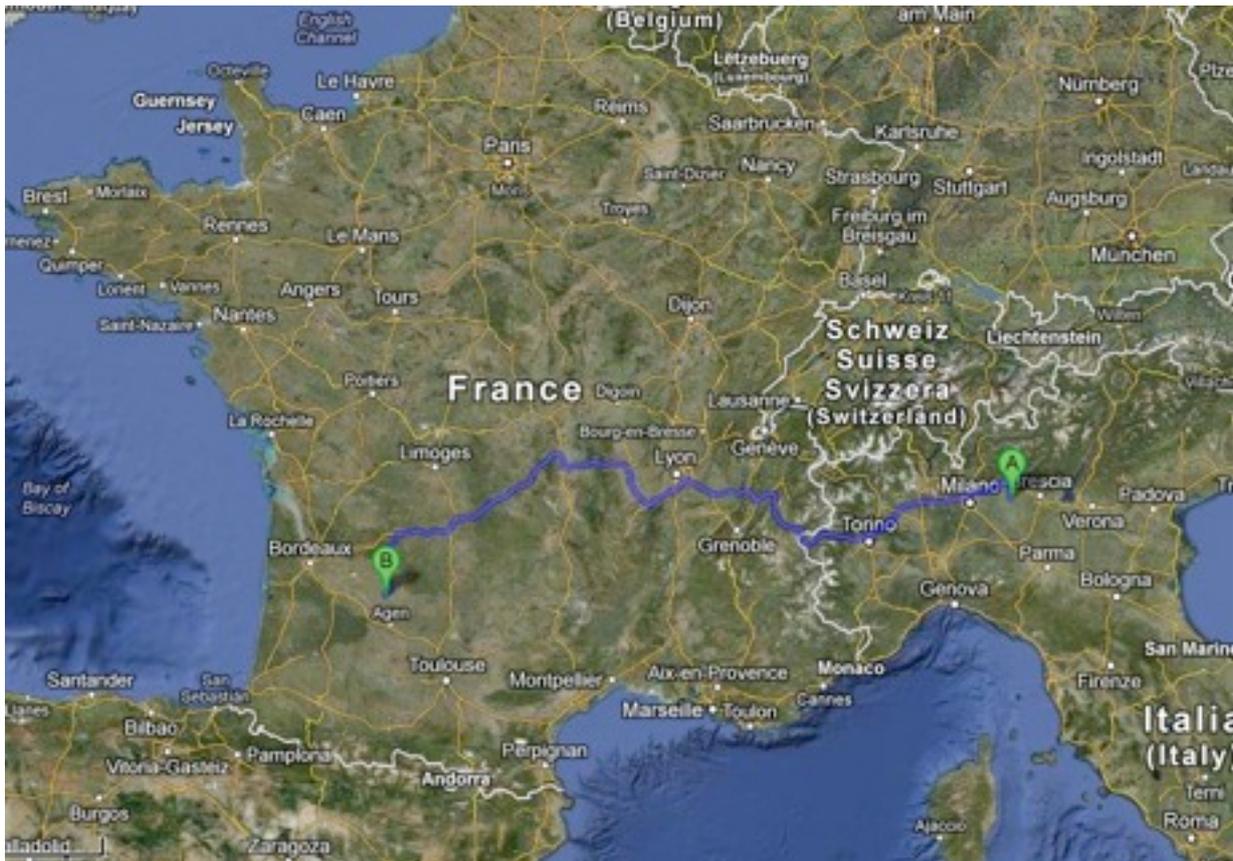
últimas recomendações, e teria beijado o pequeno neto Bruno, o qual, talvez, neste momento, teria sentido toda a sua dificuldade do que significava ir embora.

Talvez tentaram confortar e consolar o pequeno Bruno com algumas palavras gentis, ou exibindo um sorriso tranqüilizador. No entanto, teria que enfrentar a realidade: era necessário viajar. Levando suas poucas coisas, com um ritmo lento, Agostino, acompanhado de Bruno, iniciou sua viagem para atender ao seu destino, iluminado apenas por uma tênue esperança de melhorar a sua situação, e voltar um dia...

Eu me pergunto como ele se sentia, e especialmente como se sentia o pequeno Bruno nestes primeiros momentos da longa viagem. Talvez ele ia agarrado a seu pai Agostino, que representava a sua única proteção e seu único refúgio. Olhava e via cada vez menores pessoas que se haviam reunido para cumprimentá-los, e depois, gradualmente, também desapareciam os contornos da casa da família, e logo depois, também os mais altos telhados, e as torres tão familiares para ele. Agora tudo era desconhecido, e certamente a pobre criança teria ficado muito assustada!

Agostino, por outro lado, deve ter sentido mais ou menos as mesmas emoções de tristeza experimentadas pela criança. Ele já estava acostumado a viajar, ele sabia o que isso queria dizer, mas agora era diferente de quando ele deixou o exército. Talvez ele estivesse preocupado como exatamente quando ele partiu para a guerra. Não se tem a certeza de que é óbvio retornar com segurança. As razões eram diferentes, mas a preocupação com o seu próprio destino provavelmente era o mesmo. Quando ele partiu para a guerra tinha que pensar no cuidado apenas de si mesmo, mas agora ele tinha que pensar também em seu filho que o seguia, e por isso era ainda mais complicado. Pobre homem, para aliviar tantas penas, somente uma tênue esperança ...

Nós não sabemos se no momento de sua partida Agostino já tinha clareza para onde ir, na França, ou se estava se confiando ao destino. Pode ser que ele já havia tomado contato com alguém, através de alguns amigos que haviam emigrado de Covo, e lhe deram algum contato, ou até mesmo uma oferta de um ambiente de trabalho seguro. Talvez as coisas ocorreram assim mesmo porque Agostino decidiu emigrar para o departamento francês de Lot et Garonne. E esta era uma área para onde, no mesmo período, muitos emigraram de Bérgamo, e especialmente de Covo, como também, em um futuro próximo, houve pessoas que também foram para lá, mesmo algumas consideradas surpreendentes, como Ferdinando Bosetti, último dos 13 filhos do rico covese César Bosetti. Provavelmente nesta área houve uma forte colonização de coveses que, com o tempo, atraíram outras pessoas conhecidas ou até familiares.



A longa jornada de Agostino Pesenti e Bruno (Google - ano 2012)

Não sabemos como eles fizeram a viagem. Pode-se supor que a maior parte da viagem foi feita de trem, mas não sabemos, por exemplo, se para ir para a estação de Covo foram a pé, ou se tomaram algum carro para transporte de pessoas (como um trole). Também no que diz respeito à viagem de trem, não podemos dizer com certeza qual o caminho que foi feito pelos dois corajoso imigrantes. A linha mais curta seria atravessar os Alpes pelo túnel Frejus (que foi inaugurado em 1871, isto é, 50 anos antes), mas não sabemos se havia estradas de ferro que permitiram outro caminho.

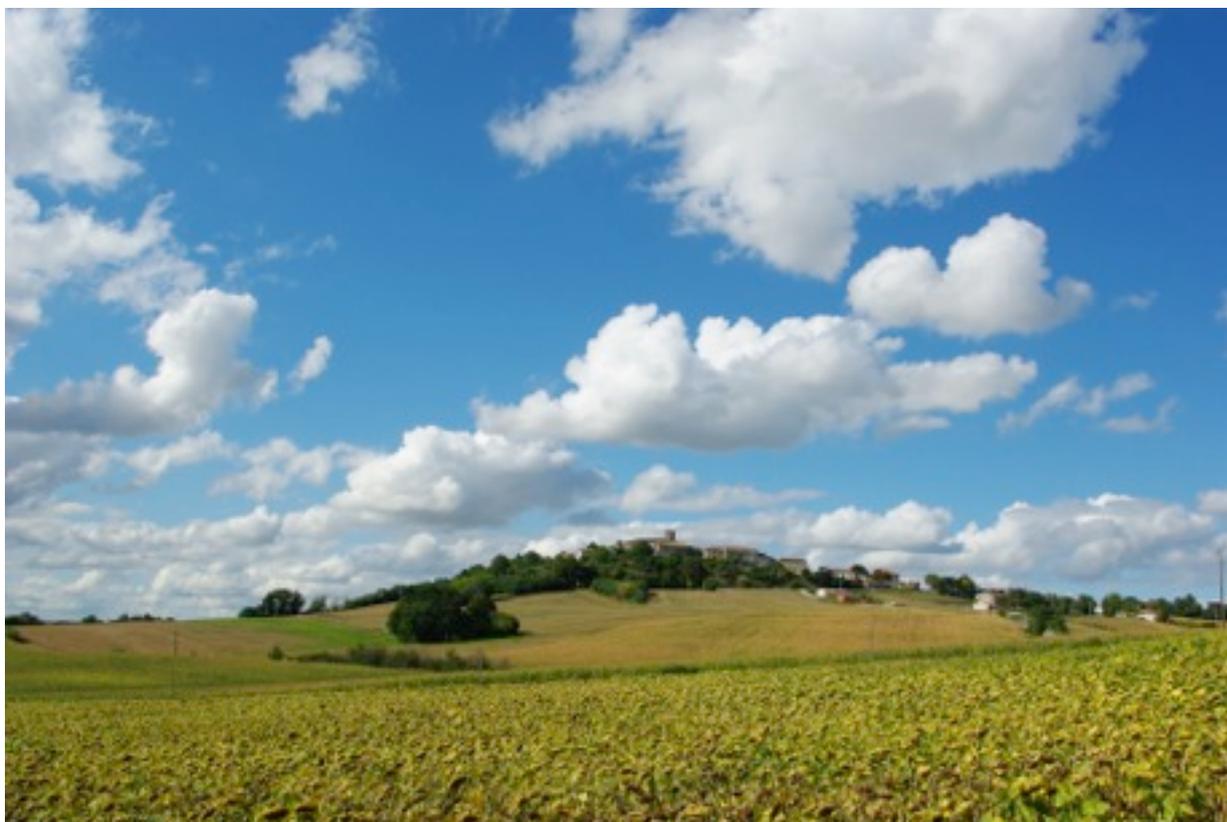
O pequeno Bruno, através das janelas do trem, pôde ver pela primeira vez em sua vida as grandes cidades como: Bergamo, Milão, Turim, e depois os altos picos dos Alpes, descendo para Chambéry, e depois seguir para Lyon. Chegavam assim à capital da região de Auvergne Rhone, e continuaram até chegar à sua capital, Clermont-Ferrand, e daqui apontar para a região de Limousin e finalmente na Aquitânia, em Perigueux, capital do departamento de Dordogne. Neste ponto, o percurso atingiu sua fase final, e os dois puderam continuar para o sul de Bergerac e de lá, sempre em direção ao sul, os dois chegaram no departamento de Lot-et-Garonne, e parar, depois de uma viagem de cerca de 1.000 km, precisamente em Montastruc (47).



Imagens da aldeia de Montastruc (fonte: Internet - ano 2012)

Mesmo nos tempos atuais, Montastruc é uma pequena aldeia de cerca de 600 habitantes, situada na metade do caminho entre as cidades francesas de Toulouse e Bordeaux, no topo de uma pequena e doce colina. Essa vila se caracteriza por uma história muito antiga que começa em torno do início do século XIII, com a construção de um castelo fortificado. Como testemunha desta história antiga, ainda hoje há vestígios do fosso e das fortificações do castelo de Saint Léger, que foi restaurado várias vezes ao longo dos séculos, e hoje é a sede da Câmara Municipal. Para além disso, há também outras marcas indeléveis que são as inalteradas igrejas de Saint Pierre de La Croix, do século XII (usada apenas em ocasiões especiais e os arredores que servem como cemitério) e Saint Etienne de Périllac, do século XIV.

Para um turista que vai a Montastruc hoje, além de sua história e monumentos, ela oferece um entorno com edifícios antigos, tradições, gastronomia e clima ensolarado. A vila de Montastruc é localizada no centro do país. Alojados na estrutura do castelo fortificado, e vista a partir de suas janelas, descortina-se uma bela paisagem com declives suaves e visão realmente gratificante.



Vista panorâmica de Montastruc (fonte: Internet - ano 2012)

Graças à história que nos foi contada por tia Olga, descobrimos que na aldeia de Montastruc, Agostino encontrou um emprego em um castelo que o contratou para lidar com sua terra. A tia não lembra qual o nome dessa pessoa a quem Agostino serviu no castelo. Eu mesmo quero admitir ter algumas dúvidas em minha interpretação dessa história, porque a pesquisa que fiz na internet me levou a descobrir que, como mencionado, o castelo de Saint Léger foi muito alterado, e ainda estava dentro da aldeia, e não no centro de uma propriedade cercada por campos e jardins.

O mais provável é que o proprietário do castelo também tivesse algum terreno fora da aldeia, e pediu para Agostino lavrar a terra, ou mais simplesmente o "chatelain", termo usado pela tia Olga, deve ser entendido como um latifundiário que vivia em um palácio particularmente grande ou luxuoso, em vez de ser o verdadeiro dono do castelo de Saint Léger.

Agostino encontrou de imediato um emprego estável e bom, algo no qual era experimentado, porque era o trabalho que ele sempre havia feito em sua vida, e poderia, então, começar imediatamente a demonstrar suas habilidades e sua vontade, sem ter que passar por períodos de "treinamento" para aprender uma nova profissão. Agostino sem-

pre foi um trabalhador incansável e muito disposto. Como se diz na Itália, agora era hora de "arregaçar as mangas" e começar a trabalhar duro, muito duro. A mesma tia Olga diz-nos a respeito deste detalhe de um trabalho árduo feito por Agostino, que realmente ele trabalhava muito, e estava quase sempre ocupado com seu trabalho. Inevitavelmente tinha muito pouco tempo para envolver-se com seu filho Bruno, que precisou logo aprender a cuidar de si mesmo, porque, infelizmente, tinha pouco tempo para passar com seu pai.

Pobre criança, realmente sua infância deve ter sido muito difícil. Uma infância ainda mais sofrida do que aquela que sua pobre mãe Francesca tinha passado em Brasil. Ela teve que trabalhar duro, e o pior é que ela estava no meio de perigos (as cobras, os animais perigosos e os bugres). Ela poderia, pelo menos, contar com o apoio de sua família, de seus irmãos e irmãs, ao passo que o menino Bruno estava praticamente sozinho. Seu pai acordava de manhã cedo, ia para o campo e trabalhava até tarde da noite, e Bruno tinha que ficar sozinho, ou no máximo podia seguir seu pai para ajudar no trabalho da terra. Por mais absurdo que possa parecer, a situação de Bruno só melhorou ligeiramente quando começou a frequentar a escola. Pelo menos durante os dias de aulas poderia estar entre as outras crianças de sua idade, e não precisava passar frio, por exemplo, no campo ou em casa, para ajudar o pai que chegava de noite, morto de cansado.

Sabemos que Agostino era alfabetizado e sabia ler e escrever. Certamente Agostino manteve uma correspondência com a família Pesenti de Covo, também porque sua filha Elisabetta estava com eles. Certamente a correspondência tinha um fluxo mais da Itália para a França, e não vice-versa, pois, como foi mencionado, Agostino tinha que trabalhar muito, e por isso não tinha muito tempo para se dedicar a escrever cartas. Mesmo quando estava em casa, deveria estar sempre cansado, e é improvável que tenha encontrado a concentração para sentar-se à mesa e escrever. Aquilo que pode ser considerado como algo tão simples, como tomar papel e caneta e fixar nossos pensamentos no papel, tornava-se um "compromisso" muito difícil e cansativo para aqueles que apenas tinham o ensino de nível elementar. Naquele tempo, para escrever uma carta não se levava em conta só o tempo, mas também havia uma preparação "psicológica", pelo menos como um momento de especial inspiração. Em Covo havia muitos adultos, então era mais fácil que Agostino recebesse mais notícias transmitidas desde a Itália (cartas talvez escritas por seu irmão mais novo, Gino) do que vice-versa. Mas infelizmente nenhuma dessas cartas que certamente giraram entre os dois ramos da família Pesenti foi preservada.

Três anos depois de o pai e o filho estarem localizados na França, da Itália veio a notícia da morte de seu sogro Alessandro Tirloni. Aquele sogro tremendo e despótico que certamente desesperou Agostino, aquele pai desalmado que tinha deixado morrer sua filha Francesca, por não contribuir para as despesas onerosas com médicos, que aliás causaram a ruína financeira de Agostino, forçando-o a emigrar e se separar de sua filha Elisabetta. Após uma curta doença, Alessandro morreu no dia 09 de maio de 1925, com a idade de 72 anos.



Alessandro Tirloni (fotografia - ano 1912)

Junto com isso, Agostino recebeu também a notícia que seus cunhados Tirloni haviam decidido reconhecer os direitos de sua falecida irmã na divisão da herança paterna, e tinham se preparado para enviar para a França a importância devida ao marido e filhos de Francesca.

Como já tive ocasião de escrever, no momento de sua morte o velho *siúr Lisander*, ou então "*Al siúr Amricà*", (o rico americano) já não era o poderoso e rico fazendeiro que servia como o equilíbrio da microeconomia Covo. Já não tinha a riqueza incrível mencionada na famosa carta escrita pela desesperada e moribunda Francesca. Por causa da grande crise econômica que ocorreu na Itália nos anos 20, por causa da política deflacionária (conhecida como a "*Cota 90*"), ordenada pelo então ditador italiano Benito Mussolini, a situação econômica do patriarca Alessandro, nos últimos cinco anos, tinha sido muito reduzida. Por meio das histórias relatadas pelos antigos tios João Tirloni (filho de João, o irmão igualmente infeliz de Francesca) e Dorval Luiz Maestri (filho de sua irmã Albina) que ainda se lembram dessa história, se veio a saber que os

ativos do avô Alessandro Tirloni foi reduzido de 275.000 liras em 1920, para valor final de 75.000 liras. O velho patriarca tinha perdido 73% de seus ativos, uma perda abissal!

Com base na presente liquidez, os irmãos de Francesca decidiram, provavelmente por unanimidade, alterar completamente o que era a decisão paterna, estabelecendo novas cotas na divisão da herança. Estabeleceram que seria de 10.000 liras para todos os filhos do sexo masculino, e 5.000 liras cada filha.

Esse número que Infelizmente é difícil de atualizar ou capitalizar em francos franceses da época, era um valor justo, e a escolha feita pelos irmãos italianos foi uma sorte para Agostino, já que a soma seria muito bem vinda neste tempo muito ruim, e lhe permitia enfrentar esta grande prova com pelo menos um pouco de tranquilidade econômica. A entrega da importância em dinheiro deve ter sido feita corretamente para ele. (Em oposição ao que aconteceu na já conhecida história da cunhada brasileira Narciza que nunca chegou a receber a sua parte, ela que esteve em muito maior dificuldade do que Agostino),

Dois anos mais tarde, em 1927, depois de cinco anos que os dois estavam na França, o jovem Bruno, que tinha apenas 9 anos de idade, ficou doente. Nós não sabemos que tipo de doença contraiu a criança, mas achamos que era algo não trivial. Provavelmente na necessidade de cuidados particulares e diante da atenção que Agostino não podia dar ao filho, também nesta ocasião a família Pesenti não se omitiu e provou mais uma vez seu bom coração.

Diante de mais essa dificuldade de Agostino, a velha avó Eufrosia Pesenti, embora já sendo avançada em anos, decidiu ir pessoalmente para a França, até a casa do filho Agostino, para cuidar do neto doente. Abordou a longa viagem para o oeste, para a pequena vila e, finalmente, chegou para junto de seu neto.

Não sabemos ao certo, mas há razões para acreditar que nestes cinco anos Agostino nunca voltou para a Itália (a menos que ele o fez devido a problemas burocráticos relacionados à sua residência em uma terra estrangeira) e certamente nenhum de sua família se aventurou nestas terras para ir vê-lo. Então há razões para acreditar que esta era a primeira vez que Bruno e Agostino puderam rever o rosto de alguém de seu povo, e quem sabe que alegria teriam experimentado (Embora a razão para esta visita não fosse nada agradável). Por certo Bruno sentiu-se muito feliz por poder rever a avó, e agora sabendo que ele podia confiar em alguém que iria cuidar dele, depois que ele tinha ido embora, há 5 anos.

Também Agostino ao ver sua mãe deve ter tido um suspiro de alívio, porque a sua presença em Montrastuc significava que ele podia dedicar-se ao trabalho que lhe permitia viver com dignidade nesta terra estrangeira. Pode parecer absurdo o raciocínio, mas era realmente a coisa que de melhor provavelmente teria acontecido para Agostino: a presença de sua mãe. Naquele tempo não havia nem cobertura de cuidados médicos, nem planos de saúde, nem mesmo o conceito de uma autorização de ausência do trabalho para "maternidade". Todos os dias que Agostino perdia no emprego para ajudar a pobre criança doente era um dia a menos no salário, mas sobretudo era uma fonte objetiva de preocupação diante da possibilidade de ser imediatamente despedido.

Agostino tinha necessidade absoluta de trabalhar para refazer as suas finanças, destruídas durante a doença da falecida mulher. Na Itália havia uma forte crise econômica e, especialmente, nos últimos anos, havia assumido a Ditadura Fascista. Então Agostino cuidou muito em manter, tanto quanto possível, o trabalho que tinha encontrado.

Como já disse, não sabemos exatamente o que aconteceu nesta ocasião, mas o que é certo é que o Bruno precisava muito de cuidados, e a avó Eufrosia decidiu levá-lo para a Itália para começar a curá-lo em sua terra natal.

11.6.2 - O segundo casamento

Neste ponto, considerando-se todas as idas e vindas de vários membros da Família Pesenti, nestes anos, é de se perguntar: por que a filha de Agostino sempre permaneceu na Itália e nunca chegou a viver com seu pai na França? Na verdade, muitas podem ser as respostas, mas a verdade é que, infelizmente, não sabemos de nada, e o esquecimento cancelou este fato de vez.

Primeiro, pode ser porque Agostino sempre esperava voltar um dia a morar em Covo. Talvez, baseado nessa idéia, Agostino evitou dizer a sua filha Elisabetta, que aliás era pouco mais do que uma criança, de viajar para junto do pai. Isto exigiria dela precisar suportar as dificuldades da vida de imigrante, em um país que falava uma língua desconhecida. Talvez, também, depois de ver todos os problemas que surgiram com a doença de Bruno, Agostino pensou em esperar que ela se tornasse maior (e, portanto, mais forte, menos frágil e delicada como uma criança), antes de lhe dizer que se unisse a ele na França.

Outra hipótese pode ser esta de que agora que Elisabetta era realmente útil na casa Pesenti, morando com sua avó que era muito velha, ajudava no trabalho e nos cuidados da casa. Não é de se excluir também que houve outros acontecimentos que ajudaram a manter Elisabetta em Covo, e de convencê-la a não emigrar, mas de permanecer em Covo, para evitar de viver para sempre em uma terra estrangeira.

Uma dessas possibilidades era, talvez, uma escolha importante de Agostino que mudaria para sempre sua vida. Depois de passar tanto tempo sozinho, dedicado exclusivamente ao trabalho, Agostino - não sabemos em que ano aconteceu - ele começou a freqüentar a casa de uma mulher chamada Pierina Busato, também ela imigrante de origem italiana, que já tivera um filho chamado Vittorio.

Infelizmente, não sabemos nada sobre essa mulher, não sabemos de onde veio, não sabemos quantos anos ela tinha, e nós nem sequer temos uma fotografia sua. Nós não sabemos quão grande era seu filho, e não sabemos com certeza se ela era uma viúva, porque a tia Olga afirmava que esta criança nunca havia conhecido seu pai verdadeiro. A única coisa que podemos deduzir é que ela vivia na mesma vila em que Agostino vivia, ou pelo menos em uma das vilas vizinhas. Honestamente, pelo quanto eu entendo por estudar a pessoa de Agostino, eu acho que Pierina Busato devia ser uma viúva infeliz, porque eu imagino como sendo realmente difícil, senão impossível para um homem como Agostino, concordar em se casar com uma mulher que teve um filho como solteira.

Hoje em dia pode parecer ridículo, mas tal situação de ter um filho, sendo solteira, era algo absolutamente vergonhoso para uma mulher, e o divórcio era praticamente impossível. Em ambos os casos, a mulher era imediatamente rotulada como "mulher fácil", mulher de baixa moral. Além disso, eram praticamente marginalizadas da sociedade e rejeitadas em ambientes de pessoas de saudáveis princípios, como era precisamente

Agostino. Com todas estas devidas considerações, eu arrisco a dizer com total certeza de ser correto que Pierina era uma jovem que ficou prematuramente viúva, com um filho bebê, praticamente na mesma situação em que viveu Agostino.

Nós não sabemos como os relacionamentos entre Agostino e Pierina, começaram. Pode-se dizer que foi o destino que reunir esses dois trabalhadores migrantes que estavam praticamente na mesma situação. Não sabemos se nos primeiros dias, entre os dois, houve pelo menos um pouco de paixão romântica, típica de quando se é jovem, ou se entre os dois houve imediatamente um relacionamento real e concreto diante da situação em que viviam e, em seguida, eles decidiram unir forças para formar uma família e encontrar apoio mútuo. Isto pode parecer um pouco frio, no entanto é o mais objetivamente correto e adequado na sua situação. A única coisa que sabemos é que Agostino decidiu **casar-se novamente!**

Como eu disse, ninguém sabe em que data os dois se casam e onde se estabeleceram. A única coisa que sabemos é que o casal teve uma filha

Maria (? / 2012)

Não sabemos absolutamente nada desta filha, não sabemos mesmo se ela se casou. Sabemos apenas que veio a falecer na época atual em Valence-d'Aggen (82) cidade localizada na mesma região onde morava Agostino. Pode-se supor que Agostino e a última filha, Maria, permaneceram sempre em contato.

Levando-se em conta a data de morte de Maria, e assumindo que ela não faleceu em uma idade jovem, podemos tomar como hipótese que a segunda esposa Pierina não devia ter sido uma mulher muito jovem. Podemos assumir que ela deve ter tido um máximo de 35 anos no momento do casamento. Mas nada elimina a possibilidade de que ela era muito jovem. Ela poderia ter até 10 anos menos.

Infelizmente, esta análise não nos diz nada, com certeza, sobre Agostino e a data deste casamento. Eu não sei quantos anos Maria tinha quando morreu. Por isso não podemos tirar uma correta conclusão. Agostino poderia muito bem ter a mesma idade que Pierina, e então teria cerca de 35/40 anos na época do segundo casamento. (Isso implicaria que Maria teria morrido pelo menos octogenária). É possível que este casamento teria ocorrido em um período que vai de 1922 (ano em que Agostino chegou na França) até um máximo de 1940.

Infelizmente não há certezas para basear qualquer hipótese. De fato, a verdade é que nós precisamos pensar em uma dura realidade e vida de sacrifícios das mulheres migrantes que não eram muito cuidadas a respeito de suas necessidades. Pierina foi uma mulher que, no meio de muitas dificuldades, mesmo que tivesse apenas 25 anos, pôde muito bem encontrar uma grande ajuda junto de um homem ainda em pleno vigor, como

Agostino, mesmo que ele também tivesse 45 anos ou mais. A grande diferença de idade nestas situações não criava muitos problemas, e também o que era importante: ele não estava mais sonhando em ter crianças.

Enfim Agostino já não estava sozinho. Ele encontrou uma mulher que o ajudava, que fazia companhia, e que estava cercado pelo calor humano que muitas vezes lhe estava faltando. Certamente a falecida Francesca, do céu abençoou esta união, porque certamente em seus últimos momentos de vida, quando ela percebeu que seu fim estava próximo, ela deve ter ficado muito triste e até mesmo preocupada, sabendo que seu bom marido iria ficar sozinho.

Agora, Agostino começou um novo ciclo de vida. Quando à noite retornava, a sua casa não estava vazia, fria e silenciosa, mas descobria que estava em tumulto e cheia de vida, Certamente era recebido pelo sorriso de sua esposa e pela alegria da pequena menina. Quando se assentava à mesa de jantar não estava apenas o seu filho Bruno, mas estava juntamente com quatro outras pessoas: a esposa, o filho de Bruno, o enteado Vittorio, e filha Maria.

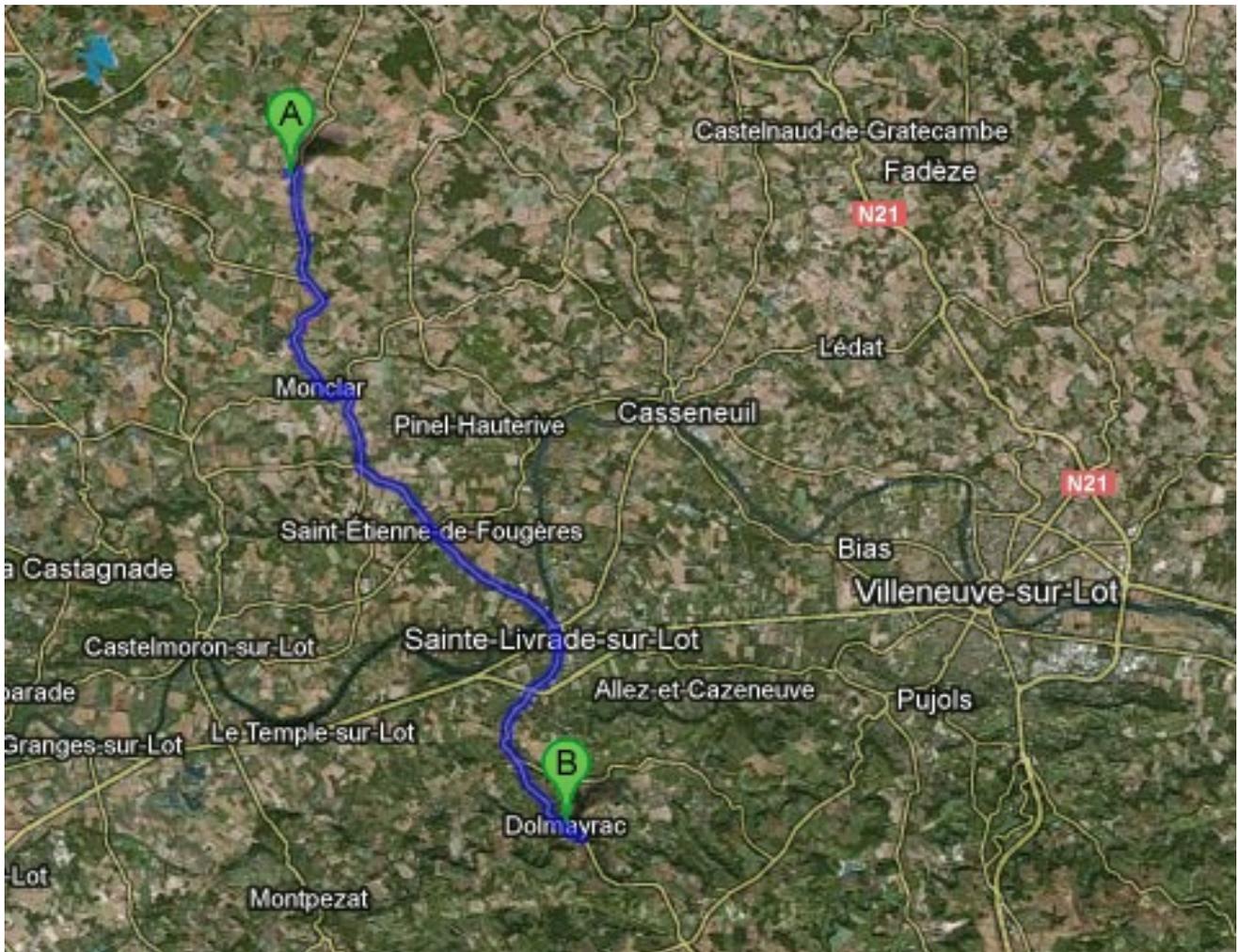
Agora, sua situação retornou ao que era uma família real, com as belas tradições típicas italianas, como a missa de domingo e dias santos, e como também com a presença de todos os pequenos problemas que uma família traz consigo: os caprichos dos filhos, as vontades da esposa, as reclamações da bagunça das crianças, os problemas habituais casa etc. Todas essas coisas foram sendo enfrentadas - Eu não tenho certeza se essa vida de família, depois de tantos anos de solidão, de cansaço e de silêncio, parecia ser ainda bonita para Agostino. Mas finalmente tudo voltou ao normal!

Talvez, como resultado deste casamento e desta nova família, Agostino provavelmente começou a mudar suas ideias sobre o seu estado primitivo de migrante. A terra lhe trouxe fortuna, tinha-lhe dado um emprego decente e, obviamente, estava melhor do que aquilo que tinha encontrado na Itália. Tinha mantido a promessa de redenção da pobreza, e também havia encontrado uma nova família. Então Agostino começou a ser sempre muito grato à França, e começou a criar raízes neste território onde há alguns anos ele tinha começado a viver.

Com o passar do tempo, Agostino continuava a se envolver mais e mais nesta nova vida. Tia Olga diz que seu sogro Agostino nem sempre permaneceu no país de Montastruc, mas mudou-se cerca de 20 km para o sul, para a aldeia de Dolmayrac (47). Infelizmente não sabemos o ano em que Agostino decidiu se mudar para outro local.

A aldeia de Dolmayrac era muito mais próxima do que Montastruc das vilas para onde seus dois irmãos nesse meio tempo haviam emigrado. Talvez Agostino decidiu fazer esta mudança para estar ainda mais perto deles. Obviamente esta é a minha hipótese,

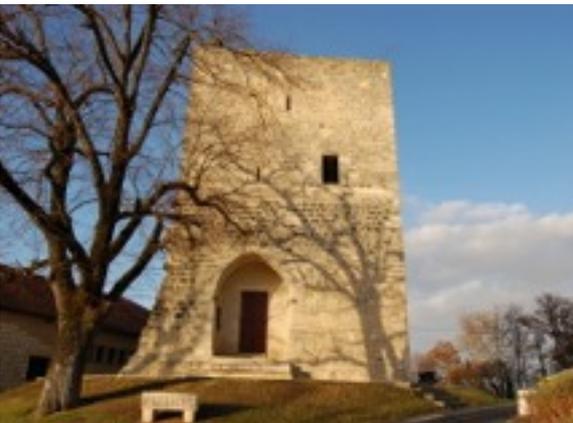
também porque, como já disse, nós não sabemos quando ocorreu esta mudança para perto de seus irmãos.



Localização onde Agostino Pesenti se moveu (Google - ano 2012)

Sabemos com certeza de que seu irmão André permaneceu por um curto período de tempo na França. Como havia emigrado sozinho e havia deixado sua família na Itália, então pode ser que no momento desta transferência de Agostinho, seu irmão André já havia retornado para a Itália.

A vila de Dolmayrac é famosa por causa da tradição. De acordo com poemas do ciclo carolíngio, em 28 de Maio 778 os exércitos de Orlando, o grande, (Ou Roland) foram dizimados por uma praga, mas muitos doentes foram milagrosamente curados, bebendo de uma fonte de água ferruginosa.



Aldeia de Dolmayrac e a torre do castelo (Google - ano 1912)

Na família de Agostino agora estavam praticamente todos juntos, e moravam na quinta de Dolmayrac. Bruno era agora um jovem que trabalhava com plena capacidade, e tinha ali todos os seus interesses e amizades. Maria, o bebê da família, havia crescido, e Agostino com a sua segunda esposa Pierina olhava para o futuro. O único detalhe que lhe era certamente indesejável, o único arrependimento de Agostino era a filha, agora adolescente, que vivia longe dele. Elisabetta ficou com sua avó Pesenti em Covo, e quando sua avó havia se tornado muito idosa para ser totalmente independente e para cuidar devidamente de sua sobrinha, Gino Pesenti, o irmão mais novo de Agostino, se ofereceu para levar ambas para sua casa, e cuidar delas.

Certamente Agostino manteve correspondência com sua família em Covo, especialmente com sua filha Elisabetta. Há motivos para acreditar que ele recebia constantes notícias desta filha. No entanto, não tinha certeza de como poderia chegar a ela para pedir a sua presença na França. Eu me pergunto por que Elisabetta nunca chegou a ir para junto de seu pai na França. Eu perguntado muitas vezes se não haveria razões para acreditar que talvez a mocinha tivesse "medo" de ir para um lugar onde se falava uma língua diferente da sua e por isso, ao longo dos anos houvesse realmente feito uma escolha de permanecer em Covo.

Com o passar do tempo Elisabetta se havia enraizado em Covo. Toda a sua vida estava lá, a milhares de quilômetros de distância do pai, que aliás só tinha visto algumas vezes, e que talvez mal recordava o tom de sua voz. Ela estava longe do irmão que lembrava apenas pelos poucos meses passados juntos quando crianças, quando ele esteve doente e tinha sido assumido por sua avó para dele cuidar na Itália, e longe também da irmã mais nova que em Covo praticamente ninguém jamais tinha visto.

Ir para junto de seu pai significaria para Elisabetta ir embora para sempre de seu mundo de Covo, e talvez este não era o seu desejo. Agostino certamente teria entendido o que se passava na mente de sua filha, compreendia todas as suas dúvidas, seus medos e suas incertezas. Provavelmente teria, ainda assim, tentado em algumas ocasiões, talvez por cartas, de persuadi-la a se juntar a ele. Mas depois de todos os sacrifícios que ela tinha passado, como menina pobre, que cresceu praticamente como uma órfã, sem nunca ter podido dizer "mamãe" ou "papai", Agostino cedeu à sua vontade e a deixou livre para escolher seu destino. Mais uma vez Agostino demonstrou que era realmente um homem de bom senso!

Agostino, portanto, procurava algum consolo na correspondência e em algumas fotografias que ocasionalmente recebia da Itália. Uma delas, muito boa e de grande valor, foi conservada na França e sobreviveu até os dias atuais, e nos mostra os três principais personagens.



Vovó Eufrosia Cucchi viuva Pesenti, o filho Gino Pesenti e a sobrinha Elisabetta (fotografia - primeira metade dos anos 30)

Esta fotografia é de um valor e de uma beleza verdadeiramente únicos, primeiro porque nos mostra a matriarca da família Pesenti: a avó boa e corajosa Eufrosia, a única que não se havia poupado para tratar da nora Francesca durante os anos de sua longa e dolorosa doença, e que tinha assumido o cuidado da neta Elisabetta quando seu filho Agostino foi obrigado a emigrar para a França. Ela que não se deixou intimidar diante da necessidade de fazer uma viagem a um país estranho, onde se falava uma língua completamente incompreensível para ela que, aliás, só falava o dialeto de Bergamo. Mesmo sendo idosa, ela tinha imediatamente se colocado à disposição para ir para a França para cuidar do neto Bruno, que estava doente.

Nesta foto, tirada em Covo, enviada para a França para Agostino e preservada por seus descendentes, temos a sorte de ver o rosto de uma mulher que tanto fez, e que pode ser considerada como realmente exemplar.

Olhando para esta foto percebe-se a face de uma mulher que escondia uma expressão quase triste, mas que, no entanto, era uma mulher de muita iniciativa (o que, aliás, bem demonstrou por seus atos). Parece incrível que uma mulher - diria quase humilde - pôde ter tanta coragem e tal determinação.

Outra coisa impressionante que se observa na avó Eufrosia é o fato de ver uma mulher não envelhecida (já que naquele tempo a velhice acontecia a todas as mulheres de 50 anos, enquanto ela já tinha quase 80). Ela ainda tinha o cabelo perfeitamente escuro, não era curva, ela não aparecia ser desdentada, e nem mesmo ter o rosto sulcado por rugas profundas (características comuns a todos no tempo de idade avançada).

Gino Pesenti, o irmão mais novo de Agostino era um jovem que podia ter uma idade de cerca de 30 anos. Era muito parecido com sua mãe, tinha o mesmo queixo largo e forte, testa larga, nariz reto e grande bem conforme com sua figura, sobrancelhas finas, maçãs do rosto e olhos bem ajeitados. Não temos mais fotos de Agostino em uma idade jovem, mas pode-se supor que talvez se assemelhasse a esse irmão. A única diferença entre esses dois irmãos é que Agostino com certeza trazia bigode.

Nós não sabemos exatamente quando esta fotografia foi tirada, e não pode nos ajudar a descrever a figura de Gino Pesenti, porque não sabemos quando ele nasceu.

No entanto, podemos fazer uma hipótese válida, a partir da figura da jovem sobrinha Elisabetta. Ela, mais do que ninguém, pode nos ajudar. Se vê que ela era ainda jovem, mas não era mais uma criança. Podemos supor que era uma menina que estava entrando na adolescência, e portanto tinha uma idade de cerca de 13 anos. Se assim for, significa que esta fotografia foi tirada no início dos anos 30, ou mais precisamente podemos arriscar a dizer que ela foi tirada em um período de tempo que variava entre 1932-1934. Como já disse, não sabemos com certeza a data de nascimento da avó, Pesenti, mas podemos assumir que tenha sido em meados ou no final do século. Então, no momento desta foto, essa mulher já tinha mais de 65 anos.

Alguns anos depois que ela posou para esta foto, sua neta Elisabetta passou por uma grande mudança que iria afetar o seu futuro para sempre. No entanto, vemos colidir duas versões dos fatos diametralmente opostos: Elisabetta passou a viver na casa do tio materno Emanuele Tirloni.

O grande problema na reconstrução desta história não é tanto devido a dois contos, mas mais do que qualquer outra coisa é o período histórico em que eles são contextualizados, variando de 15 anos ou mais. Tia Olga afirma que o sogro Agostino, em 1922, partiu para a França com seu filho Bruno, e teve que deixar sua filha Elisabetta, ainda bebê, aos cuidados de sua mãe Eufrosia. No entanto, sempre de acordo com a tia Olga, a avó Pesenti era realmente muito idosa para cuidar adequadamente de uma criança muito pequena e, em seguida, para resolver este problema, entrou imediatamente em cena o tio Emanuele Tirloni que pediu à família Pesenti, ou mesmo diretamente para Agostino em uma carta, para cuidar de sua sobrinha ainda bebê. Obtida a aprovação dos Pesenti, Elisabetta se tornou parte da família do tio Emanuele, e ela cresceu junto com seus primos Tirloni.

Só para tentar obter mais informações sobre essa história, eu tentei entrevistar a tia Íride Tirloni Gatini, filha mais nova (e apenas a única que ainda está viva) de meu bisavô Emanuele Tirloni. A tia Iride disse que as coisas não correram exatamente dessa forma, ou melhor, não com estes lances. Tia Íride disse que sua prima Elisabetta sempre foi cuidada pela família Pesenti, primeiro com a avó, e depois com seu tio Gino. Somente quando ela já era grande é que entrou para a família Tirloni. Continuando sua história, tia Iride explica que no final de 1939, tinha morrido de repente, devido a um ataque do coração, a sua mãe Rosa Morosini. Com isso, o pai Emanuele estava em casa com todas as crianças do sexo masculino, e a única menina era a própria tia Iride (que tinha apenas 12 anos), e que passava a maior parte do ano na faculdade em Lodi, e portanto não poderia servir de ajuda para sua família. Na família precisava-se de uma mulher que seria responsável pela casa, e então seu pai Emmanuel pensou em pedir ajuda para sua sobrinha Elisabetta. Esta se disponibilizou para ajudar seu tio e primos, e se mudou para a casa deles.

Aparentemente, eu estaria inclinado a dar razão para a tia Iride que, tendo vivido em casa, tem uma evidência direta do que aconteceu. Mas parece estranho que a história contada pela tia Olga seja totalmente errada ... Na verdade, pode haver uma possibilidade de que ambas as histórias digam a verdade sem se contradizer. Pode ser que, em 1922, quando Agostino emigrou para a França, a avó Pesenti percebeu que ela não seria capaz de cuidar de uma criança tão pequena, e por isso, talvez, o Tio Emanuele - que na época morava em Covo, e tinha filhos quase da mesma idade - ofereceu-se para levá-la para sua casa por algum tempo, até que ela ficasse um pouco maior. Então depois a criança voltou para casa Pesenti. Tia Iride nasceu em 1927, mais tarde do que quando esses eventos ocorreram. Eu admito que não estou muito certo sobre esta possível reconstrução, porque deixa alguma suspeita de que a tia Iride não estava ciente deste fato hipotético (até mesmo porque aconteceu antes de ela nascer), mas tudo pode ser... Eu penso que, infelizmente, ter clareza sobre esse detalhe é realmente difícil.

O que é certo é que em 1939, quando da morte da tia Rosa, o tio Emanuele, que entretanto se mudou para Romanengo (CR) pelas razões anteriormente explicadas, pediu ajuda para esta sobrinha que agora tinha 20 anos de idade, e a partir de então Elisabetta se estabeleceu definitivamente na casa de seu tio Emanuele, e ali permaneceu por toda a vida, pois mais tarde se casou com um de seus primos, Alessandro Tirloni.

Estes foram os anos em que toda a Europa estava chocada pelas barbáries da atroz Segunda Guerra Mundial. Obviamente Agostino não estava inscrito porque era muito velho. Mas talvez (não temos certeza) essa coisa ruim de ir para a guerra aconteceu com seu filho Bruno. Agostino, no entanto, por causa desses fatos, certamente tinha muito a temer ao ouvir a notícia de que exércitos alternavam a presença em solo francês, primeiro invadido pelas tropas alemãs de Adolf Hitler, e em seguida, liberado pelo assalto dos russos e pelo desembarque americano na costa da Normandia (no famoso Dia D). Felizmente para Agostino, todas essas coisas acontecem a muitas centenas de quilômetros de onde vivia, e assim pode-se crer que, pelo menos a partir deste ponto de vista, o seu pequeno mundo permaneceu intacto dos horrores dos bombardeios e da invasão das tropas. Assim como durante a Primeira Guerra Mundial a sua vida tinha sido atormentada, agora, ao contrário, foi poupado de muitos sofrimentos.

Muito diferente é o que aconteceu, em vez, na Itália. Ocorreram duas circunstâncias que tornaram a situação mais pesada e complicada: primeiro, a ditadura do fascismo, que governou por mais de vinte anos na Itália, e tinha criado um situação de vida muito difícil. Não havia liberdade de expressão, e tudo era filtrado e vigiado pela gestão, pelo controle e pela autorização a ser dada pelas equipes locais do fascismo (os chamados Camisas Negras). Durante a guerra, o fascismo tinha caído e a Itália se encontrava no meio de uma guerra civil, entre os amantes do fascismo que tinham se rearmado e reorganizado, e o exército leal ao rei Vittorio Emanuele III. Além dessas duas forças, também havia a milícia não autorizada, composta principalmente de comunistas desertores do exército, mas que se opuseram ao fascismo e lutaram pelo povo e para a libertação da Itália.

A população Italiana foi fechada entre estas três realidades e não foi fácil sobreviver ileso nos últimos dois anos de conflito. Outro detalhe foi o fato de que o território do norte da Itália era a porção da terra que, a nível militar, era o mais estrategicamente importante. Aqui tiveram lugar as grandes manobras de guerra, os bombardeios, as incursões mais cruéis desde que as tropas alemãs, primeiro aliadas com a Itália e, em seguida, após a queda do fascismo, eram o pior inimigo dos italianos com desejo de vingança e de retaliação contra os traidores italianos. Com isso todos os membros da família de Agostino ficaram então presos nessa área de guerra em que as ações eram as mais sangrentas e perigosas. O próprio namorado de Elisabetta, Alessandro Tirloni, foi feito prisioneiro pelos alemães, e por um longo tempo permaneceu confinado dentro da faixa de trabalho forçado dos alemães em Muhldorf-am-In, na Baviera, mas com a ajuda de um soldado alemão escapou deste campo e pôde abraçar toda a sua família.

Finalmente, a guerra acabou e Agostino podia dizer que tudo havia corrido bem. Mesmo as notícias que chegavam da Itália o tranquilizavam dizendo que na sua família todos estavam bem, e sua filha Elisabetta, que na verdade viveu em um território muito mais estratégico, passou maus momentos, mas saiu ilesa.

Uma vez passada esta experiência muito ruim, tudo começou de novo, e um ano mais tarde, em 1946, Agostino foi comunicado com boas notícias da Itália: a sua filha Elisabetta ia se casar com o namorado, que era seu primo, Antonio Alessandro Tirloni (chamado Sandro). Realmente curioso a respeito deste par é o detalhe que o noivo tinha dois anos a menos do que a noiva. Naquele tempo era praticamente impossível um homem namorar uma mulher com mais idade do que ele. mas o amor triunfou sobre os hábitos, e os dois decidiram continuar sua história. O fato de que o casal era composto de primos de primeiro grau, obviamente criava alguns problemas, porque exigia uma isenção diretamente do bispo. No entanto, a licença foi concedida e os jovens coroaram seu sonho.

Desta cerimônia, infelizmente, não participou o pai Agostino nem o irmão Bruno. Aqueles eram dias em que a viagem não era nada fácil, como poderia ser hoje. Também era impossível para as pessoas que trabalhavam nos Campos, tirar férias no tempo de trabalho.



Matrimonio di Elisabetta Pesenti e Alessandro Tirloni: gli sposi e la famiglia Tirloni (fotografie - anno 1946)

Dois anos depois, em 1948, o casal teve o primeiro filho, Franco. Agostino, então, aos 58 anos, tornou-se avô pela primeira vez. Para dizer a verdade, tanto a este neto, bem como aos outros três que iriam vir de sua filha Elisabetta, Agostino só iria vê-los raras vezes. Infelizmente, a distância não estava certamente a seu favor. Na verdade, todos os parentes de Soresina lembravam quase com orgulho de terem podido conhecer, pelo menos uma vez, seu avô Agostino. apenas porque de fato esta família vivia muito longe. Acreditamos que todas estas crianças apenas ouviam falar sobre o seu avô, mas sem nunca terem podido vê-lo em pessoa e ouvir a sua voz, pelo menos uma vez.

Depois da guerra, seu filho Bruno começou a freqüentar a casa de uma moça de origens Italiana, chamada Olga Grava, que provavelmente vivia mesmo em sua vila. Olga era uma jovem filha de imigrantes e, provavelmente, teria nascido na França. Os dois amantes coroaram seu sonho de amor e se casaram em 27 de agosto de 1949. Bruno já tinha 31 anos, e na época era considerado já muito avançado em idade para se casar. Mas devemos pensar que Olga, era muito mais jovem do que ele, tinha 10 anos menos, e porque no início do namoro ela era muito jovem, era normal que Bruno esperasse alguns anos antes de se casar.



Bruno Pesenti casado com Olga Grava (fotografia - ano 1949)

Como resultado deste casamento, na casa Pesenti entrou a tia Olga. Ela, mais do que qualquer outro, ajudou-nos a fazer esta pesquisa sobre a família Pesenti e a resgatar

do esquecimento do tempo esta linda história que seria realmente uma pena se tivesse sido esquecida para sempre.

O filho Bruno estabeleceu-se com sua jovem esposa na casa da fazenda Borge-Basse, na vila de Allez-et-Cazeneuve. O local era muito próximo de Dolmayrac (6 km ao norte) e agora a jovem Olga podia observar e conhecer plenamente o seu sogro, homem corajoso e tão forte que nunca se rendeu, mesmo em face das dificuldades que teria dobrado qualquer um. Ao nosso pedido para nos contar sobre a figura do sogro, não só do ponto de histórico, mas também, e acima de tudo, de um ponto de vista mais humano, tia Olga não se omitiu, e a imagem que emergiu de sua história, para mim foi quase desconcertante. Fiquei realmente surpreso, quase incrédulo, ao ouvi-la, e eu sou eternamente grato à tia Olga, porque ela me ajudou a entender melhor todo o complexo desse nosso ancestral.

Tia Olga foi muito objetiva em sua história. e ela falou tanto das qualidades positivas, como negativas de Agostino, o que não era totalmente normal, porque geralmente a uma distância de anos, se tende a omitir qualquer particular ruim ou desconfortável. Ela revelou também a sua personalidade mais profunda, a ponto de que me parecia ser semelhante ao de um personagem dos romances do passado: um homem duro, severo, rigoroso, primeiro com ele mesmo, e às vezes quase monástico!

É minha intenção relatar fielmente as palavras usadas por tia Olga, para manter a sua autenticidade, mas também porque essa tia foi capaz de resumir bem, com curtos e simples conceitos, mas eficazes e muito profundos, os quais vale a pena analisar um a um. Tia Olga diz: "*Agostino était un homme dur, qui ne considérait pas les femmes. C'était un homme qui parlait peu et ils ne connaissaient pas la famille du Brésil (famille Tirloni). Il fumait un peu mais NE jouait pas et ne dansait pas. Il portait tous les jours ses vêtements de travail, sauf Le dimanche. Il aidait les voisins pour les moissons, vendanges ou autres petits travaux*" [= Agostino era um homem duro, que não levava muito em consideração as mulheres, era um homem que falava pouco, e nunca conheceu seus parentes do Brasil. Ele fumava pouco e nunca tinha jogado ou dançado. Ele vestia roupas de trabalho diárias, exceto aos domingo. Ele estava sempre disponível para ajudar os vizinhos, nas colheita ou em outros pequenos trabalhos].

Neste ponto, a tia acrescentou um detalhe realmente muito importante, talvez o que mais do que tudo me levou a chamá-lo de um homem de abnegação total em sua missão humana. A Tia diz: "*La Ferme a temps plein occupait toute La famille. Il um été toute sa vie agriculteur. O consacré de sa vie au travail*" [= A fazenda agrícola ocupava o tempo todo, toda a família. Foi um agricultor por toda a sua vida, dedicou sua vida ao trabalho].

Finalmente a tia termina com uma descrição especial que resume muito bem, tudo o que foi mencionado anteriormente, e que se torna prova daquilo que foi hipotizado.

De fato a tia conclui: *“Agostino était pieux et se rendait à l'église tous les dimanches. Il se préparait longuement, se lavait de la tête aux pieds, se parfumait, portait un costume et cravate. Il ne revenait que vers 12h30 pour participer au repas dominical”* Traduzindo: “Agostino era muito piedoso e ia à missa todos os domingos. Ele se preparava longamente, se lavava dos pés à cabeça, usava perfume e usava terno e gravata. Ele chegava em casa por volta das 12:30, só para participar do almoço de domingo”.

Realmente é incrível ouvir esta curta história, contada para nós pela pessoa que conhecia pessoalmente Agostino, e por tanto tempo. Na verdade, se pensarmos que, pelas razões acima, nenhum dos descendentes italianos de Agostino podia dizer que realmente o conhecia por tê-lo visto apenas um punhado de ocasiões e por um curto período de tempo, sua própria filha (Tia Elisabetta) foi vítima desta distância. A única pessoa que realmente o viu e o conheceu (com a consciência de um adulto, pois não uma criança) hoje em dia, foi apenas a Tia Olga. Então o seu testemunho é muito importante e é também o único que pode ser tomado com a segurança devida.

A imagem de Agostino que emerge destas poucas palavras ditas por tia Olga, desde o início podem nos deixar perplexos e confusos, mas como quase sempre, é preciso contextualizá-las no momento em que foram vividos: a tia começa por dizer, primeiro, que Agostino era um homem duro, e esse detalhe imediatamente nos desestabiliza um pouco a ideia "romântica" do marido herói, bom e fiel, que cuidou de sua mulher doente com dedicação. Mas as duas coisas não estão necessariamente em oposição, e a ideia de que ele era um homem duro, não deve imediatamente remeter-nos à figura do velho patriarca Alessandro Tirloni.

Continuando em uma segunda entrevista, a tia Olga aponta que de fato a dureza de Agostino era realmente muito mais do que se podia imaginar à primeira vista. A tia Olga nos fez saber que Agostino, para algumas coisas, era até insensível, como se fosse frio ou mesmo incapaz de calor humano.

Agostino era um homem duro e frio, mesmo em excesso, mas certamente não foi um homem cruel. Foi, certamente, um bom homem que tinha feito tudo o que podia para cuidar de sua esposa, por quem, como temos visto repetidamente, tinha provado a sua dedicação, e não necessariamente deve ter sido um homem duro desde a tenra idade: pessoalmente eu desafio qualquer pessoa que tenha passado por tudo o que Agostino passou a continuar a ser um homem feliz, alegre, e extrovertido, mas certamente isso não é desculpa para ele.

O segundo detalhe que nos espanta é como a tia afirma imediatamente após, ou seja, que Agostino não demonstrava muita atenção para as mulheres. Naquele tempo, infelizmente, isso acontecia em qualquer lugar. Reinava uma ideia forte de machismo em que a mulher era relegada a um segundo plano e tinha que cuidar da casa, da família, e nada mais. Muitas vezes, durante a minha infância, eu deparei com frases como "raciocínio de mulheres", "fala de mulheres" ou "comportamento choramingoso" para indi-

car raciocínios estúpidos, argumentos fúteis, comportamento mesquinho ou choroso. Mesmo uma pessoa iluminada como o Papa Pio X (mais tarde Santo), no início do século XX, falando da mulher ideal, disse no dialeto veneziano que a mulher deve ter três características: "*Che la piasa, la tasa e la staga a casa*" [Que seja complacente, fique em silêncio e não saia para fora da casa].

Esta foi uma maneira de ver a mulher que, infelizmente, como eu disse, durou até alguns anos atrás, e que as mulheres, ao custo de muito esforço, só agora conseguiram mudar. Como eu disse, quase todos estavam convencidos dessas coisas, e não havia atenção para a sensibilidade e as dificuldades das mulheres, ou era muito raro receber atenção por parte de homens. Seria interessante saber se Agostino era realmente extremo nesta sua forma de se colocar, ou se simplesmente se conformava com este pensamento, mas sem exagerar.

Imediatamente após, a tia Olga nos fez conhecer um outro detalhe importante: Agostino era um homem que falava pouco. Novamente, isso foi algo que muitas vezes acontecia com as pessoas do passado. De fato, na casa Tirloni incluindo o antigo patriarca Alessandro Tirloni, todos eram muito ansiosos para contar e conversar, e isto era praticamente um caso raríssimo. Muitas vezes me pergunto por que as pessoas do passado eram tão controladas para falar sobre seu passado. Naquela época, a tradição oral era algo que as pessoas tinham de mais importante, e não havia outras maneiras de transmitir o conhecimento, porque a escrita não estava ao alcance de qualquer um. Mas quem sabe porque na maioria das vezes as pessoas não estavam inclinados a falar do seu passado, e além disso, naquele tempo havia uma ótima forma de respeito aos idosos, e por isso, se eles não eram os primeiros a começar a falar algo de suas vidas, ninguém tinha coragem de fazer-lhes perguntas ou levá-los a falar.

O fato de que Agostino era uma pessoa pouco disposta ao diálogo e as histórias, vamos entender o quão difícil foi para a Tia Olga recolher todos os detalhes da história preciosa que nos deixou. Podemos imaginar que ela levou todos os últimos 20 anos de vida com o sogro para coletar um pouco por vez. os pequenos fragmentos do passado. Aliás, precisamos agradecer à Tia Olga pela sua inestimável contribuição: é como se ela tivesse passado anos procurando por pequenos pedaços de um tesouro que sobreviveu até hoje. Muita sorte para todos nós!

Após esta descrição breve mas abrangente de Agostino, do ponto de vista de seu caráter a Tia Olga o descreveu a partir do ponto de vista da vida que viveu, e aqui realmente fiquei impressionado porque realmente Agostino praticamente não fazia nada para si mesmo: não tinha preferências particulares ou curiosidades, não cultivava interesses especiais, não tinha ideia do que podiam significar palavras como "jogo" ou "diversão"... A única pausa que reservava para si era fumar, às vezes, um cigarro ou, mais provavelmente, um charuto (aliás mais comum, naquele um tempo, até mesmo do que os cigarros), mas mesmo este era um gesto que acontecia esporadicamente, e o fato de que, como a tia mesmo nos disse, acontecia raramente. Podemos imaginar que o charuto aceso representava para ele apenas um hábito, e não um vício.

Perguntada se Agostino era uma pessoa fechada e introvertida, ou se era integrado na comunidade, a tia nos disse de forma desconcertante que Agostino sempre era disponível para ajudar os amigos, quando era para fazer alguns trabalhos. Aqui está: trabalho, dedicação total ao seu dever, era o que vivia, e de fato, passou praticamente toda a sua vida vestindo roupas de trabalho. Em seu comentário cheio de brilho, muito eficiente e lapidar, a tia Olga muito bem resumiu em uma sentença a essência mais profunda e mais verdadeira de Agostino: ele consagrou sua vida ao trabalho!

O termo "consagrado" ajudou a não ir mais longe nas minhas perguntas sobre sua personalidade, suas ideias e sua maneira de ser. A tia não poderia encontrar outra palavra melhor do que essa. Este termo era o último selo sobre a figura de Agostino, e por outra razão, eu há pouco disse que eu sentia que ele era uma figura quase monástica: um homem que, depois de tudo o que ele passou, ele teve acrescido de juro, e decidiu desaparecer completamente dedicando-se a única coisa que poderia fazer, em quem podia confiar, e que lhe deu certeza: o trabalho.

Como Agostino podia encontrar a força para fazer tudo isso? Onde pôde encontrar mais e mais o impulso para a sua missão humana? Aqui neste ponto, a história da Tia Olga terminava nos dando a resposta a estas perguntas: Agostino encontrava a sua força sobre-humana em sua grande fé! A sua fé verdadeira e autêntica era a sua única defesa, e para ele, a Fé era a única coisa indispensável, era como um estímulo de um monge que decide deixar o mundo para trás e confiar cegamente em Deus. Nisto Agostino se comportou da mesma maneira: a missa dominical para ele era mais do que suficiente, foi seu lazer, sua energia, sua maneira de se concentrar, sua segurança e sua maior aliada!

Como teve maneira de dizer o nosso parente brasileiro Padre Alírio José Pedrini: "Deus era a força dos migrantes". Mas neste caso, não representava para Agostino só a força para ir ao encontro do desconhecido e nunca perder o ânimo, mas para ele era muito, mas muito mais. E eis agora que Agostino para ir ao encontro de seu grande aliado, cumpria gestos únicos e cheios de significado: se despiu de sua roupa de trabalho, e vestia um terno bonito, preparado com cuidado (se perfumava, ele que trabalhava duro, com o suor do seu rosto) só para ser bem apresentável, e não desfigurar este compromisso importante para ele: a Santa Missa.

Este detalhe de sua grande fé, eu devo dizer que parece um contraste com o que foi dito sobre seu personagem: como pode uma pessoa de fé verdadeira e autêntica ser frio, insensível, duro e por nada acolhedor? Outro detalhe: sendo insensível, como uma pessoa pode ter recursos para ajudar pessoas conhecidas nos seus trabalhos? Também isso me faz pensar que, originalmente, Agostino não era tão mau como nos aparece agora. Provavelmente depois de um bom tempo teria se tornado melhor, mais disponível.

Certamente não era uma pessoa angelical, mas também não tão terrível como, em vez, foi durante a maior parte de sua vida. Realmente eu acho que Agostino deve ter-se endurecido fortemente ao longo dos anos, mas, pelo menos os valores sonoros como a

fê e a ajuda aos outros, se mantiveram inalterado. Infelizmente, a sua dureza era manifesta especialmente em casa, e quem pagava o preço eram as pessoas de sua família

O que faria Agostino aos domingos, até às 12:30, momento em que ele chegava em casa para almoçar? Não sabemos ao certo, mas a ajuda pode vir a nós pelo primo Freddy, que ao ouvir esta anedota contada por sua avó Olga, imediatamente lembrou que seu avô Bruno costumava participar todos os domingos da Santa Missa na igreja da aldeia vizinha de Sainte Livrade-sur-Lot (47), e muitas vezes Feddy havia acompanhado o seu avô para esta função religiosa, e lembrava-se bem que, terminada a Missa, seu avô Bruno sempre usava parar no bar para passar uns poucos momentos de convívio com os amigos, que também era italianos.

Talvez este hábito de Bruno tinha sido herdado de seu pai Agostino. Eu não sei com certeza, mas talvez Agostino, depois de participar da Missa, parava para trocar algumas palavras em um bar onde se reuniam todos os nativos Italianos. E se assim foi, seria realmente a única vez em que, semanalmente, Agostino fazia uma verdadeira ruptura, um pouco de relaxamento de sua vida difícil, que realmente, como pudemos deduzir da história da tia Olga, foi uma vida marcada de acordo com a famosa regra beneditina que afirma "Ora et Labora" (Reza e Trabalha).

Foi realmente incrível para mim aprender esses detalhes sobre a figura do Agostino, esta pessoa realmente incrível e marcante. Eu não posso agradecer o suficiente à tia Olga, por no-los ter transmitido!

Provavelmente nesses mesmos anos em que a tia Olga entrou para a família Pেসenti e começou a conhecer Agostino (dando-nos assim a possibilidade de conhecê-lo totalmente), ele se fez fotografar nas únicas fotos que chegaram até aos dias de hoje. Parece incrível, mas, apesar de ter vivido tanto tempo, ele tinha apenas estas fotos.

Na fotografia que foi feita de perfil, o paletó (ou o capote, não sabemos) usado por Agostino era presumivelmente o mesmo em ambas as fotos, e podemos ver que as duas fotos foram tiradas vários anos de distância. Percebe-se, especialmente pelo detalhe do cabelo, pois enquanto na imagem de perfil eles estão ainda presentes (embora escassos) em toda a volta da cabeça, na foto tirada de frente, os cabelos agora estavam completamente desaparecidos, e ele estava quase completamente careca.

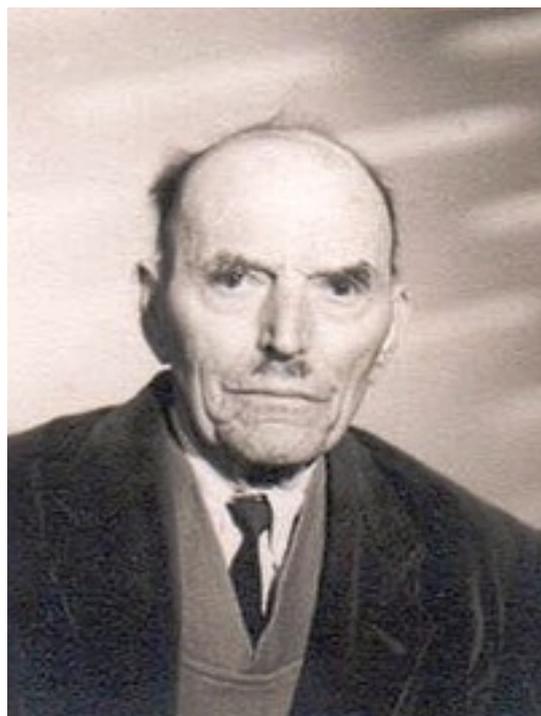
Mesmo o bigode, que na foto de perfil aparecem grandes e grossos, na imagem de frente estão quase completamente raspados, de um modo muito estranho que, para dizer a verdade, me deixou atordoado, porque eu nunca pensei que alguém tivesse a coragem de cortá-los da mesma forma como o ditador alemão famoso e cruel, Hitler, que tinha arrastado o mundo para o abismo da Segunda Guerra Mundial.

Vendo essas pequenas fotos, provavelmente feitas para passaporte ou para carteira de identidade, e agora preservadas em Soresina por Nicoletta Tirloni (uma de seus últimos netos), temos mais uma prova das histórias apenas ouvidas, enquanto a sua figura bem se enquadra na descrição que nos foi dada por tia Olga. Seu rosto severo, seus

olhos duros, olhos frios, fixos e penetrantes, a total falta de um menor indício de sorriso, bem representam uma pessoa que não tinha muito tempo para se ater a pequenas frivolidades, que não tinha sido muito disposto a tagarelices, e a quem não se deviam fazer perguntas mais detalhadas.

Realmente é de se pensar nele como um homem de poucas palavras e muita operosidade, a quem podemos realmente imaginar com suas roupas de trabalho e ferramentas nas mãos. Um homem que abaixava logo seu olhar sobre o seu trabalho, que não facilmente se distraía com o que estava acontecendo ao redor (mesmo porque isto não lhe interessava) e uma vez de volta à casa tinha muito pouco a dizer ou a partilhar com os seus familiares. Seria pouco natural imaginá-lo talvez alegre e sorridente, cercado por netos, no dia de Natal. Mas pessoalmente posso vê-lo, enquanto jovem, encostado sobre a cabeceira de sua primeira esposa Francesca, a assisti-la com o melhor de sua capacidade durante sua longa doença.

Eu imagino que talvez suas esposas Francesca e Pierina devem ter recebido dele muito poucos sorrisos ou gestos doces, mas certamente sabiam que podiam contar com sua honestidade e sua presença. Realmente era muito enigmático e particular esse nosso ancestral!



Agostino Pesenti (fotografias do início e do final dos anos 50)

Eu não tenho nenhuma ideia de quando estas fotos poderiam ter sido feitas, e ainda mais difícil é tentar dar uma idade a Agostino com base nestas fotografias, porque o único detalhe a favor, vemos que em ambas as fotos, os cabelos são muito escuros (assim como eram os de sua mãe, na única foto que temos dela). A julgar pelo quão avançado se fez o grisalho de seu cabelo, podemos dizer que entre as duas fotografias se passaram 10 anos. Mas quantos anos poderia ter Agostino nessas fotos?

As rugas ao redor do pescoço, na foto de perfil, dão a ideia de uma camisa abotoada muito apertadamente. Mas na foto de frente, devido a pele desgastada, nos leva a imaginar um homem que há muito havia ultrapassado os 60 anos. Pode-se supor, portanto, que a fotografia de perfil foi tirada nos primeiros anos do pós-guerra, ou no máximo no início dos anos 50, enquanto a outra certamente foi tirada pela metade (se não ao final) dos anos 50.

Além das missas dominicais, as poucas horas passadas depois da função (talvez com amigos imigrantes italianos), e os charutos fumados de vez em quando, talvez à noite, depois do jantar, para relaxar um pouco, as únicas e verdadeiras oportunidades para o lazer de Agostino eram representadas por momentos de encontro com seus parentes italianos. Os primos de Soresina argumentam que, em certa ocasião, sua filha Elisabetta teria ido para a França, juntamente com sua tia, a irmã Giovanna. Mas a tia Olga disse que Agostino recebia especialmente a visita de seu irmão Gino. Este, é aquele mesmo irmão menor, que em sua juventude tinha se feito como um pai na família, após a morte de seu próprio pai (que ocorreu quando Gino era realmente muito pequeno), Gino era aquele mesmo irmão que nunca tinha emigrado para a França, o irmão que tinha cuidado em sua casa de sua mãe idosa e especialmente de sua sobrinha Elisabetta. Gino viajava constantemente para a França para fazer visita ao seu irmão mais velho Agostino.

Esse tio Gino foi quem mais do que quaisquer outros, e talvez tenha sido o único da família Pesenti, que muitas vezes havia enfrentado as longas viagens para ir à região do Lot et Garonne para visitar os familiares. Dele e de suas frequentes visitas, todos os primos franceses o retêm na memória, uma vez que continuou a ir quando já era mais idoso, depois da morte de Agostino. Gino foi um personagem realmente muito positivo que realmente sempre foi intimamente ligada à família Pesenti. Até mesmo os jovens primos de Soresina, todos têm lembranças maravilhosas deste velho tio, que muitas vezes havia ido à fazenda para visitar sua avó (da qual era muito próximo pela idade).

Para Agostino, a visita de seu irmão Gino era um momento que certamente o fazia interromper seu trabalho, e ele se permitia alguns momentos de liberdade de suas funções. Mas certamente, seja como for, ainda continuava seus dias de trabalho, talvez até mesmo ajudado por seu irmão. O único momento em que Agostino realmente parava de trabalhar por alguns dias, era quando ele mesmo ia visitar os parentes na Itália. Este fato realmente acontecia raramente, muito menos frequentemente do que as visitas que Gino lhe fazia na França, mas em algumas ocasiões isso aconteceu, especialmente na velhice, quando Agostino já se havia aposentado e se havia tornado mais livre.

Foi a própria tia Olga que nos contou esse detalhe, e sua história foi capaz de identificar claramente quais eram as visitas mais frequentes: se Gino na França, ou se Agostino na Itália. De fato, a tia, quando falou de Gino Pesenti disse: "*Gino venait souvent en France pour lui rendre visite*" Traduzindo: Gino vinha frequentemente para a França, para visitá-lo. Enquanto que, quando ela falou de seu sogro Agostino, disse: "*Il est revenu quelques fois en Italie pour rendre visite à sa famille*" Traduzindo: Ele

foi algumas vezes para a Itália para visitar sua família. Nós não sabemos se Agostino fez toda a viagem sozinho ou se foi para a Itália com alguns membros de sua família (talvez com seu filho Bruno). Sabemos com certeza que estes casos esporádicos foram para Agostino o único momento de verdadeiras férias de sua vida!

Quem sabe o que sentia Agostino quando, no final desta longa jornada, via novamente a sua Covo, ou quando numa curta distância começava a vislumbrar a torre da igreja e toda a realidade que ele havia abandonado há muitos anos. Quem sabe que emoção o invadia quando ele finalmente conseguia sair do carro ou do ônibus com o qual fizera a última parte da viagem, e finalmente era capaz de pôr os pés em sua aldeia natal. Pode ser que ele tenha sido imediatamente reconhecido por alguns velhos amigos, ou até mesmo a sua chegada havia sido planejada e anunciada com antecedência para que os parentes já estivessem lá, esperando o ônibus.

Sabemos que de fato ele se hospedava principalmente junto de seu irmão Gino. Isso nos contou muito bem a tia Iride Tirloni, a irmã do meu avô Peppino. Disse que nunca havia visto na sua vida este tio, porque ela estava vivendo com a família em Romanengo, e em seguida em Soresina, e quando esse tio vinha para a Itália sempre de hospedava na casa de seu irmão Gino, e sempre ficava só em Covo. De lá ele só saía quando voltava para a França. Agostino, portanto, não ia visitar os seus velhos cunhados Tirloni. Provavelmente só visitava aqueles que moravam em Covo. Certamente não empreendia outras viagens para ir para outros lugares para onde se tinham transferido (mesmo que estivessem em vilas vizinhas). Saía de Covo só para ir para Soresina para visitar sua filha Elisabetta.

Podemos imaginar Agostino, após os primeiros momentos passados em casa com parentes, a contar uns aos outros o que aconteceu durante o tempo que passou sem se verem. Talvez na companhia de seu irmão Gino começava a deixar a casa, andando a pé ao longo da rua principal, para ver os lugares que lembravam de sua juventude, ou talvez ele fosse para o bar para encontrar lá seus amigos de outrora. Imaginamos que no domingo entrava na igreja, a mesma igreja onde tinha se casado há muitos anos com sua primeira esposa, onde foram batizados os seus dois primeiros filhos, e onde ele tinha também acompanhado a sua primeira esposa Francesca em sua última viagem.

Certamente teria ido também ao cemitério para visitar a sua gente: os falecidos de sua família, seus amigos que o precederam na outra vida, seus pais e obviamente, sua esposa Francesca, morta há muitos anos. Provavelmente sobre aquele velho túmulo, desmantelado há décadas, e que ninguém se lembra de como era, ele teria se detido por mais tempo. Nós podemos pensar que qualquer pessoa que entrasse no cemitério perceberia o esboço do perfil deste homem de idade, quase desconhecido para a maioria das pessoas, que estava com a cabeça baixa, triste, frente a uma sepultura antiga de uma jovem morta há tantos anos. Só nos dias atuais, em Soresina, veio à tona um documento realmente muito valioso: a holografia de Agostino.

In Covo, add: 28 Maggio 1951
Nomeio erede del patrimonio mio in
Italia e precisamente in Covo (Bergamo)
mia figlia Elisabetta in Terloni costitui-
to della quota di 2/3 della proprieta
ella della casa di via Terraglietto 8
avendo gia provveduto a favore di mio
figlio Bruno istituendolo erede della
mia sostanza esistente in Francia
in comune di Dolmairach sit
Santelivrade (Lot et Garonne)
a mia figlia Maria avuta dalla
seconda moglie Busata Pierina lascio
la sola legittima
Pesenti Agostino fu Gioanni

Covo 28 de maio de 1951

Nomeio herdeiro da minha propriedade na Itália, e especificamente em Covo (Bergamo) minha filha Elisabetta Tirloni, constituída de 2/3 da propriedade da casa situada na via Terraglietto 8, tendo já providenciado em favor de meu filho Bruno, estabelecendo-o herdeiro da minha substância existente na França, no município de Dolmairach sit Santelivrade (Lot-et-Garonne).

Para minha filha Maria, tida da segunda esposa Maria Pierina Busato, deixo só a legitimação

~~Agostino Pesenti filho de Joao~~

Testamento holográfico de Agostino Pesenti (scan - 1951)

O testamento foi transmitido por um notário diretamente para sua filha Elisabetta, e essa tia preservou a breve carta de acompanhamento que o notário escreveu para fazer chegar o citado testamento.

28-5-1951

Egrégia

Le accludo il Testamento olografo del mio genitore Pesenti Agostino per favoreggi per incarico dallo stesso ricevuto oggi stesso
Con deferenti ossequio
Notario Domenico Bellotti

28 - 5- 1951

Egrégia Senhora.

Estou anexando o holograma de seu pai Agostino Pesenti filho de João por encargo recebido hoje mesmo.

Com deferência respeitosa.

Notário Domenico Bellotti

Carta que acompanhou o documento, do notário Bellotti (scan - 1951)

Como podemos ver, a partir deste ato simples, Agostino estava longe de ser uma pessoa simples e desprevenida, mas se mostrou muito experiente e conhecedor da burocracia, e de fato fez as coisas para seu próprio bem: ele escreveu pessoalmente de próprio punho o testamento diretamente na presença de um notário público, a quem entregou o escrito apenas terminado, e depois deixou que fosse ele, em uma ação mais formal, a entregar à sua filha. Realmente foi uma coisa incrível. Eu nunca havia pensado encontrar em tais circunstâncias e em pessoas humildes do campo uma tal providência. Por mais absurdo que possa parecer, Agostino poderia evitar toda esta burocracia e apenas comunicar para os filhos a sua vontade, chegar a um acordo com eles, e fazê-los prometer de respeitá-lo.

Analisando o documento, pode-se inferir muitas coisas: primeiro parece óbvio que Agostino tinha grande habilidade com pena e tinta. Sabíamos desde o início que Agostino havia recebido uma educação suficiente para ser capaz de ler e escrever, mas ainda permanecia um homem simples que, ao longo de sua vida, trabalhou a terra. Eu não creio que ele tivesse tido freqüentes ocasiões de lidar com papel e caneta para escrever, em vez, a sua caligrafia era incrivelmente clara, e acima de tudo segura. Se considerarmos os detalhes como colocou as aspas na palavra truncada, ou o fato de escrever a cifra na fração de $\frac{2}{3}$, é realmente de se surpreender. Não eram habilidades comuns a todos!

Claro que também ele, como todos naqueles tempos, incorreu nos erros típicos de ortografia (como as letras duplas) que exigem experiência bem maior do que os estudos elementares. As únicas incertezas de Agostino estavam na letra "P" de Pierina, mas também sobre a escrita de sua cidade de residência relatada como "Bolmairach" em vez Dolmayrac. Para o erro no nome da mulher pode-se até relevar. Mas parece muito estranho que tenha errado num nome tão vistoso do lugar em que vivia. Já estava na França há quase 30 anos, mas pode-se pensar (considerando apenas este detalhe) que Agostino ao longo de sua vida, teve dificuldades para aprender bem o francês.

Além do detalhe de sua grande habilidade na escrita, este testamento é útil para inferir algumas observações úteis:

13.

14.- Em primeiro lugar, em 1951, Agostino vivia em Dolmayrac, pois já havia se mudado da aldeia Montastruc

15.- Agostino, ao longo dos anos, manteve os 2/3 da propriedade de uma casa, em Covo, mas não sabemos que casa era. Não sabemos se era a casa em que viveu junto com a primeira esposa, Francesca ou (muito mais provavelmente) seria uma casa que tinha, talvez, herdado de sua família Pesenti. Nós não sabemos quem era o proprietário das restantes partes nesta casa.

16.- O fato de que deixava como herança para sua filha Elisabetta uma casa que ele possuía, implica que também a casa em que vivia na França (e que ele deixou inteiramente para o filho de Bruno) era de sua propriedade. Isto nos mostra que, de fato, Agostino, em 30 anos na França como um migrante, foi capaz de reverter sua sorte e tinha na realidade uma discreta fortuna.

Também no caso deste testamento (como tivemos oportunidade de ver naquele fato de seu sogro Alessandro Tirloni, e que sua esposa Francesca havia descrito naquela sua triste carta), vemos uma diferença marcante entre a parte da herança que Agostino decidiu deixar para seus filhos, o que é realmente estranho. Seu filho Bruno foi nomeado herdeiro de tudo o que Agostino tinha na França, sua filha Elisabetta tornou-se herdeira de sua cota de posses na Itália. E a mais jovem filha, Maria? Ela recebeu apenas aquilo que era previsto em lei, ou seja, uma cota mínima que por lei ele era obrigado a deixar para todos os seus herdeiros naturais (os filhos, no seu caso).

Por que essa grande diferença? Agostino era proprietário de uma casa na Itália, e outra na França, mas talvez também fosse dono de toda a terra onde trabalhou (Tia Olga sempre falava de uma fazenda que absorvia todo o seu tempo). Ele não era um homem rico, mas talvez muito bem de vida, e à filha Maria deixava apenas a cota prevista em lei ... Por que? Parece que não lhe quisesse bem...

Infelizmente, temo que esta questão nunca será desvendada e será destinada a manter-se sempre oculta no esquecimento do tempo. Esta é, de fato, uma coisa realmente misteriosa. Um fato bem observado é que sobre a segunda Esposa de Agostino e da filha Maria ninguém sabe quase nada. Mas ainda mais misteriosa é a razão que está na

base de tudo isto: os mesmos primos da França dizem que sobre estas duas mulheres praticamente nunca ninguém falou em família. Era como se nunca tivessem existido!

Como isso é possível? A própria tia Olga foi incapaz de dar uma explicação porque ela teve muito pouco contato com eles, e o próprio marido Bruno, por primeiro, nunca falou sobre esta meia-irmã à sua esposa. Também os primos de Soresina dizem que mesmo a tia Elisabetta nunca disse nada sobre estas duas mulheres. O próprio primo Franco, o mais velho neto de Agostino, viu a sua tia Maria só uma vez na vida, durante uma visita à França com sua mãe Elisabetta, pois esta mulher nunca foi para a Itália para visitar os parentes.

Por que? Na verdade, há uma coisa em particular que sugere uma explicação para todo este comportamento estranho, e foi sempre a tia Olga a dizer: a união entre Agostino e Pierina, infelizmente, foi qualquer outra coisa, mas não uma união feliz. A tia diz que Pierina "*não tinha uma vida doce com um homem (Agostino), que foi duro e insensível. Devido a isso ela bebia*".

Esta talvez possa ser uma explicação, ou melhor, um motivo que desencadeou graves conseqüências que reverberaram nas relações entre os diversos membros da família. A maneira pela qual a tia Olga falava deste pormenor é bem claro: é claro que a culpa deve ser atribuída a Agostino, e Pierina foi infelizmente uma vítima. E este é o modo como a tia conta esta história, e é nossa firme vontade confiar em seu julgamento e não tentar absolver a figura de Agostino. Com base nisto tentamos analisar indo por ordem:

1. Agostino se casou com uma mulher que já tinha um filho, o qual nunca tinha conhecido seu pai e, em seguida, na melhor das hipóteses, temos que pensar que Pierina era uma viúva muito infeliz, e provavelmente como resultado disto, mesmo muito frágil.
2. Agostino era - ou se tornou ao longo do tempo - um homem duro, frio, insensível, e não dava nenhuma atenção ao desconforto e dificuldades de Pierina. (Talvez nem mesmo eles se davam conta).
3. Pierina, cada vez mais em dificuldade, em algum momento já não era capaz de suportar esta situação, e por causa de sua fragilidade abandonou-se ao álcool.
4. Esta situação indispsôs ainda mais Agostino contra Pierina.

Como evolui o atrito entre Agostino e Pierina?

Pierina, infelizmente, não chegou a reagir, e o álcool, em breve, a assumiu completamente. Tornou-se uma alcoólatra. Agostino de forma alguma estava disposto a tolerar esta coisa. Sua insensibilidade e frieza o levou a um fastio e a uma aversão sempre mais forte contra a segunda esposa e, depois de ter chegado a um ponto de insustentabilidade, Agostino abandonou Pierina. O primo Freddy, ao relatar esta história, conta que os dois chegaram a se divorciar depois de alguns anos. Provavelmente não foi com estes termos, porque um divórcio naquele tempo era realmente difícil. Muito mais provável é

que simplesmente os dois se separaram, e Agostino abandonou Pierina ao seu triste destino de uma alcoólatra. A mulher morreu pouco tempo depois por causa das consequências dessa dependência (talvez cirrose do fígado).

Mas o que aconteceu com o enteado Vitorio, e especialmente com sua filha Maria?

De Vitorio, infelizmente, não sabemos nada. Talvez ele, como homem, muito mais chances teve de escapar desta situação e, provavelmente, se distanciou sempre que pôde. É inevitável que esta situação tenha sido prejudicial especialmente para a Jovem filha Maria, que se viu presa em uma situação terrível: de um lado uma mãe alcoólatra, e do outro, um pai duro e insensível. Ela não podia se dar ao luxo de "escapar" desta situação, a ela não era permitido fugir, mas devia ficar em casa e assumir esta situação. Quando os pais se separaram, ela foi morar com a mãe alcoólatra na aldeia vizinha de Sainte-Livrade-sur-Lot, e morreu lá depois de muitos anos. Espero que eu esteja errado, espero que ela tenha herdado o mesmo caráter forte do pai. De outra forma, uma semelhante vida certamente a teria devastado e destruído psicologicamente. Prova disso é o fato de que ela nunca teve filhos e, possivelmente (mas não temos a certeza) nunca chegou a se casar.

E em tudo isso como se comportaram o filho Bruno e Elisabetta?

Os primos de Soresina dizem que a tia Elisabetta sempre falou tão pouco quanto possível, seja da madrasta como da irmã Maria. Mas este seu comportamento, vivendo distante e tendo acontecido apenas algumas vezes de ter ido para a França, não deve ser levado em consideração. Muito mais significativo é o comportamento que Bruno manteve ao longo de sua vida: Tia Olga disse que seu marido Bruno *"respeitava muito seu pai e não lhe dizia nada publicamente sobre suas ações"* e o mesmo primo Freddy acrescentou especificamente: *"Meu avô não falava nada sobre ela (Pierina), e mesmo de Maria. É como se elas nunca tivessem existido."*

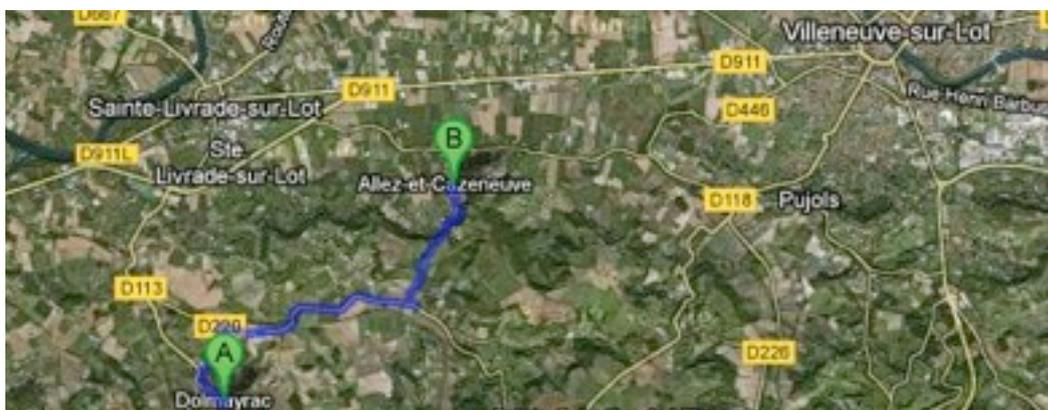
Certamente o tio Bruno, que não era um homem duro e insensível como seu pai Agostino, e que estava perfeitamente a par desta história e sabia tudo a fundo, ele tinha suas próprias razões para se comportar deste modo, aparentemente absurdo. E é minha intenção não violar a privacidade que ele decidiu manter sobre esta história, e que a mesma tia Olga decidiu respeitar. Apesar disso, no entanto, admito que estou pessoalmente inclinado a tentar um resgate da figura de Maria, em relação à qual, de acordo com algumas coisas que ouvi, eu não iria atribuir-lhe qualquer culpa.

11.6.3 - Os últimos anos

Em 1958, talvez depois de ter abandonado sua esposa Pierina, Agostino decidiu seguir o filho de Bruno, na aldeia de Allez-et-Cazeneuve (47), a pouco mais de 6 km a

Nordeste. Agora com 68 anos, era um homem velho, e não faria sentido para ele viver sozinho, sem ter alguém próximo que pudesse garantir-lhe pelo menos alguma ajuda mais básica de que necessitava uma pessoa de uma certa idade. Em seguida passou o resto de sua vida com seu filho, a nora e as netas.

Como se pode ver, Agostino, em sua vida como migrante, permaneceu fixado nesta região, mesmo no mesmo estado. Aqueles que ele fez, sempre foram deslocamentos de curta distância, deslocamentos realmente simples naquela região, a partir dos quais fica claro que Agostino tinha se deslocado apenas porque fora atraído por melhores condições (talvez uma casa maior e mais acolhedora, trabalho melhor remunerado, um terreno maior, a proximidade com os filhos) e não para rejeitar a condição em que ele viveu por muitas décadas.



Última transferência de Agostino Pesenti (Google - ano 2012)

Pode-se dizer que Agostino tinha procurado ao longo dos anos uma forma de “promoção e emancipação”, em suma, estava em busca de melhores condições, mas não mais de reviravoltas em sua vida (de novos empregos). Agostino sempre agiu como se a sua, já não era uma condição temporária, de curta duração, mas tinha em vista algo que iria durar muito mais tempo, se não para sempre.

Comportando-se deste modo, Agostino se tinha mais “acostumado” neste seu novo país, por quem se sentia totalmente aceito. Depois de todas estas lutas, era agora um homem velho e cansado de lutar. Manteve sempre contatos constantes com a sua Covo, com sua família, mas sua vida se passava onde estavam as suas coisas, seu trabalho, sua família e seu pequeno mundo. Agora, sua casa estava na França, e em seguida decidiu ficar para sempre em Allez-et-Cazeneuve, e **não retornar para a Itália!**

Também a pequena vila de Allez-et-Cazeneuve tem uma história, no mínimo secular, da qual permanecem alguns vestígios como o castelo de Tombebouc e algumas igrejas antigas.



Castelo de Tombebouc, Igreja de Cazeneuve e igreja de Allez (Google - ano 1912)

Em março de 1960, Agostino completou 70 anos. Não sabemos se a sua família organizou pelo menos uma pequena festa em sua honra. Naqueles tempos não se estava bastante acostumado a dar importância e comemorar aniversários. Isso não significa que todos (Agostino, em particular) não percebessem que sua idade era realmente importante, um privilégio não de todos, e que ele a atingia em pleno vigor físico. O trabalho continuava a ser uma parte fundamental de seus dias, e sua forte fé o sustentava nesta missão. Durante este período, a sua nora Olga estava de novo grávida, e Agostino certamente continuava a esperar que, pelo menos nesta ocasião, nascesse um tão desejado neto homem.

Enquanto na Itália a filha Elisabetta, nos últimos anos havia dado à luz dois filhos homens e duas filhas mulheres, na França, Olga tinha até agora dado à luz cinco filhas, todas mulheres. A primeira filha, Françoise (que herdou o nome da infeliz avó materna) nasceu no mesmo ano em que Agostino tinha escrito seu testamento. Depois vieram todas as outras. Há razões para acreditar que Agostino, em seu coração, sempre esperava que ao conhecer uma nova gravidez da nora Olga, finalmente viesse um neto, alguém que levasse para frente o seu sobrenome. Não fazia por mal, mas certamente Agostino, o homem duro e monacal, amou todas as suas netas que nasceram. No entanto, certamente estava triste porque não havia nascido pelo menos um menino.

Aconteceu de eu ouvir histórias de famílias em que não havia filhos homens. (Por exemplo, na família da minha avó paterna, na qual os seus avós tinham cerca de 50 netas, eram todas mulheres). Aconteceu muitas vezes que o avô, o chefe da família, ao receber a notícia do nascimento de uma nova filha, até começou a chorar, e essa explosão se deveu apenas à extrema tristeza de que o sobrenome da família (coisa que naquele tempo se valorizava particularmente) não teria seguido em frente.

Também nesta ocasião nasceu mais uma menina, e por isso as esperanças de Agostino foram perdidas. Agora seu filho Bruno tinha 42 anos, e sua nora, 32. Agostino certamente entendeu que, provavelmente, o casal agora com seis filhas, iria ter cuidado para não ter mais filhos. Então Agostino precisava ceder à realidade dos fatos: seu sobrenome Pesenti na França estava destinado a desaparecer. Certamente a coisa o teria feito sofrer. e em meu coração espero que Agostino não tenha ficado com raiva - o que poderia ocorrer em casos extremos - contra sua nora Olga. Naqueles tempos se acreditava erroneamente que as mulheres eram responsáveis pelo sexo do bebê, então quando na família não chegavam filhos homens, elas eram responsabilizadas injustamente, e tinham de enfrentar dificuldades graves.

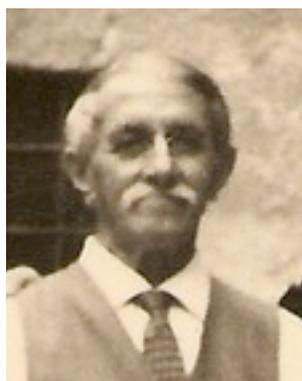


As primeiras cinco netas francesas de Agostino Pesenti (fotografia - ano 1959)
Em ordem de posição se vêem:
Janine, Ines, Odin, Constance, Françoise

Durante todos estes anos passados em solo francês, Agostino, como já foi mencionado, através da correspondência que era mantida constantemente, recebeu da Itália informações sobre o destino de sua família, e há razão para acreditar que a sua filha Elisabetta também comunicava o que acontecia com a família Tirloni. Durante a sua muito longa velhice, Agostino conheceu a morte de praticamente todos esses seus cunhados:

- Em 1924, o cunhado brasileiro João Tirloni
- Em 1934, a cunhada brasileira Joana Morelli Tirloni
- Em 1939, a cunhada brasileira Rosa Tirloni Tridapalli (aquela para qual a sua esposa Francesca havia escrito a famosa e triste carta)

- Em 1947, a cunhada italiana Angela Nava Tirloni
- Em 1950, o cunhado italiano Emanuele Tirloni (aquele que tinha recebido em casa sua filha Elisabetta, e mais tarde se tornou sogro)
- Em 1957, a cunhada italiana Antonia Tirloni Galliani
- Em 1964, os cunhados italianos Eliseu Tirloni e Vitoria Tirloni Costa
- Em 1966, o cunhado italiano Vitorio Tirloni
- Em 1968, a cunhada brasileira Albina Tirloni Maestri



Os cunhados Tirloni de Agostino Pesenti (fotografia - vários anos)
 Em ordem de posição se vêem
 João Tirloni, Joana Morelli Tirloni, Rosa Tirloni Tridapalli
 Angela Tirloni Nava, Emanuele Tirloni, Antonia Tirloni Galliani
 Eliseu Tirloni, Vitoria Tirloni Costa, Vitorio Tirloni, Albina Tirloni Maestri

Com a morte desta última cunhada, Agostino viu desaparecer a família com quem talvez já não tinha um bom relacionamento por causa do que aconteceu há quase 50 anos atrás. Ele conseguiu sobreviver a todos!

Talvez esta tenha sido para ele uma pequena satisfação, mas seria de curta duração, porque logo depois o destino começou a cair sobre ele. Diz a Tia Olga que durante o inverno, nos primeiros dias de 1969, Agostino foi atingido por uma hemorragia cerebral que o deixou completamente paralisado em meia parte do corpo. Sua condição, sobretudo tendo em conta a idade realmente muito avançada, apareceu imediatamente como realmente séria, e não prometia nada de bom, tanto é que se decidiu não levá-lo a um hospital. Nada valeram os tratamentos que lhe foram ministrados. Agostino não demonstrava a menor melhora, e já não foi capaz de se recuperar.

Foi obrigado a ficar para sempre na cama, tinha necessidade de tudo, e dado que ele vivia na casa com a família de seu filho Bruno (e a relação com sua filha Maria estava estremecida) coube à nora Olga e suas netos assistir o velho patriarca ao longo de sua doença. Até o momento desta indisposição, Agostino sempre havia sido um homem muito saudável, e na verdade, não foram transmitidas notícias más de sua saúde ou de doenças precedentes. Chegado a esse ponto em sua caminhada terrena, sua forte fibra tornou-se praticamente contraproducente, já que o condenava a uma doença muito longa.

O homem que sempre tinha feito tudo sozinho, que tinha sempre magistralmente arranjado tudo sozinho, mesmo em face de muitas dificuldades, agora estava indefeso na cama, precisando de tudo. Para ele deve ter sido realmente humilhante e deprimente. Infelizmente, não sabemos se o derrame danificou apenas a mobilidade ou se afetou também a sua lucidez mental. Mas era quase de se esperar que a consciência de Agostino estava perdida para sempre, a ponto de não perceber o que estava acontecendo. Nós não sabemos se durante a sua longa doença, sua filha Elisabetta conseguiu chegar a seu lado para lhe dar um último adeus, mas não é impossível que tenha ocorrido. Talvez sua filha Maria tenha vindo visitá-lo, mas disso não temos certeza. Após 6 intermináveis meses, passados praticamente preso em sua cama, aos **28 de junho de 1969** o destino teve misericórdia dele: a morte pôde superar sua forte fibra, e Agostino finalmente foi libertado desta condenação tão brutal e indigna do homem que sempre tinha sido. Ele estava com 79 anos.

Na época de sua morte, seus três filhos estavam todos vivos. Isto não era óbvio, porque às vezes as pessoas que vivem tanto tempo, têm muitas vezes que suportar o triste destino de sobreviver à morte dos próprios filhos. Depois de todo o trabalho duro que suportou, mas especialmente após todas as desgraças que se abateram sobre ele (especialmente quando ele era jovem), pelo menos ele foi poupado da desgraça de enterrar filhos!

Como se disse, Maria não teve filhos. Então podemos dizer que os dados em nosso conhecimento de seus descendentes estão totalmente atualizados e completamente

confiáveis, e no momento da sua morte era avô de 10 netos: o maior (o Italiano Franco) tinha 21 anos, enquanto a menor (a francesa Denise) tinha 9 anos. Depois não nasceram outros netos. Por isso podemos dizer que Agostino havia conhecido todos os seus netos.

Não sabemos se sua filha Elisabetta pôde ter vindo pelo menos para o seu funeral. Mas há razão para acreditar que pelo menos deste momento ela pôde participar. Claro que não era fácil fazer uma viagem dessas, no entanto, agora já se estava na era moderna, e os aviões circulavam por todo o mundo. Por isso parece provável a possibilidade de sua presença na pequena aldeia de Allez-et-Cazeneuve para acompanhar seu pai em sua última jornada.

Seu corpo repousa ainda hoje no cemitério de Allez-et-Cazeneuve em um sepulcro, onde cerca de 30 anos depois foi sepultado seu filho Bruno.



Túmulo da família Pesenti (foto - ano 2012)

Hoje em dia todos os seus três filhos já faleceram (a último foi a sua filha Maria, em 2012). Seus descendentes são formados por 10 netos, todos ainda vivos, 20 bisnetos nascidos entre 1973 e 1993, e 7 trinetos, nascidos entre 2000 e 2012.

Esta família, dividida entre a Itália e a França sempre conseguiu manter a unidade e não raro aconteceram as mútuas visitas. Os descendentes de Bruno ainda vivem hoje em dia, todos concentrados na mesma área da França, onde Agostino sempre viveu. A sorte de ter a avó Olga ainda viva, agora tornada bisavó já a mais de uma década atrás, faz com que este grande núcleo permaneça ainda muito unido em torno da figura desta grande e generosa matriarca à qual temos de agradecer por sua grande generosidade.



A família de Bruno e Olga Pesenti (fotografias - em 1968 e 1996)
Os descendentes de Agostino e Francesca Pesenti, retratando quase todos juntos (mesmo alguns de Soresina) durante um casamento.

Os descendentes de Elisabetta ainda hoje em dia vivem praticamente todos concentrada na grande fazenda em Soresina e - como já foi mencionado no capítulo 9 - a

cada quatro anos, desde 2002, se encontram em uma grande reunião de família chamada de "Tirloni Day" (Dia dos Tirloni) que inicialmente fora concebido como uma reunião dos descendentes de Emmanuel Tirloni (da qual eles são uma parte integrante do grupo que resultou da união entre Elisabetta e primo de Alessandro) e, em seguida, em 2010 tornou-se uma reunião dos descendentes da grande família Tirloni na Itália.



A família de Elisabetta e Sandro Tirloni retratada no 2º Tirloni Day (fotografia - ano 2006)

Chegado ao fim, quero reiterar os meus mais sinceros agradecimentos ao nosso primo Freddy. Graças a ele (que serviu como intermediário entre eu e a avó Olga) foi possível realizar e completar esta história.